



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS

JOÃO BATISTA PICCOLI

ERECHIM SE TORNA BOA VISTA:
HISTÓRIA, CULTURA E POLÍTICA EM *COGUMELOS DE OUTONO* DE GLADSTONE
OSÓRIO MÁRSICO.

ERECHIM

2022

JOÃO BATISTA PICCOLI

**ERECHIM SE TORNA BOA VISTA:
HISTÓRIA, CULTURA E POLÍTICA EM *COGUMELOS DE OUTONO* DE GLADSTONE
OSÓRIO MÁRSICO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas,

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga.

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Piccoli, João Batista

ERECHIM SE TORNA BOA VISTA: HISTÓRIA, CULTURA E
POLÍTICA EM COGUMELOS DE OUTONO DE GLADSTONE OSÓRIO
MÁRSICO. / João Batista Piccoli. -- 2022.

170 f.

Orientador: Doutorado Gerson Wasen Fraga

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas, Erechim, RS, 2022.

JOÃO BATISTA PICCOLI

**ERECHIM SE TORNA BOA VISTA:
HISTÓRIA, CULTURA E POLÍTICA EM *COGUMELOS DE OUTONO* DE
GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO**

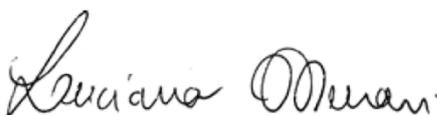
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, defendido em banca examinadora em 25/10/2022.

Aprovada em: 25/10/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga –
UFFS Presidente da
banca/orientador



Profª Drª Luciana Murari – PUCRS
Membro titular externo



Profª Drª Zoraia Aguiar Bittencourt – UFFS
Membro titular interno

Erechim/RS, outubro de 2022

*Dedico a todas as pessoas que
transparecem ser personagens de
livros.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família, mãe Enelita e irmão Anderson, que sempre me incentivaram a voltar aos estudos acadêmicos.

Aos amigos: Sian Alegre, que não admitia o fato de que, segundo ele, eu não fizesse um mestrado para mostrar minhas “aptidões” intelectuais que eu teimava esconder. Thiago Weschenfelder que durante muitos diálogos me lembrava de como deveria se desenvolver um bom trabalho acadêmico em todos os sentidos. E ao popular “Vinão da Massa”, que entre horas de tragos tornou-se testemunha de todo processo além de mostrar ser um exímio “ouvinte leitor” completo da obra que aqui se apresenta.

A todos os colegas, professores e professoras da Universidade Federal da Fronteira Sul de Erechim, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH).

As professoras componentes da banca examinadora Luciana Murari e Zoraia Bittencourt que deram um “toque e perfume” especial ao meu trabalho através de suas argumentações e sábios conselhos (pois eu sabia que elas eram as pessoas certas desde o começo).

E enfim um especial agradecimento para o orientador Gerson Wasen Fraga, que teve muita paciência, atenção e serenidade ao estilo “vai no teu ritmo” me orientando de forma excelente. A leitura de seu magnífico livro “Uma triste História de Futebol no Brasil – O Maracanaço” teve uma grande relevância para me inspirar a escrever.

Da mesma forma como se construiu no imaginário de Cogumelos de Outono através das teclas da máquina de escrever de Gladstone Osório Mársico, todas estas pessoas acima como outras não citadas se tornaram personagens importantes em cenários de dois anos de estudo e pesquisa, surgindo assim, da ficção para a realidade (ou vice e versa) um capítulo especial em minha vida.

Não posso acreditar que a vida seja diferente dos romances.

Érico Veríssimo

RESUMO

Através da prosa, possuindo uma característica literária no estilo satírico picaresco, *Cogumelos de Outono*, escrito em 1972 por Gladstone Osório Mársico, é um romance histórico regional onde a fictícia cidade de Boa Vista recebe, como integrantes de uma novela, personagens engraçados que habitam naquela localidade, ao mesmo tempo em que figuras históricas lendárias participam indiretamente e diretamente da trama, como quando da visita de Getúlio Vargas ao município. Isso tudo se passa em meados dos anos trinta durante a Segunda Guerra Mundial, quando dentro da cidade um grupo de supostos fanáticos nazistas se inspiram politicamente ao recriar um movimento semelhante ao que ocorria na Alemanha. O que se percebe é que ao ler o livro, notamos que Boa Vista remete de forma semelhante, tanto historicamente quanto geograficamente, a Erechim, cidade onde o autor realmente viveu. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar este meio de convívio, ou seja, onde e como ocorreu esse processo de relacionamento com o meio, suas percepções, imaginário, fusão e criação. Qual a inspiração dos personagens de Mársico na realidade em que ele vivia (com ênfase principal nos aspectos políticos, ideológicos e culturais), a história, pontos geográficos e como na ficção se mesclam para construir, recriar, modificar a memória coletiva. A pesquisa, portanto, torna evidente estes elementos citados no desenvolvimento da memória coletiva de Erechim daquele período, fazendo um paralelo entre a imaginação literária do escritor com o contexto histórico em que ele estava inserido. A relação entre a literatura e a história com aspectos relacionados entre a ficção e a realidade se torna essencial do ponto de vista teórico, além de compreender o estilo de escrever do autor baseado no satírico e picaresco. Além do estudo baseado na obra em si, o presente trabalho também engloba tanto uma pesquisa bibliográfica como uma pesquisa documental em acervo *post mortem* do escritor.

Palavras-chaves: *Cogumelos de Outono*. Literatura. História. Erechim. Gladstone Osório Mársico.

ABSTRACT

Through prose, having a literary characteristic in the picaresque satirical style, *Mushrooms of Autumn*, written in 1972 by Gladstone Osório Mársico, is a regional historical novel in which the fictional city of Boa Vista receives, as members of a novel, funny characters who inhabit that locality, while legendary historical figures participate indirectly and directly in the plot, as when Getúlio Vargas visited the city. This all takes place in the mid-thirties during World War II, when within the city a group of supposed Nazi fanatics were politically inspired by recreating a movement similar to what was happening in Germany. What we can see is that when we read the book, we notice that Boa Vista refers in a similar way, both historically and geographically, to the city where Mársico actually lived, that is, Erechim. Therefore, the present work has the proposal to identify this environment of conviviality, that is, where and how this process of relationship with the environment, its perceptions, imaginary, fusion and creation took place. What was the inspiration of Mársico's characters in the reality in which he lived (with main emphasis on political, ideological and cultural aspects), history, geographical points and how in fiction they mix to build, recreate, modify collective memory. The research, therefore, makes evident these elements mentioned in the development of the collective memory of Erechim of that period, making a parallel between the literary imagination of the writer with the historical context in which he was inserted. The relationship between literature and history with related aspects between fiction and reality becomes essential as a theoretical point of view of the work, in addition to understanding the author's writing style based on the satirical and picaresque. In addition to the study based on the work itself, the present work also encompasses both a bibliographic research and a documentary research in the writer's post mortem collection.

Keywords: Autumn mushrooms. Literature. History. Erechim. Gladstone Osório Mársico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA E HISTÓRIA: POSSIBILIDADES E CONEXÕES	22
2.1 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE	23
2.2 USO DA LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA	27
2.3 GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO E O ESTILO SATÍRICO PICAresco	31
3 ANÁLISE HISTÓRICO-FICCIONAL E ASPECTOS IDEOLÓGICOS	39
3.1 SÍNTESE DA OBRA E PERSONAGENS FICTÍCIOS (OS BOAVISTENSES)	40
3.2 PERSONAGENS HISTÓRICOS	51
3.2.1 Líderes ovacionados: O Fuehrer, Duce e Plínio Salgado	53
3.2.2 “O pai dos pobres” em Boa Vista: Getúlio Vargas	56
3.2.3 “O velho Borges” de Medeiros	61
3.2.4 Coadjuvantes históricos e suas passagens discretas	64
3.3 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO TEMPO HISTÓRICO	69
3.4 ENTRE O NAZIFASCISMO E O RACISMO.	74
3.5 O DISCURSO ANTICOMUNISTA	79
3.6 A CIDADE IMAGINÁRIA DE BOA VISTA	83
4 ANÁLISE POLÍTICO-SOCIAL E RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DE ERECHIM ANOS DE 1918 A 1945	89
4.1 BOA VISTA SE TORNA ERECHIM: FUNDAÇÃO E OS PRIMEIROS TEMPOS DA CIDADE	90
4.2 ASPECTOS GEOGRÁFICO E URBANO NOS ANOS 30 E 40	95
4.3 OS “BERNARDOS” DA REALIDADE: MOVIMENTO INTEGRALISTA E NAZIFASCISTA NO RIO GRANDE DO SUL	118
4.3.1 Germes ideológicos do fascismo e nazismo e a influência germânica	119
4.3.2 Características eurocêntricas no nazismo e integralismo brasileiro	123
4.3.3 O movimento Integralista na região norte do Alto Uruguai	127
5 OUTRAS CONEXÕES: BASTIDORES E IMPACTOS REAIS NA IMPRENSA POR COGUMELOS DE OUTONO	143
5.1 IMPRENSA	144
5.2 CARTAS	148
5.3 AUTOCRÍTICAS, APRENDIZAGEM E ENFIM UM NOVO LIVRO	152
5.4 O MESTRE	155
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	161
ANEXOS	167

1 INTRODUÇÃO

Quando se pensa na literatura ficcional, deixando um pouco de lado o foco na ficção e criação do imaginário onde se desenrolam o enredo e as relações entre os personagens, pode-se perceber outras características na obra literária, entre elas, a memória histórica em que a obra é inserida.

Nesse sentido, a maioria das obras literárias clássicas teve como pano de fundo um período histórico determinado, permitindo que os personagens pudessem ser identificados no seu devido tempo e lugar no mundo. Para isso, o meio, o espaço geográfico e os tempos históricos caracterizam os personagens em seus mais variados aspectos, como o social, cultural, étnico, religioso.

Para citar um exemplo singular, é possível nos remeter às grandes obras de Homero, como por exemplo, “A Ilíada” e “A Odisseia”, onde fazemos uma viagem de volta ao tempo arcaico da Grécia Antiga, quando os estados gregos ainda viviam em um estágio de desenvolvimento de sua sociedade. Os personagens possuem características que são determinantes para lembrar da história daquele período mais obscuro, como também suas fases posteriores. Segundo Gomes:

O valor que estas duas obras encerram, pelo fato de serem os mais remotos caminhos de apreensão das iniciais tradições que servem de fundamento a uma cultura que, ao se solidificar, forneceu, para todos os povos civilizados, o arquétipo de vida a ser adotada nos mais variantes campos, desde a política e a arte até à filosofia e à ciência (Gomes, 2011, p. 4).

É possível lembrar também do espanhol Miguel de Cervantes e sua excelente obra “Dom Quixote de La Mancha”¹, que remete a um período histórico de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna na região da península Ibérica, na Espanha, onde percebe-se o autor rebuscar com forma satírica, características daquele primeiro período, principalmente quando percebe-se a nostalgia cavaleiresca que o “engenhoso fidalgo” ainda sente em relação às fases medievais, em que os cavaleiros eram idealizados como figuras heroicas.

Ao mesmo tempo, no desenrolar desta mesma história, observa-se outros personagens e cenários, novelas dentro do próprio livro, estalagens, bosques, cidades provincianas e

¹Publicado entre 1605 e 1615 durante o Renascimento.

corporações de ofício onde o leitor imagina-se dentro de vilarejos medievais do território espanhol, ao mesmo tempo em que se problematizam e se resolvem os conflitos entre os ideais quixotescos com as novas realidades que darão origem a era moderna.

Ao adentrar na literatura brasileira em um sentido mais amplo, fazendo a leitura de livros que perpassam o período Monárquico para o Republicano, em meados do século XIX, através de obras como por exemplo de Machado de Assis, Olavo Bilac à Aluísio de Azevedo, percebe-se personagens e contextos históricos inseridos naquele sistema econômico agroexportador, onde o café é o produto primordial daquela economia, primeiramente com base na mão de escrava e mais adiante de imigrantes europeus assalariados, ao mesmo que tempo que presencia-se o início da urbanização das cidades com a configuração social das classes burguesas e proletárias.

Na literatura gaúcha, conta-se como exemplo a obra “O Tempo e o Vento”², de Érico Veríssimo, onde o tempo histórico da trilogia se desenrola em três séculos, advindo de um período anterior que vai desde às missões jesuíticas nos século XVIII, passando pelas revoluções farroupilhas e federalistas durante o século XIX e se finalizando já em meados do século XX com a Era Vargas. Segundo Perin:

O Tempo e o Vento é considerado a obra-prima ou o marco na carreira literária do escritor e ele desejava reunir toda a história do Rio Grande do Sul em apenas um livro, mas foram necessários mais dois volumes para encerrar a sua empreitada (Perin, 2000, p.3).

Além de Érico Veríssimo, ressalva-se outros escritores gaúchos de renome, que muitas vezes usaram de um contexto histórico para desenvolver suas obras, como Josué Guimarães, Moacyr Scliar e Dyonélio Machado, muitos destes adentrando períodos que remetem ao século XX.

Pois é na literatura gaúcha daquele período, entre tantos outros, que também se encontra Gladstone Osório Mársico (1927-1976). O escritor nasceu em um pequeno município próximo e viveu a maior parte da sua vida na cidade de Erechim, onde exerceu a profissão de advogado, além de ser uma figura conhecida na sociedade local. Também foi vereador por um curto período de tempo, além de exercer outras atividades. No entanto, paralelamente, se dedicou à literatura, sendo que após a sua morte, foi esta função que lhe deixou mais conhecido na história da cidade, como também regionalmente.

²A obra, foi dividida em três partes: “O continente”, “O retrato” e “O Arquipélago”, publicadas respectivamente em 1949, 1951 e 1962

Quando escreveu seus livros, Gladstone se aprimorou na arte de personalizar, de forma cômica e satírica, os personagens de suas obras. Essas, em suas variadas formas, possuíam características que flertavam com a política, com a religiosidade, com a cultura local e os hábitos corriqueiros dos cotidianos. Mais especificamente, carregavam princípios étnicos e culturais ligados à colonização de imigrantes no norte do Estado do Rio Grande do Sul, além da influência religiosa predominantemente católica e também judaica.

Ao mesmo tempo, vale salientar que no meio sociocultural em que vivia o escritor, foi de muita importância a observação e assimilação das características de pessoas comuns e figuras públicas do meio em que vivia, servindo assim de suporte para a criação de seus personagens fictícios. Diante disso, Mársico usou também como suporte contextos e eventos históricos, muitas vezes paralelos, para desenvolver as tramas novelescas de sua literatura.

Portanto, o que se torna relevante para este trabalho, é ter em vista primeiramente esses aspectos que fazem com que a literatura e a história até então conectadas em um livro sejam reveladas através da realidade vivida pelo escritor.

Para isso, o seguinte trabalho propõe realizar uma análise histórica de um dos livros mais populares do escritor, *Cogumelos de Outono*, partindo dos tempos e espaços geográficos estabelecidos dentro do livro, da realidade em que o escritor estava inserido, bem como da percepção de sua própria realidade, ou seja, das pessoas, fatos, movimentos e outros aspectos que alimentaram seu senso artístico.

Além disso, propõe-se também definir as características culturais, políticas e ideológicas cruzando a realidade e ficção vividas pelo autor, sendo o resultado de seu trabalho o ponto intermediário entre ambas.

O estudo da memória individual e coletiva de um povo é pertinente para compreender as práticas sociais, seus saberes culturais, políticos e econômicos. Os atores e agentes sociais são protagonistas nesse processo que organiza, configura e modifica a sociedade. No entanto, cabe evidenciar e analisar de maneira mais minuciosa quem são esses agentes e o modo como eles operam e impulsionam esses movimentos citados anteriormente.

Entre os mais variados tipos de atores sociais, além dos que representam as mais variadas camadas na sociedade, costumam destacar-se as “figuras ilustres e notáveis” de qualquer comunidade que, por sua importância, servem de porta-vozes para manifestar os pensamentos, crenças e filosofias de determinados grupos em comum com suas tendências ideológicas. Entre esses podemos citar políticos, figuras jurídicas e comerciais da área da saúde, segurança, educação, jornalismo, esportes, bem como líderes religiosos, pessoas ligadas ao entretenimento, à vida boêmia dos bares e afins. Nestes espaços, estas figuras se

relacionam de alguma maneira com artistas, músicos e escritores, servindo-lhes por vezes de inspiração.

Entre estes últimos citados, no caso , os escritores, se encontra o estilo literário fictício, ou seja, o romance, que possui uma grande importância para recriar o imaginário coletivo através de variadas formas, como por exemplo a comédia, o drama, a tragédia e o satírico, transpondo para suas páginas medos, anseios, alegrias e tristezas, entre os variados sentimentos e pensamentos do povo. Enfim, a percepção da realidade transformada em fantasia. Vasconcelos salienta que:

A dinâmica da forma-romance emerge, assim, nas suas mais variadas vertentes, como narrativas de fundação, relatos da vida cotidiana, histórias de sondagem da interioridade, da experiência urbana, dos embates entre o indivíduo e a sociedade, do sobrenatural, dos recônditos da alma humana (Vasconcelos, 2010, p. 188).

Sendo assim, um autor de livros é agente passivo e ativo do meio, ou seja, sofre a influência da sociedade em que vive e, por sua profissão, passa a representar e atuar sobre os dilemas e conflitos sociais e existenciais adquiridos, mesclados com sua própria experiência de vida e reflexão filosófica para posteriormente, através da criação imaginativa, desenvolver suas obras.

Gladstone Osório Mársico foi representante influente do meio onde viveu. Como já mencionado, sua profissão foi a de advogado, porém foi no meio literário que ele acabou se tornando mais célebre, chegando a certo momento a estar entre as grandes figuras da literatura regional, alcançando notoriedade no lançamento em 1972 de *Cogumelos de Outono*³.

A importância do autor para o presente trabalho é que em seus escritos, na maioria das vezes, se situavam num espaço histórico regional particular, ou seja, suas histórias se passam na cidade e região onde ele nasceu e conviveu a maior parte de sua vida. Nisso, ele recria um imaginário que acaba retratando o meio em que viveu de forma reflexiva, satírica e mordaz, transformando-a em arte para a posteridade.

Portanto, devido a seu grande entendimento político e social e uma grande observação da sociedade, Mársico estabeleceu uma ligação em seus livros com os principais acontecimentos nacionais e internacionais daquele período histórico, desenvolvendo em seus

³ Os livros lançados pelo escritor foram: *Minha morte e outras vidas* (1958), *Gatos à paisana* (1962), *Cogumelos de Outono* (1972), *Cágada* (1974) e *Forúnculo* (1994) póstumo. A princípio o projeto de pesquisa englobava os cinco livros de Gladstone, porém resolvi dar relevância notória a “*Cogumelos de Outono*” por ser o que mais possuía características semelhantes a cidade de Erechim, além de possuir maior conteúdo histórico.

personagens as tendências da época em seus variados aspectos, sem se esquecer de salientar as características do meio onde viviam os mesmos.

Fazendo o sentido inverso, transpondo da ficção para a realidade, muitas de suas criações vieram da assimilação de personalidades, contextos políticos e históricos rebuscados. Percebe-se que a maioria das ficções possuem uma grande dose do que acontece no dia-a-dia, havendo uma mistura entre as duas esferas, ou seja, a literatura e a história de uma maneira interessante. Para o pensador Chartier:

A relação entre literatura e história pode ser entendida de duas maneiras. A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. Para semelhante perspectiva é necessário compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal. Mas há uma segunda maneira talvez mais inesperada de considerar a relação entre literatura e história. Procede ao contrário, isto é, descobre em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético. Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam a “instituição literária” (Chartier, 1999, p.197).

O presente trabalho tem como um dos seus objetivos identificar onde e como ocorre esse processo de relacionamento, fusão e criação, qual a inspiração dos personagens de Mársico na realidade em que ele vivia, com ênfase principal nos aspectos políticos, ideológicos e culturais, a história, lugares e como se mesclam para construir, recriar, modificar a memória coletiva através da ficção.

Nesse caso, o estudo da literatura com a história possui como característica a interdisciplinaridade. A memória coletiva não fica mais restrita somente aos estudos das ciências humanas, e passa a entender a construção do fictício através do real, e vice-versa. A ficção se torna uma importante ferramenta que também constrói a história e, no caso da emergência de nossa sociedade, o entendimento da psique de um autor, que se relaciona ao meio onde está inserido, junto com suas lembranças, memórias e conhecimento.

Ao fazer a releitura dos livros de Gladstone Osório Mársico, principalmente sua obra principal, chega-se à percepção de que o autor desenvolveu uma literatura ficcional com muito sentido histórico. Na obra em questão, *Cogumelos de Outono*, apesar da troca de nomes de personagens, lugares geográficos e afins, é inegável a presença marcante da história do Rio Grande do Sul, como também fazendo uma ligação com fatos da história do Brasil e do mundo, perpassando a primeira metade do século XX.

Além disso, no livro a cidade fictícia em questão se chama “Boa Vista”. Ao fazer a leitura, o leitor sente-se adentrar em uma outra cidade verídica, percebendo semelhanças com a mesma: Erechim. Nota-se aspectos geográficos locais, avenidas, praças e uma história similar, ou seja, passeia-se pela cidade de Erechim enquanto caminha-se ao mesmo tempo por “Boa Vista”⁴.

À medida que a história do livro vai acontecendo, também observa-se que os personagens e movimentos são característicos do período histórico determinado pelo autor, entre 1918 a 1945.

Ao mesmo tempo, aparecem às vezes personagens históricos relevantes, que visitaram a cidade em algum período, como é o caso do presidente Getúlio Vargas e Flores da Cunha, estes que chegaram a participar de forma direta do enredo em algum momento. Também são citadas, de forma indireta, outras figuras históricas gaúchas, como, por exemplo, Borges de Medeiros e Oswaldo Cordeiro de Farias.

Achei interessante, portanto, me desafiar a estudar essa obra mais a fundo, fazendo uma relação com a história de Erechim daquele período, e neste sentido identificar fatos e movimentos históricos regionais que aconteceram naqueles tempos e tentar, se possível, religar a memória do autor com o meio em onde vivia e, assim, fazer uma releitura da história de Erechim daqueles tempos idos através do olhar de um escritor.

Quando desenvolvi esta proposta, tive que estar ciente que o escritor viveu parte de sua vida em Erechim durante o período em que a história se passa no livro. Outras tantas, buscou a história da própria cidade para recriá-la na obra de um jeito imaginário, ou seja, Erechim se tornando “Boa Vista”.

Neste sentido, pude refletir sobre até que ponto a obra ficcional que demonstra semelhanças de pessoas e lugares com o real deve conter memórias perceptivas do autor durante aquele período. Ao mesmo tempo, trouxe percepções do período que foi escrita, fazendo uma mescla de realidades de dois tempos aproximados.

Como já comentado, em seu meio de vivência, Mársico deve ter identificado lugares e assimilado várias personalidades, pessoas do cotidiano com quem se relacionava, até pessoas destacadas nos meios sociais, religiosos e políticos daquela comunidade. Deve ter sido

⁴ O que dá nome ao título deste trabalho: Erechim se torna “Boa Vista”. Aliás, Boa Vista já foi um dos nomes da cidade no período de sua formação. A inaugurada Colônia Erechim, foi chamada de “Paio Grande” antes de se tornar Município em 1918, quando se tornou “Vila Boa Vista”. Logo após em 1922 seu nome foi batizado “Boa Vista do Erechim”, e em 1938 passou a se chamar “José Bonifácio”. Definitivamente o nome “Erechim” (Campo pequeno) se tornou fixo em 1944 até os dias atuais.

testemunha de movimentos históricos que aconteceram na cidade de Erechim naquele período e também manifestações políticas de cunhos variados.

Sendo assim, em primeiro momento, me baseei nesta suposição principalmente ao fazer, como já mencionado, a leitura do livro, onde tive a possibilidade de me transportar para dentro da fictícia cidade de Boa Vista. Particularmente, vivi na cidade de Erechim um tempo considerável para absorver a realidade da mesma em seus aspectos culturais, geográficos e históricos e, ao mesmo tempo, me graduei como professor de história e digamos que tive uma boa dose de estudos e observações históricas da cidade para entender certos aspectos da mesma⁵.

Percebi que a fictícia Boa Vista, do livro, era muito similar com a cidade de Erechim, com o detalhe de o tempo histórico ficcional estar inserido entre os anos da formação e desenvolvimento inicial da cidade, ou seja, 1918 a 1945.

A pesquisa, portanto, deveria tornar evidente esses traços no desenvolvimento da memória coletiva de Erechim daquele período, fazendo um paralelo entre a ficção literária do escritor com o contexto histórico em que ele estava inserido.

Esta referida primeira leitura em forma de análise e anotação de caracteres, portanto, foi necessária e muito importante para o início do desenvolvimento da pesquisa, identificando as características culturais, políticas e ideológicas de alguns dos principais personagens, tanto os fictícios quanto os históricos.

Também fez sentido fazer uma análise e juntar pontos e características no livro sobre a cidade fictícia de “Boa Vista” para entender a sensação de similaridade que o leitor tem com a cidade de Erechim, ou seja, trechos que constroem sua história e traçam seus aspectos urbanos dentro da obra e, além disso, os movimentos e pensamentos políticos e sociais que se manifestaram dentro do romance. Por conta disso, os fatos e tempos históricos de nível nacional e internacional que o escritor sobrepõe à trama, foi de extrema importância⁶.

Em segundo momento, agora partindo da ficção para a realidade, necessitou-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica da história de Erechim e de outros caracteres na qual

⁵A primeira vez que li o livro foi há muitos anos atrás, quando andava pelos corredores da Biblioteca Municipal Gladstone Osório Mársico. Sim, o nome da biblioteca era em homenagem ao escritor, e isso me deixou curioso. Ao me deparar com o livro, “um tijolo de mais de 700 páginas” onde na capa, além do nome poético, havia símbolos de cogumelos com a suástica nazista, me levou a alocar e ler o livro. Como eu supunha, não havia uma apologia ao nazismo, mas pelo contrário, uma sátira e deboche intenso ao mesmo. Mas o que mais chamou a atenção, foi a naturalidade com que o livro me fazia rir, além das semelhanças que a cidade fictícia de “Boa Vista” tinha com Erechim em vários aspectos. Me senti tão identificado com a obra, que me indaguei se talvez um dia ela não pudesse se tornar um trabalho de estudo.

⁶ Como no caso da Segunda Guerra Mundial (1938 a 1945) e o período da história nacional chamado de a “Era Vargas” (1930 a 1954).

perpassa a realidade daqueles tempos idos. Os movimentos políticos, principalmente o Integralista, com hipóteses da influência do nazifascismo no Rio Grande do Sul tiveram um enfoque especial, já que eram um dos assuntos principais da ficção. Ao mesmo tempo, as características geográficas de Erechim foram analisadas para a possível comparação com os aspectos geográficos de Boa Vista.

Obviamente que após isso, as comparações e paralelos começaram a ser esboçados, para enfim chegarmos ao que foi pretendido, ou seja, ao estabelecimento dos laços entre ficção e realidade que serviram de base para escrever o livro.

Para complementar e adentrar na visão pessoal do escritor, relacionado com sua obra, também houve uma pesquisa documental, esta que anexou mais arquivos e outros documentos do mesmo, como cartas pessoais e publicações na imprensa. O objetivo era entender não apenas o sentido do livro, mas também as atividades paralelas que o escritor viveu para construir a obra, suas próprias visões que possam ter dado influência no desenvolvimento da escrita, como também sua exposição ao público e a crítica literária e jornalística após o lançamento do livro.

Paralelamente, foram realizadas pesquisas através de artigos e livros que refletissem sobre a literatura e a história e as suas conexões através do tempo, que se tornaram necessárias para que se construísse uma base teórica que explicasse o sentido de se fazer uma literatura de romance histórico.

É de fato inegável que durante toda a história, desde a idade antiga, a literatura também foi uma das formas usadas para relatar os acontecimentos e muitas das características sociais, econômicas, políticas e culturais das mais variadas sociedades. No entanto, buscou-se definir as semelhanças e diferenças de como um historiador recria e expõe os fatos históricos e as maneiras de como um escritor de literatura usa suas memórias e conhecimentos históricos para desenvolver sua ficção.

Nesse sentido, há uma relação entre a ficção e a realidade, em que os fatos históricos muitas vezes são reconstruídos através da percepção do autor de sua realidade e a forma como ele a subjetiva. A pretensão, portanto, foi discutir as relações entre a literatura e a história e suas possibilidades de conexões, ou seja, o uso da literatura como fonte histórica.

Neste que se tornou o primeiro capítulo do trabalho, usamos de autores como por exemplo Roger Chartier, que faz uma reflexão interessante sobre as relações entre as duas esferas, história e literatura e as relações ficcionais desenvolvidas entre as mesmas. Ao mesmo tempo, a professora e historiadora Luciana Murari me fez compreender o uso da história do Rio Grande do Sul dentro da literatura gaúcha, já que Gladstone usa de muitas

características regionais dentro do livro, principalmente a relação dos personagens com movimentos históricos do próprio estado.

Para reelaborar a biografia do escritor, usei o livro “100 razões para viver sem medo de morrer”. Uma breve história dos 100 anos de Erechim” desenvolvido pelo pesquisador João Francisco Campello Dill.

E entre outros⁷, foi essencial neste capítulo também refletir sobre os estudos da professora Vera Beatriz Sass sobre o estilo de escrever do escritor, ou seja, o satírico e o picaresco.

No segundo capítulo foi construído o estudo da obra em questão, ou seja, *Cogumelos de Outono*. Além da sintetização breve da obra, identificaram-se os personagens, tanto ficcionais como históricos.

Entre estes últimos, que participam muitas vezes de maneira direta e indireta no livro e que são as sombras que perpassam todo o imaginário da obra dando seu sentido histórico, colocamos como destaque a figura política do ex presidente Getúlio Vargas, já que sua participação no livro como visitante da cidade é um dos momentos clímax, como também o ex-interventor do estado Borges de Medeiros, já que a fundação de Boa Vista, como também Erechim, só tem sentido através da “assinatura de sua pena”, ou seja, os que decretaram sua fundação.

As figuras de Hitler e Mussolini, o “*Fuhrer* e o *Duce*”, respectivamente, também foram estudados no livro e transpostos para o capítulo, como também de “Plínio Salgado”, já que estes são os símbolos políticos usados na obra, através do movimento integralista com influência do nazifascismo que havia na fictícia cidade.

Por conta disso, foi relevante esboçar também sobre como Mársico construiu o cenário através dos eventos que ocorriam durante a Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que o movimento nazifascista sofria influência dentro de Boa Vista. O discurso anticomunista pelos seus partidários também foi destacado, como também o discurso racista que ia além dos próprios partidários para alguns habitantes da cidade formada por colonos imigrantes alemães e italianos.

A partir deste ponto do segundo capítulo, analisaram-se as características geográficas da cidade fictícia de “Boa Vista”, como praças, avenidas, prédios públicos e particulares

⁷ Neste primeiro capítulo também citamos Gabriela de Lima Grecco, Sandra Pesavento, Ariovaldo Lopes Pereira e Isaias Martins Souza, Maria Lucia da Silva Nunes, Lia Machado Fiuza e Charliton José dos Santos Machado, e foram importantes para refletir sobre as relações culturais com a história e a literatura.

citados, entre outros. É importante ressaltar que foi muito relevante esta identificação para posteriormente fazermos o paralelo com as características da própria cidade de Erechim⁸.

O terceiro capítulo teve como início de estudo da história de Erechim até metade do século XX, ou seja, um breve resumo de sua origem e desenvolvimento e a identificação dos aspectos reais da geografia urbana, ou seja, a identificação real da cidade de Boa Vista começa a se tornar semelhante com a da cidade de Erechim.

Ao mesmo tempo em que este estudo vai acontecendo, neste mesmo capítulo, procura-se estabelecer uma conexão e identificação com trechos do capítulo anterior onde se evidencia a relação entre fatos, acontecimentos e aspectos da realidade com a ficção estudada na obra.

Ao citar trechos e menções contidas no livro, ao mesmo tempo coloquei afirmações históricas da cidade real e usei para isso dois livros muito importantes que relatam a história da mesma e que foram elaborados por um grupo de pesquisadores em tempos distintos, ambos liderados pelo historiador Enori José Chiaparini. Um deles foi o “Álbum Fotográfico da história de Erechim” e o outro “Erechim: Retratos do passado. Memórias do presente”⁹ Além disso, optei por usar fotos, algumas antigas e outras recentes, para explicar os locais identificados.

Além destas acima, a obra “O grande e velho Erechim: Ocupação e colonização do povoado de formigas (1908-1960)”, de Jane Gorete Seminotti Giaretta também foi auxiliar no desenvolvimento da origem da cidade.

Adentrei a partir daí ao estudo que considerei com umas das partes mais importantes e de aspecto político do livro, ou seja, compreender o movimento Integralista na cidade de Erechim, já que foi relevante para a construção da trama e dos personagens que seguiam o mesmo movimento na obra de Gladstone. Para isso, foi desenvolvido um estudo cronológico que tem como base a influência do nazifascismo no Brasil e na região Sul do país, como também do movimento integralista liderado por Plínio Salgado.

Entre outras observações, uma questão foi levantada: se realmente os simpatizantes do integralismo eram realmente em sua maioria a favor dos ideais do fascismo e nazismo europeu ou havia certas contradições? Para refletir sobre isso, foi usado como referências a tese de Natália dos Reis da Cruz “O Integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio” e René Gertz com o texto “Integralismo, nazifascismo e neonazismo no sul do Brasil”.

⁸ Neste segundo capítulo, é importante observar que predominantemente foi usado o próprio objeto de estudo, ou seja, o livro Cogumelos de Outono como fonte, já que a ideia é relembrar a história fictícia através das próprias citações do livro.

⁹ 2007 e 2012 respectivamente.

A reconstrução da história do Integralismo no Brasil, Rio Grande do Sul e na região do Alto Uruguai foi compreendida principalmente através das obras “Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30” de Héliog Trindade, como também “Perigo Verde: O integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938) de Fausto Alencar Irschlinger. Mais algumas informações detalhadas foram tiradas do trabalho de graduação de Orlando de Miranda Filho denominado “Por Cristo e pela Pátria! O integralismo e o PRP no Grande Erechim (1932-1964)”.

O quarto e último capítulo¹⁰ teve um ponto de vista diferente e foi desenvolvido com os dados obtidos através da pesquisa documental do escritor. A repercussão na imprensa após o lançamento de *Cogumelos de Outono*, principalmente nos jornais Correio do Povo e inclusive um artigo crítico na revista Veja (de circulação nacional), foram importantes para refletir sobre as expectativas, o impacto e o recebimento da crítica literária e jornalista com relação à obra.

Ao mesmo tempo, as cartas escritas por Mársico a seus correspondentes, uma em especial, destinada ao dono do Correio do Povo, Caldas Júnior, falando sobre a amizade de do escritor com Érico Veríssimo, fecham o capítulo, demonstrando as ansiedades, felicitações e frustrações do escritor diante da obra. Usei o termo “bastidores” para definir este trecho, já que ele possui a característica de adentrar outro aspecto de *Cogumelos de Outono*, ou seja, a idealização, construção e relação com seu próprio criador.

Gladstone Osório Mársico acabou se tornando uma figura conhecida e popular nos meios literários de Erechim, e é mencionado como um dos grandes símbolos literários da cidade, dando nome a biblioteca municipal, como já comentado.

Por conta desta popularidade, em relação ao estado de conhecimento, podemos dizer que já houve algumas pesquisas e estudos sobre o escritor que já foram desenvolvidos no passado e, temos como principal destaque o livro chamado “O Satírico e o Picaresco em Gladstone Osório Mársico da já citada, Vera Beatriz Sass, que foi a dissertação de mestrado da autora no ano de 1990 pela PUC¹¹.

Também houve o desenvolvimento da dissertação de Adilson Barbosa em 2009 sobre o nome “Cágada: riso, humor e representação”. Nele Barbosa faz uma reflexão de como

¹⁰ Resolvi separar em um último capítulo curto extra para dar um sentido singular em relação aos outros capítulos, já que este teve um enfoque relacionado mais aos eventos externos e particulares do desenvolvimento da obra.

¹¹ Vera Beatriz Sass além de ter sido amiga do autor e ter desenvolvido projetos de estudo relacionados a ele, coincidentemente deu aulas de literatura histórica para mim durante a minha graduação.

Gladstone usou da sátira para contextualizar a colonização judaica no Rio Grande do Sul e o Golpe Militar de 1964.

Outro destaque são os estudos recentes da historiadora e professora Gláucia Elisa Zinani Rodrigues, da Universidade de Passo Fundo (UPF). Sua dissertação de mestrado “A representação do Imigrante judeu na literatura do Rio Grande do Sul: Cágada e o Exército de um homem só” de 2019 tem como foco de estudo o livro *Cágada* lançado após *Cogumelos de Outono*. A mesma escritora também publicou o artigo “Cágada: Ficção e realidade na colônia judaica de Quatro Irmãos”.

E enfim, vale lembrar que, sob uma ótica diferente, houve um trabalho de especialização em Gestão de arquivos pela Universidade de Santa Maria em 2017 denominado “Patrimônio documental: Um estudo sobre a preservação do arquivo pessoal do Dr. Gladstone Osório Mársico” por Daniele Rosa Monteiro¹².

O presente trabalho se torna necessário a nível acadêmico e sob a ótica das ciências humanas para ampliar os estudos que possuam aspectos interdisciplinares¹³ ao mesmo tempo que avança no sentido de identificar culturalmente a história de Erechim de uma maneira diferente da historiografia normal, ou seja, partindo de uma observação de fontes literárias originais de um escritor.

Como último aspecto e de suma importância, salienta-se que não se pretendeu no presente estudo citar pessoas reais e seus respectivos nomes, a não ser em alguns detalhes mais conhecidos, principalmente por conta da dificuldade e possibilidade de erros, falhas e injustiças que isso levaria diante da distância geográfica e histórica do livro e de sua contraparte real. Portanto, a síntese aconteceu quando, ao final deste trabalho, chegou-se à conclusão das formas como Mársico estabeleceu, em sua ficção, paralelos diversos com a realidade por ele percebida em um sentido amplo e coletivo e não visando particularidades.

¹² Este acervo se encontra na própria biblioteca municipal de Erechim e foi desenvolvido pela própria Vera Beatriz Sass entre 1989 e 1992.

¹³ O que é um dos objetivos do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PGICH) da UFFS.

2 LITERATURA E HISTÓRIA: POSSIBILIDADES E CONEXÕES

“Uma razão para viver? Escrever”. G.O.M

Durante o século XV e XVI, a Espanha viveu dias de glória em sua história. Foi o período em que ela se afirmou entre as grandes monarquias absolutistas da Era Moderna. Os reinos de Castela, Leão e Aragão unificaram-se com o casamento de Fernando (de Aragão) e Isabela (de Castela e Leão). Dessa união, resultou a formação da Monarquia Espanhola que no ano de 1492 expulsou o último reduto islâmico do sul da Península Ibérica.

Outro grande evento desta nação neste período foi desenvolver de maneira eficiente sua tecnologia náutica “além-mar” e se tornar uma das precursoras dos “descobrimientos” marítimos levando ao encontro com os povos nativos que habitavam o posteriormente chamado Continente Americano.

Foi na euforia daqueles séculos que viveu na Espanha o escritor Miguel de Cervantes Saavedra¹⁴, o conhecido autor de *“El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha”*. O livro tem como importância ser um dos primeiros que representam a identidade moderna transcendendo o espírito medieval. É a principal obra da literatura espanhola.

Esta magnífica e inovadora obra para época, de estilo satírico, possui como uma de suas grandes características a mescla de ficção e realidade, envolvendo personagens tragicômicos ao mesmo tempo que tem como cenário a história da Espanha e da Europa daquele período.

A literatura e a história sempre tiveram uma profunda conexão, no entanto, quando pensamos nos meios universitários, durante muito tempo não houve a aceitação de que poderia haver um estudo da relação entre essas duas disciplinas. Sendo assim, cada uma dessas era estudada separadamente. Segundo Grecco:

Desde a segunda metade do século XIX, quando a História tornou-se disciplina acadêmica, o emprego da palavra fonte estava fundamentado na ideia de que os documentos utilizados pelo historiador deveriam ser oficiais (como atas públicas, relatórios, correspondência diplomática, decretos, entre outros). Este ponto de inflexão na disciplina da História deu-se com a refutação do historiador alemão Leopoldo Von Ranke ao determinar o famoso *wieeseigentlich*, ou seja, o retratado dos fatos como eles ocorreram. Dentro desta perspectiva, os textos literários, bem como outras fontes

¹⁴Miguel de Cervantes Saavedra (Alcalá de Henares, 29 de setembro de 1547 – Madrid, 22 de abril de 1616) foi um romancista, dramaturgo e poeta castelhano.

artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para comprovar a verdade histórica. Atribuía-se, assim, à disciplina da história como ciência, e a literatura como ficção. Esta última deveria estar vinculada com o imaginário e o verossímil, enquanto aquela com o concreto e o real, ou seja, com um passado reconstruído perfeitamente e de forma fidedigna, sem espaço para a imaginação ou a subjetividade do historiador (Grecco, 2014, p. 40).

Foi nos anos finais da década de 20 que surgiu na França a revista denominada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*¹⁵ que tinha como principais pesquisadores Marc Bloch (1886 -1944) e Lucien Febvre (1878 - 1956). Estes desejavam criar novas formas de construir os fatos históricos ampliando além dos formatos já existentes de pesquisa, atingindo assim outras esferas e áreas do conhecimento, como também estudar outros contextos além da lógica usualmente estudada através da política e economia, mesclando junto a isso a sociologia, antropologia, estudos dos objetos e mentalidades.

Dessa maneira, Bloch e Febvre investiram seus esforços no sentido de construir uma história que fosse mais ampla, a qual incluiria todas as atividades humanas, atingindo outras áreas como a Literatura, a Linguística, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia. Tal procedimento foi um impulso importante à interdisciplinaridade na disciplina da História. Assim, a criação da revista *Annales*, em 1929, foi um marco no que se refere à busca para se ampliar os horizontes da historiografia (Grecco, 2014, p.41).

A partir de então, entre outros tipos de fontes, começou-se a dar atenção ao autor literário de ficção como um agente importante de construção da memória histórica e cultural de uma sociedade, posto que é um indivíduo social que vivencia a realidade de seu meio e através do seu processo criativo transmite em suas obras e personagens, de alguma maneira, a assimilação dessa realidade.

2.1 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Segundo Compagnon (2006, p.223), “a História é um romance que foi; o romance é a História que poderia ter sido”. Desde tempos remotos o ser humano desenvolveu o instrumento da escrita, a partir de registrar as fontes de informações que assimilava no seu dia a dia para uso cotidiano, como a descrição da memória do que aconteceu. Além disso, criou através do seu imaginário, a ficção.

¹⁵Movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX.

A realidade é importante como base que irá determinar o que será escrito, ou seja, o meio em que o sujeito vive e a relação com outros sujeitos se torna essencial para os registros da memória como também do imaginário literário. Através do desenvolvimento escrito mesclando a realidade perceptiva e juntando o imaginário ficcional criado, aos poucos cria-se a forma de escrever peculiar que podemos denominar como literatura.

Esses são traços essenciais para desenvolver a escrita, ou seja, uma memória construída através da percepção do cotidiano do escritor que irá se defrontar com detalhes como os espaços, tempos geográficos e históricos, as relações sociais do cotidiano entre as pessoas, como por exemplo o modo de se vestir e de comportamento, entre outras fontes reais que determinam o escrever tanto do historiador como do literato. Para Pesavento:

Tanto História quanto Literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar. Ambas são formas de representar questões que são pertinentes aos homens da época em que são produzidas, possuindo um público destinatário e leitor (Pesavento, 2003. p. 81).

O que se percebe é que o historiador e o literato se valem de instrumentos da realidade que servem como base da escrita. Ao mesmo tempo em que procuram serem leais às fontes de pesquisa, diferenciam-se na percepção individual da realidade e do modo como as obras são desenvolvidas. Ambos necessitam identificar signos ligados ao uso da linguagem que também estão ligados à realidade do cotidiano.

Assim as duas áreas devem ser vistas mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como formas diferentes de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real, ambas sendo formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. (Pesavento, 2003 p.80;81).

A literatura, como testemunho histórico, é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento, refletiu Borges (2010, p.103), e nesse sentido não há literatura sem o contato com a sociedade, a cultura e a história.

Porém, quando focamos o olhar para traços de diferenciação das duas áreas percebemos que ambas, mesmo que se baseiam na realidade para serem construídas, possuem modos diferentes de elaboração do seu imaginário, além de terem objetivos distintos durante o seu processo de desenvolvimento.

Segundo Nunes, Fialho e Machado (2016, p.802), enquanto a história busca a verdade e procura narrar, de forma organizada, o fato tal como se deu, a literatura imagina o que aconteceu ou poderia ter acontecido e, mediante um discurso imagético, esforça-se para revelar uma concepção de realidade de tal modo que seja verossímil. Já Martins comenta:

Apesar de muitas vezes as relações entre história e literatura se estreitarem, ainda há a diferença fundamental entre elas que é o compromisso da história com os acontecimentos históricos, ou seja, um historiador que deseja realizar um trabalho historiográfico não pode inventar personagens ou situações, por mais que elas sejam passíveis de ter acontecido em determinado contexto. Tal questão é trabalho da literatura, já que um escritor pode se apropriar do contexto e criar as situações que desejar dentro disso para atrair seu público (Martins, 2015, p. 12).

Portanto, mesmo que, como citados acima, as fontes perceptivas de realidade da construção de uma escrita possam vir do mesmo meio em que viveu o autor de uma obra, a arte de escrever a história e a literatura possuem a diferença de que a primeira deve ter uma profundidade de pesquisa mais racional e minuciosa para compor os fatos e as verdades que aconteceram durante os tempos históricos, enquanto a segunda se permite usar estes mesmos tempos históricos para através da imaginação compor sua ficção.

A verdade é apresentada na ficção através do discurso que enquadra a convenção da realidade, e assim, como já mencionado, percebe-se uma relação muito profunda entre o meio em que o escritor vive com as obras de ficção por ele desenvolvidas.

Ocorre uma espécie de negociação entre a realidade e a ficção na mente do autor, tanto que a “negociação” possui um duplo significado. De um lado, a obra de ficção trabalha com materiais e matrizes provenientes do mundo social, os quais ele desloca, reformula, transfere para outro regime de discursos e práticas. De outro, a “negociação” é o que torna a obra inteligível para seus leitores, ouvintes e espectadores (Chartier, 2011 p.348-349).

Para Pesavento (2003, p.57) esta experiência de negociação do mundo social com o ficcional deve refletir inúmeras características humanas tanto no campo emocional como no racional, pois é a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época, ou seja, “Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos”.

Um bom exemplo histórico literário nesse contexto são as obras de Homero que mostram como os personagens flertam com a realidade da Grécia daquele período, com um imaginário ficcional muito bem elaborado. No final chega-se a percepção que as duas obras servem para a preservação da memória coletiva do povo Grego e desenvolvimento de sua moral. Segundo Souza e Pereira:

Tanto a obra Odisseia quanto Ilíada atendem ao mesmo propósito: guardar memórias e servir como ensinamento para os gregos. O caráter didático destas obras, na formação do homem grego, preparando-o para a polis, consiste em fazê-lo lembrar, seja de figuras reais ou míticas que serviam como modelo. Lembrar-se de comportamentos admiráveis ou deploráveis. Eis a memória como tradição narrativa, eis a literatura como memória (Souza e Pereira, 2016 p.142).

Muitas vezes, a literatura ligada à história não mostra personagens reais ou locais e fatos históricos verdadeiros, mas remete a algo que lembra essas características.

Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão (Chartier, 1999 p.197).

Deste modo, mesmo que um livro de ficção não retrata personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram.

Seu vínculo com o real não deve ser confundido com mera reprodução do cotidiano, porque, embora seu material de composição seja a linguagem verbal, o modo de manejar a diferença da linguagem “normal”. Esse manejo prima por combinações, efeitos e significados que fazem com que a linguagem literária seja distinta da utilizada no cotidiano (Nunes, Fialho e Machado, 2016, p.796).

No entanto, segundo os escritores acima, por mais que a obra esteja à mercê da imaginação e a criatividade, há outro elemento que a caracteriza: seu condicionamento ao contexto histórico e social em que o produtor está inserido e do qual não sai ileso. Esse elo

com a realidade é o que “permite transformar um texto literário em documento para estudar a história, a educação e outros aspectos da sociedade” (Nunes, Fialho e Machado, 2016, p.796).

2.2 USO DA LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

A literatura pode ser usada também para a pesquisa histórica. É um dos instrumentos usados como fonte pelo para criar o relato histórico do meio em que aquele escritor viveu.

Percebemos haver um sentido inverso, em que ao invés do literato se espelhar no meio presente para desenvolver sua ficção, é o historiador que busca através da ficção o meio para entender algum contexto histórico.

Delimita-se aqui uma série de comentários de autores que discutem sobre esse modo de pesquisa. Sendo assim, Souza e Pereira comentam que:

A recuperação de memórias a partir dessa ótica interdisciplinar torna-se relevante, na medida em que se considera que uma narrativa literária metaficcional tem sempre como referência básica acontecimentos históricos. Os ares de historicidade na produção literária também se justificam quando se observa que o autor de uma metaficção historiográfica, por vezes, evoca, explicitamente, sua experiência pessoal para corroborar com as escolhas feitas (Souza e Pereira, 2016 p. 143).

Segundo os mesmos (2016, p.144), considerando o quão sensível é o trabalho de recuperação de memórias pelas narrativas historiográficas, torna-se mais aceitável ainda a consideração de uma dada narrativa ficcional como instrumento importante para o registro de memórias sobre o passado. Na medida em que o autor cria uma narrativa para interpretar determinado evento e recriá-lo criticamente, confere sentido histórico ao que produz. Já para Martins:

É importante salientar ainda que quando utilizam a Literatura enquanto fonte, os historiadores não têm a preocupação de investigar se a representação do passado expressa por determinado escritor está de acordo com a historiografia (pois esta não é a intenção do literato), e também não se inclinam apenas em garimpar informações históricas dentro do conto ou romance em questão, seu interesse é na realidade pelo tempo do escrito, e sua atenção é dirigida em torno da elucidação da mentalidade de uma época. Portanto, a literatura pode servir à história muito mais do que como mera fonte ou referencial para citações pomposas, ou seja, uma convergência das ações históricas e da narrativa literária (Martins, 2015 p.10).

Não que a literatura seja mera repetição da realidade, mas que a história pode ser percebida através de percepções encontradas dentro da literatura ficcional. A construção da ficção permite-nos uma aproximação da esfera mental de uma época até com mais precisão do que o documento rígido que fale sobre o mesmo período.

Para usar como exemplo características inseridas no contexto histórico e geográfico de Gladstone Osório Mársico, ou seja, no Rio Grande do Sul, o estado teve expressivos nomes na literatura nacional, com destaque para o regionalismo¹⁶. Segundo Estima (2009, p.32) “essa geração assume como postura a defesa da exploração artística das particularidades da natureza, dos costumes e do folclore rio-grandense como o caminho mais seguro para tornar consistente a literatura gaúcha.

Mesmo assim, por conta disso, ajudou a desenvolver características que levaram a construção multicultural da identidade brasileira, segundo Murari:

Como uma das mais prolíficas correntes da produção cultural brasileira, a literatura regionalista assumiu grande relevância para a caracterização da heterogeneidade do país, para a representação dos grupos sociais marginais em relação ao processo de modernização produtiva e para a incorporação do patrimônio simbólico das camadas populares interioranas ao imaginário nacional. Sobretudo nas três primeiras décadas do século XX, quando se consagrou como expressão por excelência das propostas de exaltação nativista na criação literária, o gênero assumiu inflexões ideológicas e políticas diversas, incorporando à cultura escrita uma proposta de registro das tradições comunitárias rurais, ainda majoritárias no cenário nacional, mas virtualmente condenadas à extinção em face do avanço da modernidade, assimilada ao cosmopolitismo, à vida urbana e à indústria (Murari, 2010 p.167).

Para a autora, “este processo de construção da cultura regionalista no Rio Grande do Sul não podia prescindir, por outro lado, do componente histórico, inescapável instrumento de criação das identidades sociais.” Sendo assim, a mesma conclui que:

A literatura das primeiras décadas do século XX foi profícua em difundir versões do passado coerentes com seu projeto ideológico. Uma de suas preocupações foi definir a gênese da sociedade gaúcha, buscando na origem elementos capazes de fazer com que a trajetória do estado ao longo do tempo assumisse um sentido de naturalidade, através de uma elocução em que se mesclavam o discurso histórico e a narrativa mítica (Murari, p.162, 2010).

¹⁶ Entende-se por regionalismo, a literatura que põe o seu foco em determinada região do Brasil, visando retratá-la, de maneira mais superficial ou mais profunda- É importante lembrar que o uso de características regionais na literatura sempre foi usado por escritores brasileiros durante a história, perpassando mais de 150 anos até os dias atuais e, como exemplos antigos temos José de Alencar (1829-1877), Bernardo Guimarães (1825 -1884) e Franklin Távora (1842-1888).

Cabe salientar que este movimento literário foi importante para estabelecer a identidade cultural do Rio Grande do Sul em projeção de níveis nacionais, na medida em que incorporava a fixação de símbolos ligados às características sociais e culturais da sociedade gaúcha. Para Estima:

O regionalismo literário sulino apresentaria duas etapas, sendo uma primeira fase que se poderia denominar “regionalismo clássico”, em que a literatura poetizaria os quadros naturais e rústicos do viver campesino das populações, apresentando o tipo humano munido de laço e boleadeiras, sempre pronto a campear e guerrear; oposta ao que chama de “localismo”, que apresentaria o gaúcho na figura do trabalhador do campo, destituído dos aparatos que o caracterizavam, principalmente de sua montaria, transformação que é atribuída à modernização das zonas rurais iniciada pela industrialização da pecuária (Estima, 2009, p. 36).

Ao mesmo tempo, uma das características essenciais para o desenvolvimento da literatura no Rio Grande do Sul, foi usar como temática as guerras que ocorreram no território, principalmente a Farroupilha que foram de vital importância como meio histórico para basear a literatura gaúcha.

A mobilização da história do Rio Grande do Sul pela literatura regionalista teve como principal fonte de inspiração a Revolução Farroupilha, responsável por muitos dos emblemas da identidade gaúcha: seu hino e bandeira, parte importante de seu cancionário popular, seus grandes heróis, seus locais sagrados, sua data comemorativa. A consagração deste evento como marco histórico dependeu, entretanto, de que sua interpretação se mostrasse coerente com os valores de coesão e unidade característicos do discurso indenitário (Murari, 2010 p. 168).

Murari faz também a reflexão de que “A conversão dos heróis farroupilhas em personagens literárias é característica na literatura com temática gaúcha, desde a obra fundadora do gênero, “O gaúcho” de José de Alencar, em seu inflamado elogio do general Bento Gonçalves, incorporado à cena ficcional como o enunciador dos valores supremos da Revolução” (Murari, 2010 p. 169).

Quando nos referimos às outras guerras nos territórios gaúchos, as que chamamos de “federalistas”¹⁷, observa-se que também possuem grande relevância histórica para o

¹⁷ Sobre as revoluções “federalistas”, a primeira ocorreu entre 1893 e 1895 e foi um conflito ocorrido na Região Sul do Brasil, que expôs a divisão entre os republicanos, isto é, entre os que defendiam maiores poderes para o presidente da República e os que apoiavam a descentralização do poder, com maior participação dos estados. Já a segunda aconteceu somente no ano de 1923 e foi um movimento revolucionário sob a liderança de Joaquim

desenvolvimento da literatura gaúcha, porém eram vistas como antítese em relação à farroupilha, como comenta a autora:

Os traços sombrios de uma guerra civil fratricida contradiziam, decerto, a imagem de unidade transmitida pela guerra dos Farrapos, ainda que em detrimento da verdade histórica. Os dois movimentos assumem frequentemente, na literatura, tonalidades opostas: a Farroupilha é o mais frequentemente retratada como um evento épico (como, aliás, também as guerras em que o Rio Grande do Sul assumiu a defesa do Brasil), enquanto os relatos da Federalista giram em torno da crueldade, da vingança e da desonra (Murari 2010, p. 171).

Além de figuras revolucionárias como citado acima, durante o século XX a literatura gaúcha destacou também nomes de figuras políticas históricas e importantes do contexto histórico regional, como foi o caso de Borges de Medeiros e também o presidente Getúlio Dornelles Vargas, no caso aqui citado propriamente no livro de Gladstone Osório Mársico.

- Aqui está um patrício e grande admirador de sua pessoa – exclamou o Tropeiro, numa fuga de angina. E envolveu o Presidente num abraço vigoroso, apesar das asas protetoras do negrão que o vigiava.
 - Muito bem, qual é a sua graça? – perguntou Getúlio, cordial.
 - Assim de improviso não me recordo, Presidente – respondeu ele dando tratos à bola. – Mas posso lhe garantir que sou índio sério e bem intencionado.
 - Meus parabéns – disse Getúlio, sorrindo, certo de estar lidando com uma pessoa muito espirituosa. (Mársico, 1986, p.332).

Nesse período, meados do século XX, aconteceu a Revolução de 1930¹⁸, movimento histórico com importante marco na história nacional liderada por Getúlio Vargas, quando a República Velha foi sendo substituída por movimentos políticos que visavam a transição da economia agroexportadora para a era industrial. Segundo Boris Fausto:

Um novo tipo de Estado nasceu após 1930, distinguindo-se do Estado Oligárquico não apenas pela centralização e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos. Devemos acentuar pelo menos três dentre eles: 1. A atuação

Francisco de Assis Brasil, em reação à reeleição de Antônio Augusto Borges de Medeiros para o quinto mandato como presidente do estado. A guerra civil prolongou-se até dezembro do mesmo ano, quando se encerrou com a derrota dos rebeldes e a assinatura do Pacto de Pedras Altas.

Esta segunda revolução teve características de ser mais uma guerra civil e é chamada mais popularmente no solo gaúcho de “Segunda Revolução Federalista”, por conter dentro de si caracteres políticos e históricos herdados da revolução anterior, como por exemplo, a perpetuação de Borges de Medeiros no poder desde 1898, como também o uso dos termos “Maragato” e “Pica-paus” (ou chimango, usado a partir de 1915) para definir as posições políticas.

¹⁸Revolução de 1930 foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, também conhecido como Golpe de 1930 que depôs o presidente da República Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha.

econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2. A atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos. Incorporando-os, a seguir, a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3. O papel central atribuído às Forças Armadas – em especial o Exército – como suporte da criação de uma indústria de base e sobretudo como fator de garantia da ordem interna (Fausto, 2019, p.280).

Vargas, durante os anos de seu governo, foi figura líder importante nesse processo, não tendo como negar sua importante influência em vários setores nacionais até depois de sua morte, se tornando sugestivo para se tornar personagem histórico direta ou indiretamente entre outros personagens fictícios da literatura nacional, como foi o caso do livro em estudo. Sendo assim, veremos no decorrer deste, como a participação do personagem histórico Getúlio e suas “sombras” políticas foi de vital importância como peças de construção da ficção de Gladstone.

Portanto, o contexto histórico do livro de Mársico tem como pano de fundo este período brasileiro citado acima, ou seja, a transição da República Velha, quando a maioria das cidades do norte do Rio Grande do Sul foram fundadas, com os novos acontecimentos ocorridos após a Revolução de 30. Ao mesmo tempo em que mescla a história regional e nacional com os desdobramentos que ocorriam no plano internacional, ou seja, a ascensão dos regimes totalitários e a Segunda Guerra Mundial.

Torna-se, por fim, uma importante fonte de origem literária com possibilidades de se fazer uma pesquisa histórica, principalmente quando, como veremos, se percebe além dos tempos e espaços históricos acima, uma caracterização dada por ele do meio em que viveu, adentrando o estudo da história da cidade de Erechim.¹⁹

2.3 GLADSTONE OSÓRIO MÁRSICO E O ESTILO SATÍRICO PICARESCO

Como já citado, Gladstone Osório Mársico esteve entre os literatos gaúchos que abordaram características regionais em seus livros, com influência do meio em que vivia e usando contextos históricos em suas criações.

O escritor não nasceu na cidade que o inspirou, no entanto, nasceu em uma localidade próxima que mais tardiamente também se tornará um Município. Segundo Dill:

¹⁹ Quando se lê o livro, não deixa de ser impressionante o nível de conhecimento histórico que Gladstone possui e que é detalhado no livro de uma maneira minuciosa.

Gladstone nasceu em 05 de abril de 1927, no atual Município de Viadutos, Filho de Fábio e Carolina Mársico. O nome, um tanto incomum, foi escolhido pelos pais, ao que tudo indica, em homenagem ao político britânico William Ewart Gladstone, por quatro vezes primeiro-ministro da Inglaterra durante a segunda metade do século XIX e um dos mais renomados homens públicos que o Parlamento Inglês já produziu (Dill, 2019, p.377).

Porém, seus estudos foram realizados fora da região, pois cursou o Ginásio em Florianópolis e mais tarde terminou os estudos complementares em Porto Alegre. Para Dill (2019, p.377), o futuro advogado e escritor já desenvolvia a arte da escrita satírica através de jornais escolares cheio de humor e irreverência. Isso foi importante para a escolha de sua futura profissão e sendo assim “Ingressou na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, concluído a graduação em 1952”.

Recém formado, o jovem advogado já possuía, entretanto, um invejável currículo, entre artigos produzidos, colaborações com jornais e revistas, além da peculiar capacidade como orador. Era um diamante bruto, com um potencial inesgotável e que merecia ser trabalhado (Dill, 2019, p.378).

Morando em Erechim, os trabalhos jurídicos se iniciaram nos escritórios de advocacia de João Caruso, advogado e político influente na cidade e no estado²⁰. Mais tarde começou a ter seu próprio escritório chegando a trabalhar por conta própria, sendo sua principal forma de remuneração.

No entanto, foi influente nas crônicas jornalísticas de revistas e jornais na cidade, entre eles temos destaque para a Voz da Serra, antigo jornal O Boavistense (mesmo nome que o fictício jornal de *Cogumelos de Outono* como veremos) que “sem abrir mão da qualidade, suas crônicas acrescentavam a realidade comentada um toque de graça, alguma provocação ou ironia” (Dill, 2019, p.379).

Ao mesmo tempo, a política começou cada vez mais influenciar Mársico, sendo assim, se candidatou pela primeira vez a vereador. “De fato, em 1955, foi o candidato mais votado naquela eleição municipal, assumindo a vereança com respaldo popular, além da simpatia da intelectualidade e das forças políticas locais” (Dill, 2019, p.380).

Como político, Segundo Dill, teve uma fase intensa e polêmica, aprovando uma série de leis curiosas, como a Companhia Telefônica Municipal, que seria encarregada da difusão

²⁰ João Caruso (1908 - 1978) foi eleito deputado estadual pelo PTB durante quatro mandatos seguidos, sendo uma vez presidente da casa. Foi cassado em 1964 com o golpe militar, não voltando à função política até sua morte.

do serviço de telefonia na cidade. Sua desilusão política aconteceu logo quando foi renegada a candidatura para vice-prefeito na eleição seguinte, a favor de um candidato de maiores poderes financeiros.

Até hoje o que se passou naquela convenção permanece em segredo. Restou para Gladstone a desilusão com a política e um quadro que mandou fazer com a ata da adesão dos convencionais a sua candidatura, moldura que decorou seu escritório de advocacia, a lembra-lo sempre das imperfeições e mediocridades humanas. De fato, a vida real o angustiava. A ignorância e as injustiças que presenciava todo dia, seja na vida pública, seja na vida profissional, debilitavam sua saúde. Um certo pessimismo quanto a condição humana atormentava sua existência (Dill, 2019, p.381).

Para a cura dos seus males, seu psicólogo relembra de seu dom para a escrita e recomenda-lhe que, além do trabalho, sua melhor terapia seria colocar no papel seus pensamentos, observações e imaginações. Cabe lembrar que em 1958, já tinha lançado um livro simples e curto de estilo poético, chamava-se “Minha morte e outras vidas”, no entanto será no próximo livro que Mársico começará a usar seu estilo satírico através da observação do meio em que vive.

E foi assim que, em 1962, publicou *Gatos à Paisana*, uma obra de ficção que retratava o lado oculto das operações de escolha e de contratação de serviços telefônicos de uma cidade. A obra, ainda que fictícia, foi o caminho encontrado por Gladstone para satirizar e criticar a forma como estavam sendo conduzidos os procedimentos administrativos para pôr em funcionamento a Companhia Telefônica Municipal (Dill, 2019, p.382).

Outra paixão sua era o futebol. Em 1969 presidiu a comissão que deu início a construção do famoso estádio Colosso da Lagoa, sede do Ypiranga Futebol Clube e conseqüentemente, em 1971, se tornará presidente do time “canarinho”²¹.

A partir dali, passa a escrever intensamente e levar a sério a idealização de se tornar um escritor. Fã de Érico Veríssimo e inspirado por ele, passa a desenvolver um livro que particularmente chamaria de “O tijolo”, apelido por ter mais de 700 páginas. Segundo ele, foram “noites, dias, feriados, férias e muitos fins de semana” que enfim nascerá *Cogumelos de Outono*, em 1972.

O romance tem por cenário uma cidade imaginária, rivalidades políticas e amorosas, um mosaico étnico, personagens fortes e marcantes, sempre com uma pitada de humor e crítica social, compondo um universo literário ficcional que tangencia as experiências vividas por Gladstone (Dill, 2019, p.382).

²¹Alusão às cores verde amarela no uniforme do time.

Foram imaginados personagens com características ideológicas diversas relacionadas principalmente ao período em que aconteceu a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).

Como se trata de uma sátira debochada, onde a guerra constitui antes uma moldura dentro da qual os acontecimentos locais são narrados, encontramos na obra a histeria sobre uma possível invasão do Brasil pela Argentina, naturalmente com a ajuda de Hitler; o recolhimento dos rádios, para que os “colonos” não pudessem mais sintonizar a Rádio de Berlim, por meio da qual, supostamente, recebiam instruções sobre as tarefas que deveriam cumprir dentro do processo de invasão; e os ensaios com *blackouts* contra possíveis ataques aéreos alemães ou italianos a cidades localizadas no profundo interior do Rio Grande do Sul, no caso do livro, cenário da “fictícia” cidade de Boa Vista, no vale do “rio Dourado” (Gertz, 104, p. 2017).

Mársico desenvolveu na obra toda a sua percepção dos movimentos políticos que aconteceram no período histórico denominado “Entreguerras”, ou seja, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com personagens pitorescos que flertavam muitas vezes de uma maneira inocente com as ideologias vigentes na época ao mesmo tempo que colocava como cenário observações particulares do meio em que vivia.

Pode-se dizer que os anos de *Cogumelos de Outono* seriam especiais para o escritor, já que vivenciará expectativas e ansiedades em relação a obra, sentindo-se pela primeira vez como um escritor, pois o livro se tornaria vendável em várias livrarias dentro e até fora do estado, além de crônicas promocionais em jornais como o Correio do Povo e até na revista Veja.

Dois anos depois, em 1974, lançaria “Cágada”, que também teria relativo sucesso. A trama baseia-se no processo de colonização de Judeus na cidade de Quatro Irmãos.

O escritor ficcional Gladstone Osório Mársico possuía conhecimentos sobre a colonização judaica de Quatro Irmãos porque vivia nesse contexto histórico, transpondo esses conhecimentos culturais e sociais agregados à historicidade para a expressão artística. Sabe-se que o texto literário se fundamenta na percepção da realidade do artista, e na emoção que o artista emprega na sua obra artística. Dessa forma, quando o artista insere esse contexto real de onde se situa, constrói uma nova visão imaginativa capaz de formular uma obra de arte ficcional (Rodrigues, 2018, p. 109).

Nesta obra entre os aspectos coincidentes destacam-se: a Companhia de colonização, a compra das terras, a questão da pobreza e da guerra, as características dos judeus, a chegada dos imigrantes judeus, a produção e fertilidade das terras, a riqueza florestal e o desmatamento, tentativas de colonização e o ramal férreo (Rodrigues, 2018, p. 111).

No entanto, o contexto geográfico é diferente, porque se situa na região de Quatro Irmãos. O escritor em algum momento trabalhou como advogado durante algum na companhia inglesa *Jewish Colonization Association*²², fato que leva a considerar sua observação sobre essa região próxima à cidade em que ele morava.

O romance está inserido em dois contextos históricos bem diferentes, separados por aproximadamente 40 anos: a colonização judaica no Rio Grande do Sul e o golpe militar de 64. A sátira aos momentos históricos que precipitaram o golpe militar e aos personagens que protagonizaram esses eventos é fundamental em *Cágada*, que ridiculariza as ações que possibilitaram o estopim do regime ditatorial e as restrições ao processo democrático, como o suicídio de Vargas, a renúncia de Jânio, a deposição de Jango, a formação do Grupo dos Onze, por Brizola e o cerceamento dos direitos civis pelo regime militar (Barbosa 2011, p. 9).

Nesse meio tempo, Gladstone começa a entrar em depressão, porém, ainda teve tempo de começar uma obra chamada “Forúnculo”, que será lançada postumamente em 1994, pois o escritor comete suicídio²³ em Porto Alegre em 23 de Abril de 1976, aos 49 anos de idade, deixando esposa e filhos.

Vê-se então que em sua vida, a literatura era colocada como destaque. Era considerado culto ao mesmo tempo que crítico, usando como instrumento o bom humor e isso não demorou para se refletir nas obras desenvolvidas. Mas qual era esse seu jeito “bem-humorado e cômico” de escrever?

Como já comentado na introdução, fizemos uso do livro “O Satírico e o Picaresco em Gladstone Osório Mársico” da Vera Beatriz Sass para responder a esta questão.

A obra citada teve como objetivo levantar elementos significativos para embasar o estilo de escrever do escritor, que possui fortes influências do satírico e também do picaresco, este último um estilo espanhol de escrever do século XVI, que apresenta em uma linguagem divertida, características morais e imorais dos personagens.

Durante o seu trabalho, a autora analisa também especificamente cada obra do autor para identificar as diferenças de humor peculiares de cada obra, entre elas, está *Cogumelos de Outono*. Segunda Sass, o satírico na literatura perpassa a história desde a Idade Antiga, quando nos referimos à Grécia e principalmente à Roma antiga.

²² A Jewish Colonization Association foi criada em 11 de setembro de 1891 por Moritz Hirsch e seu propósito foi facilitar a emigração em massa de judeus da Rússia e outros países do Leste Europeu, assentando-os em colônias agrícolas em terras por ela adquiridas, particularmente na América do Norte e América do Sul, em especial na Argentina e no Brasil, uma delas na localidade onde hoje se situa o município de Quatro irmãos.

²³ O autor deste trabalho decidiu não colocar detalhes do acontecimento e os motivos que levaram ao ocorrido.

Considerada em sua acepção latina, sátira (de *lanx satura*) representa um prato cheio de frutos sortidos que se oferecia a Ceres, deusa das Semeaduras. Em razão dessa saturidade ou abundância, foi chamado de “satura” e, depois “sátira”, termo empregado para designar qualquer poesia cheia de insinuações maliciosas e ditos picantes (Sass, 1994, p.13).

Foi na Espanha, no entanto, que a sátira chegou ao seu auge de popularidade, sendo o centro das atenções durante o período histórico do Renascimento. Misturando histórias rebuscadas da Idade Média entre as centenas de livros sobre a moral cavaleiresca que passa a ser criticada através do humor satírico, tem como objetivo censurar vícios, defeitos e equívocos humanos, assumindo ocasionalmente ar festivo e burlesco (Sass, 1994, p.18).

Neste sentido, a sátira espanhola se esmiúça em um estilo que é denominado de “picaresco”, como já comentado. Este, no caso, dá atenção mais aos costumes e regras morais das pessoas, desenvolvendo uma crítica humorada destes comportamentos.

Esse detalhe é bem observado nas obras de Gladstone, principalmente quando nos referimos a *Cogumelos de Outono*, ou seja, o principal elemento motivador satírico será sempre a percepção do lado engraçado e o senso do ridículo, com relação às personagens, situações e às ideias, o que lhe vem atribuir mais uma condição para o desenvolvimento do cômico sério (Sass, 1994, p.77).

No Brasil a sátira é usada como ferramenta principalmente durante o período literário denominado de “Realismo”, com obras do fim do século XIX, através dos poemas de Castro Alves, os romances de Aluísio de Azevedo e de Machado de Assis, este último que apresenta a sátira, o humor e a ironia em narrativas como “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (Sass, 1994, p.19).

Segundo a escritora, durante o século XX podemos perceber a sátira também em autores como Oswald de Andrade, Millôr Fernandes e Fernando Sabino, como também no Rio Grande do Sul, usada de maneira frequente por Luís Fernando Veríssimo, como por exemplo, na obra “O analista de Bagé”:

Consagrado pelo público e pela crítica a obra que alcançou 80 edições em menos de dois anos, destaca-se pela sua peculiaríssima maneira de escrever, que traz a marca do humor e da irreverência. Apresentando um conjunto de tipos humanos, de dramas, de fatos do dia-a-dia das grandes cidades, satiriza momentos importantes, sobretudo políticos, da vida nacional (Sass, 1994, p.20).

Neste caso, em *Cogumelos de Outono*, Mársico, durante toda a obra, usa esse humor satírico picaresco para explorar os mais diversos problemas de ordem social, política e

administrativa. Ele debocha da intensidade ideológica e moral que muitas vezes as pessoas usam para delimitar suas preferências políticas e também sua identidade nacional, já que muitas das personagens do livro possuem em suas características a origem do imigrante europeu que povoou a metade norte do Rio Grande do Sul.

As personagens possuem identidades étnicas fortemente evidenciadas e afirmativas, principalmente quando se referem a italianos e alemães.

No tempo histórico principal em que se desenha a ficção do livro (já que a história possui partes paralelas que lembram tempos anteriores), ou seja, durante a segunda Guerra Mundial, o autor desdenha com o movimento nazista que havia na cidade de Boa Vista. Neste sentido, ele mistura o orgulho étnico dos habitantes de origem alemã com a ideologia em destaque.

A maioria dos habitantes de Boa Vista, alemães e italianos, embora já tivessem filhos brasileiros, tomavam partido a favor de Hitler e Mussolini. Daí a gravidade política de Bernardo (personagem) como nazista e, por outro lado, Fabrício (idem), que sempre mantivera como os “aliadófilos”, sem nunca desanimar (Sass, 1994, p.74).

Ao mesmo tempo, em contraponto ao nazismo, Gladstone usa principalmente o preconceito racial contra o negro em forma de humor para revelar esta opressão social estabelecida naqueles tempos, o que é válido para os dias de hoje.

Portanto, Vera Sass (1994, p.73) conclui que o enredo está voltado para as misérias e as grandezas da sociedade que pretende-se retratar, e algumas passagens, da mesma forma, estão a comprovar que a sátira é sempre defesa individual ou social. Assim, a obra apresenta-se como um grande painel enriquecido por doses de ficção, onde o humor figura como elemento expressivo, com ampla liberdade de invenção temática, política e filosófica.

Neste sentido, Gladstone Osório Mársico usou de variados elementos de criação para desenvolver a obra em questão. O estilo satírico picaresco está entre os instrumentos do autor que deram, digamos um toque especial²⁴ à forma de escrever, em que ele mescla os seus conhecimentos históricos com as observações de caráter político, cultural e religioso,

²⁴ Avalio que uma obra artística bem desenvolvida deve conter elementos que ao mesmo tempo que tragam beleza e harmonia, também deve estimular sensações das mais variadas a quem usufrui de sua estética. Segundo Nietzsche (1844 - 1900) em sua primeira obra “A origem da tragédia” de 1872, esses dois elementos estão configurados nas características denominadas por ele de “Apolíneas e Dionisíacas”, ou seja, o equilíbrio estético da beleza com a embriaguez da sensação. *Cogumelos de Outono* demonstra ter este equilíbrio porque ao mesmo tempo que possui elementos de construção muito bem elaborados, desperta a sensação do riso predominantemente como também em certos casos da melancolia. Particularmente percebi isso ao muitas vezes me pegar rindo abertamente sozinho quando da leitura de certos trechos.

caracterizando os personagens fictícios ao mesmo tempo em que introduz personagens históricos como elemento direto e indireto na trama.

Os personagens vivem, se relacionam e transitam pela cidade, com seus problemas existenciais do cotidiano enquanto se preocupam com os mais relevantes assuntos sérios ligados a política nacional e internacional. Ao mesmo tempo, fazem uso da religião como forma de escapar e justificar as mazelas da vida (até mesmo os preconceitos), tudo isso em um drama trágico que se torna cômico aos olhos do leitor.

3 ANÁLISE HISTÓRICO-FICCIONAL E ASPECTOS IDEOLÓGICOS

“Fazer história com açúcar é tarefa de abelhas.
Nada como uma pitada de sal para zangar-se à
verdade.”
G.O.M

Ao pesquisar no dicionário a palavra "ficção" encontra-se a explicação de que pode ser tanto um “ato ou efeito de fingir; fingimento” ou também “elaboração, criação imaginária, fantasiosa ou fantástica; fantasia.”

Uma parte interessante de um livro literário que contém personagens que se relacionam entre si, através de um diálogo se movimentando entre espaços, é o componente imaginário. Pode ser totalmente fantasioso, como também, no que refletimos no capítulo anterior ser parcialmente baseado em fatos históricos.

Esta última se aproxima das características do livro *Cogumelos de Outono*. Ao mesmo tempo em que Gladstone Osório Mársico cria personagens fictícios, uma cidade que segundo ele é “fictícia” e uma trama imaginada, ele usa dos fatos reais em múltiplos tempos e espaços para criar a obra, ou seja, elementos geográficos e culturais da época, fatos, acontecimentos políticos, como também a aparição de personagens históricos.

O objetivo neste capítulo é descrever e analisar esses elementos que constroem a trama, ou seja, ao mesmo tempo em que os caracteres fictícios são explicitados, trazemos à tona também os caracteres retirados da realidade e transformados também como ficcionais²⁵.

Começando por uma síntese da obra, identificaremos os personagens fictícios nela contidos, para depois analisar os personagens históricos que são peças importantes na construção do enredo, como também os cenários por trás desses personagens, como por exemplo, o movimento integralista da cidade de Boa Vista, a Segunda Guerra Mundial e os discursos ideológicos relacionado a estes, como o anticomunismo e o racismo nazista, para por fim, fazer uma análise da própria cidade fictícia, onde é descrito os locais, ruas, praças e estabelecimentos privados e públicos entre outros detalhes.

²⁵ É importante reafirmar este último ponto, ou seja, não trataremos aqui da realidade em si, mas sim a transformação dela adaptada ao mundo imaginário do livro. Neste sentido, a análise da realidade crua que serviu de inspiração ao escritor, como também sua própria relação com essa realidade será paralelamente estudada no capítulo seguinte.

3.1 SÍNTESE GERAL DA OBRA E PERSONAGENS FICTÍCIOS (OS BOAVISTENSES)

Com 733 páginas, o livro foi escrito em 1972²⁶, porém a história ficcional se passa nos anos em acontece a Segunda Guerra Mundial, ou seja, entre 1938 a 1945, mas também possui outros tempos históricos paralelos a este desde a fundação da fictícia cidade de Boa Vista em 1918²⁷.

Durante o livro, a história da cidade de Boa Vista é contada aos poucos de forma indireta, partindo de sua origem quando era ainda dependente da cidade de Passo Fundo. Os decretos e intervenções políticas são mostrados, como também o desenvolvimento de setores urbanos que vão definindo os contornos da cidade enquanto os acontecimentos e relações entre os personagens se desenrolam.

A trama central se baseia na rivalidade amorosa e política de Fabrício Najak e Bernardo Lutzmann. Os dois amam a mesma mulher chamada Gudrun, esta que gostava de ser chamada simplesmente de Gud porque tinha horror ao nome alemão que o pai lhe pusera. Ao mesmo tempo em que Bernardo é simpatizante do nazismo e torce pela vitória das potências do Eixo na Guerra, Fabrício torce pela vitória dos Aliados.

Na primeira parte do romance o autor descreve tipos e trechos que vão dando contexto à narrativa. E surgem figuras marcantes citando como exemplos a do farmacêutico Boca Santa, do agente ferroviário Seu Erotides, do gringo rico Secondo Rampanella, do delegado de polícia que leva o sugestivo apelido de Tropeiro de Lesma, e de Frau Mika, a “alemoa”, dona da melhor pensão do município.

Havia também o Doutor Mayer, que sonhava em transplantar o III *Reich* para os trópicos. Ele idealiza e põe em prática a criação de um movimento integralista com características fascistas e nazistas. Bernardo acaba se tornando o líder do grupo e não demora muito para iniciarem os discursos, desfiles e manifestos políticos a favor das potências do eixo e da ideologia nazifascista.

O autor pretendeu considerar a influência do nazismo nas zonas coloniais do interior gaúcho através da ficção, o que ocorre, sobretudo, na segunda parte do romance, se

²⁶ Lançado pela Editora Movimento, em Porto Alegre.

²⁷ Uma reflexão importante é que Mársico escreveu e lançou a obra nos anos 70 do século XX, no entanto, o imaginário se passa durante a primeira parte daquele mesmo século, o que nos faz pensar que muito de seus conhecimentos históricos, memórias geográficas e históricas do cotidiano da cidade de Erechim foram retroalimentadas (retorno da informação e do processo) pela sua imaginação e que obviamente teve possibilidade de serem inspiradas também por observações posteriores e do momento que escreveu o livro.

preocupando com a influência que teve a II Guerra Mundial em “Boa Vista”, onde os imigrantes italianos e alemães tomam posição destacada nos acontecimentos, torcendo pela vitória do nazifascismo.

A legitimação da ficção entre os personagens com a história acontece quando o autor insere trechos que situa o tempo histórico em que os habitantes da cidade vivem, quando ele cita movimentos, acontecimentos regionais, nacionais e globais, além de em muitos momentos colocar personagens históricos de modo indireto e algumas vezes diretos no desenrolar da obra.

Já os personagens fictícios possuem características que se enquadram com o tipo de habitante que vive numa cidade povoada através da imigração europeia. A maioria vive nos seus afazeres tediosos típicos de uma cidade pequena. Muitos destes trabalhos não exigem esforço exagerado o que abre espaço para o fuxico, a fofoca e os problemas muitas vezes sem sentido e paranoicos entre eles.

Estes problemas estão muitas vezes ligados às paixões humanas, que envolvem rivalidades, romances, traições, ciúmes, status, poder, religiosidade e política. Os personagens tentam de qualquer jeito sempre estar “por cima” à sua maneira, sempre intentos em mostrar sua “superioridade” e ter certo destaque social.

O único personagem que não demonstra esse perfil e que parece ser o mais sereno e lúcido na história é Fabrício Najak. Logo se percebe que ele é o personagem principal do livro quando a narrativa cômica e satírica de Gladstone Osório Mársico na maioria das vezes é organizada como se estivéssemos lendo os pensamentos e julgamentos de Fabrício sobre os fatos as pessoas que ele convive²⁸.

Descendente de uma família de origem turca, herdou como herança uma loja de panos e louças de seu pai Turco Mansur e após a morte dos pais, vive sozinho e mora em cima da loja com seu cachorro Epaminondas.

Fabrício possui um senso crítico muito profundo, parece estar num nível intelectual muito maior do que os outros habitantes da cidade e, por conta disso, não se insere na mentalidade mediana do resto da população, inclusive com seus progenitores, sendo assim, prefere estar sempre calado e em solitude.

²⁸ Uma impressão sobre o personagem Fabrício, é que ele parece possuir muito dos pensamentos do escritor, como se ele fosse um personagem alterego do mesmo, já que o personagem é o único que faz inúmeras reflexões profundas. Portanto Gladstone assim como muitos escritores existencialistas, faz uso de um personagem para filosofar sobre o mundo. Outros personagens também são usados pelo autor para refletir certas opiniões e julgamentos, no entanto é em Fabrício que se desenvolve uma certa sensação de coerência e bom senso de pensamento.

Acaba se tornando um mistério para muitas pessoas, mas estas por serem medíocres, ignorantes e vulgares, sempre o estão a julgá-lo de uma maneira preconceituosa, principalmente pela sua quietude. Muitas vezes sua sexualidade é julgada, desde não gostar “da coisa” até indiretas de sua opção sexual, ou muitas vezes, de ser um carola, por participar dos eventos da igreja ou fugir das investidas sensuais de mulheres.

A verdade é que, além de ser inteligente e ter uma percepção apurada das pessoas, prefere ficar calado e resolver seus problemas e vontades de modo silencioso, inclusive possuindo amantes secretas, estas para quem mostra todo seu furor e sensualidade e também muitas vezes se apaixonar, caindo sempre logo após em uma depressiva desilusão amorosa.

Politicamente defende os “aliados” na guerra por perceber a estupidez da ideologia nazista e obviamente ver isso no seu inimigo Bernardo Lutzmann.

Este é o outro personagem principal da história, dando transparecer pelo autor como o arqui-inimigo de Fabrício. Numa polarização ao seu rival, veio para a cidade de Boa Vista fugindo das regiões catarinenses do Vale do Itajaí também de imigração alemã. Desde novo foi avesso ao trabalho e sonhava em ter sucesso, fama e ganhar muito dinheiro.

Ainda em Santa Catarina, conseguiu um emprego de atendente de confeitaria, era galante e fazia sucesso entre as mulheres, principalmente pelo seu jeito garboso e beleza física, porte atlético, e segundo ele, por ser um alemão de cabelos loiros e olhos azuis. Para sua frustração, foi chamado para o serviço militar e recrutado para o Batalhão ferroviário dos Trombudos, que tinha por incumbência retificar alguns trechos que ligavam o sul ao centro do país.

Lá acaba se envolvendo em um triângulo amoroso com uma amante de luxo de um General de quatro estrelas. Este foi o motivo de ter fugido para o Rio Grande do Sul e se estabelecer na cidade de Boa Vista.

Na mesma, após trabalhar no Jornal Boavistense, acaba tendo relativo sucesso ao abrir uma loja que comercializa “*Telefunkens*”²⁹, ou seja, uma marca de rádio alemã famosa e que vendia muito naqueles tempos de guerra. Outro fator importante, é ter merecido destaque por ser o goleiro do time da cidade e também por suas ambições políticas ligadas ao grupo nazista.

Diferente de Fabrício, não era nada intelectualizado, mas sim vulgar e estúpido, apesar de esperto e preocupado com ambições materialistas. Era perceptível que não assimilava muito bem a ideologia nazista, mas por outro lado, a defendia por uma questão de status,

²⁹*Telefunken* foi uma empresa alemã fabricante de rádios, televisores e componentes eletromecânicos, fundada em 1903 em Berlim como “*Gesellschaft für drahtlose Telegraphie m.b.H., System Telefunken*”.

poder e possibilidades de ascensão social caso os alemães vencessem a guerra. Isso explica o imaginário muito surreal de achar que o nazismo iria ser implantado nas terras tupiniquins.

Como já mencionado, a rivalidade entre os dois personagens não tem como raiz principal a política, mas sim a disputa amorosa por Gudrun, uma mulher muito bonita e desejável pelos homens da cidade, apesar de ser uma pessoa de temperamento difícil, narcisista e com tendências a trair (o que de fato faz com Fabrício traindo-o com Bernardo, e também mais tarde traindo este último com Major Pandolfo, o prefeito da cidade).

Primeiramente Fabrício foi noivo de Gudrun durante um bom tempo, mas como já falado, demonstrava falta de desejo sensual e fugia das investidas dela, querendo ao invés disso desenvolver um relacionamento romântico a moda antiga, em que as relações sexuais propriamente ditas acontecessem somente após o casamento.

Vivia a escrever poesias para a amada, e esse seu jeito a fez se sentir tão entediada que acabou se deixando levar pelas investidas de Bernardo, quando ela servia como garçonete no restaurante da pensão de sua mãe, Frau Mika, onde Bernardo estava hospedado já há algum tempo. Foi uma questão de tempo para fugirem para Porto Alegre, casarem por lá e depois retornarem como oficializados.

Outras histórias particulares paralelas, como em um estilo novelesco, acontecem ao mesmo tempo que a trama principal. A intenção neste trabalho não é detalhar cada personagem da maneira como foi feito com Fabrício e Bernardo, mas segue abaixo um resumo de cada um para entender melhor a ficção. Esta lista descritiva está em ordem de maior para a menor relevância das personagens na obra:

Fabrício Najak e Bernardo Lutzmann (já citados)

Gudrun

No livro é vista como uma mulher temperamental e de péssimo humor, mas que possui muita sensualidade. Foi pretendente de Fabrício, depois se tornou esposa de Bernardo e por último amante de seu padrinho de casamento, o prefeito Major Pandolfo. Durante a obra, a maioria das suas passagens estão relacionadas aos seus encontros amorosos e os conflitos com sua mãe religiosa e moralista.

Epaminondas

Um dos personagens frequentes do livro, só que possui um detalhe: é um cachorro Fox Terrier. Ele foi criado na casa de Gudrun desde filhote, sempre sendo rejeitado pela mesma, foi abandonado por ela após ela fugir e se casar com Bernardo. Epaminondas passa a viver com Fabrício, sendo seu fiel amigo, alimentado por ele com “Takamelos” (iguarria à base de cogumelos do Japonês Taka Mori).

Frei Ventura

Padre famoso e líder religioso com influência política na cidade. Fundador do Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho, promove as festas e eventos religiosos. Sempre discursa moralmente nas missas contra a pecaminosidade das pessoas e as tendências políticas que não são de seu agrado. Sonha em tornar Fabrício Najak um novo sacerdote. Fica marcante no livro quando sofre um atentado de Maroca dos Prazeres, recém-chegado à cidade, quando fazia um discurso político a favor de Borges de Medeiros durante uma missa na Igreja da cidade.

Major Giovanni Pandolfo

Prefeito de Boa Vista. Sua origem é italiana, veio para o Brasil após a Primeira Guerra Mundial, em que segundo ele, foi excelente soldado. Adquiriu o título de General na Revolução Federalista de 1923 lutando junto com o Capitão Gaudério. Elegante, de sotaque carregado e cortejador, acaba seduzindo Gudrun, a qual lhe toma como amante, indo os dois se encontrarem constantemente em um quarto devidamente arrumado dentro do cemitério que parecia ser externamente uma capela funerária.

Maroca dos Prazeres

Zelador do cemitério e ex-combatente das tropas federalistas durante a revolução de 1923 ao lado dos maragatos. Veio para a cidade de Boa Vista após fazer um bico de trazer gados para estancieiros da região, aproveitando a situação para passar na igreja da cidade rezar. Chegou já fazendo confusão ao tentar atirar contra o padre que fazia um discurso a favor dos republicanos durante a missa. O seu julgamento, no qual é absolvido, é uma das

partes mais entusiasmantes do livro. Por ser negro, sofre preconceito frequente na cidade, o que Gladstone usa para fazer uma sátira ao preconceito racial existente em colônias povoadas por imigrantes europeus. Também é protagonista de outra passagem principal do livro, quando mantém uma conversa com o então presidente da República, Getúlio Vargas, que no caso, fazia visita à cidade.

Tropeiro de Lesma (Delegado Jeremias)

Um dos personagens mais caricaturais, Delegado nomeado desde épocas antigas da fundação da cidade. Gaúcho que anda a cavalo e toma chimarrão todo tempo, sofre de problemas de memória esquecendo-se de imediato muitos acontecimentos, ao mesmo tempo em que tem que resolver os mais variados problemas, muitos deles sem sentido, que existem na cidade.

Frau Mika

Mãe de Gudrun, a esposa de Bernardo. Além de ser dona da “Pensão Recreio” é extremamente religiosa e ligada ao grupo de senhoras religiosas e conservadoras chamado “Senhoras do Apostolado Coração”. Era viúva e estava sempre a elogiar o ex-marido falecido (Vitoldo) quando olhava o seu quadro na parede da sala. Incomodava-se com o jeito da filha e muitas vezes tinha que fazer “vista grossa” para as artimanhas da mesma.

Taka Mori

É um japonês dono do “O Hotel Internacional”, o principal da cidade. Possui uma plantação de Cogumelos na região do Vale do Dourado, onde ele tira o ingrediente básico para a sua especialidade culinária: O “Takamelo”, ou seja, uma espécie de mingau salgado que ninguém ousa experimentar além do cachorro de Fabrício, Epaminondas, que é aficionado pelo prato. Em certo momento do livro, Epaminondas é envenenado por Bernardo através do próprio Takamelo.

Boca Santa (Teodósio Pederneiras)

Dono da farmácia Minerva e padrinho de Fabrício, rivaliza com o Doutor Mayer, o médico da cidade para atender casos de doenças. Possui o apelido de Boca Santa por bisbilhotar e fofocar sobre a vida alheia.

Seu Erotides

É responsável por zelar pela estação férrea da cidade. Não faz quase nada além de ficar lendo o jornal Correio do Povo, do qual coleciona todas as edições desde a primeira. Está sempre participando das fofocas e bisbilhotices criadas pelo Boca Santa.

Doutor Aldebarino Fragoso (Barba Negra)

Juiz da comarca de Passo Fundo, que vem fazer julgamentos na cidade de Boa Vista por não possuir comarca própria. Ao mesmo tempo é cartola e patrocinador de um time de futebol chamado 14 de julho de Passo Fundo, que no decorrer da história enfrenta o time de futebol da cidade de Boa Vista, o 25 de julho.

Doutor Mayer

De ascendência alemã, veio de Porto Alegre com diploma “falso” de médico, porém administra o Hospital criado e desenvolvido pela rica família Rampanella. Teve a sorte de casar com a filha do chefe da família. É um dos inspiradores e afiliados ao grupo nazista da cidade.

Cabo Reduzino

É um personagem coadjuvante que tem como papel ser o ajudante do delegado Tropeiro de Lesma. Vive levando bronca deste, tendo que resolver muitos problemas do mesmo, inclusive lembrar-se dos seus esquecimentos.

Dona Eva

Esposa de Erotides, chefe da estação. Está sempre espiando pela janela do seu quarto na estação para ver o que está acontecendo. Vive chateada pela falta de “fogo” de seu marido, e se sente atraída pelos homens que passam pela estação.

Mestre Faísca

Dono do Jornal “O Boavistense”. Também se casou com uma das filhas da família Rampanella, que financiou o desenvolvimento do Jornal. No livro é um se diz intelectual que ao mesmo tempo compactua com o movimento nazista da cidade. Famoso por publicar notícias distorcidas sem sentido no jornal antes do Correio do Povo chegar à cidade.

Jederico Boaventura

Advogado que veio recentemente para à cidade e se tornou famoso por ajudar a absolver Maroca no caso do atentado contra o padre Frei Ventura. Torna-se amigo de Turco Mansur e padrinho de Fabrício Najak. Resolve pendências jurídicas das mais variadas, frequenta o Bordel Bico Verde todos os dias, lugar em que se sente bem, longe de sua casa, onde tem que enfrentar os temperamentos de sua esposa Pompília.

Pompília

Esposa de Jederico Boaventura. Sente raiva do marido por ter lhe enganado sobre como era a cidade antes de viajarem de Porto Alegre para Boa Vista. Após a morte de Miguelina, a mãe de Fabrício, passa a protegê-lo por ser a sua madrinha. Costuma ser temperamental, dominadora com o marido e tem ataques de nervos muitas vezes públicos quando algo lhe desagrada.

Secondo Rampanella

Filho do fundador da empresa de moinhos e secos & molhados Rampanella, mas já está aposentado. Seus filhos administram a empresa por ele. No livro é retratado como uma figura cômica e coadjuvante que nunca verbaliza com os principais personagens, mas somente

aparece em momentos chaves da história, inesperados, conforme a situação, para soltar sua famosa expressão: “Porco Dio” entre outras semelhantes³⁰.

Primo Salvatore Rampanella

Imigrante fundador da empresa da rica família e influente da cidade. É citado indiretamente já como falecido para contar as passagens históricas do município.

Turco Mansur

Pai do protagonista Fabrício Najak. Era dono da loja de panos e louças que o filho assumiu depois. Era considerado homem de muito “fogo” e durante o livro acaba morrendo na zona de prostituição da cidade. Sentia amargura pelo filho ser muito religioso, quieto e não possuir a mesma “personalidade” que ele.

Miguela

Mãe de Fabrício Najak. Conheceu o pai dele, turco Mansur, em Porto Alegre quando estudava em um convento religioso. Seu filho puxou para esse seu lado além da inteligência. Falece também no decorrer da história.

Madame Chiquinha

Famosa prostituta antiga da cidade que com o tempo se torna dona do bordel chamado “Bico Verde”. Foi amante de muitos homens conhecidos do município.

³⁰ Para ser preciso, aqui estão todas as expressões semelhantes pronunciadas pelo personagem Secondo Rampanella em todo livro, sem haver repetição: “Porco Dio, Porca Madonna, Porca Pipa, Porca Miséria, Porco Cane, Porco Serraceno, Porca Sopeira, Porca Tripada, Porco Negrone, Porco Algodone, Porco Torrone, Porco Demonio, Porco Gattone, Porco Maffioso, Porco Cristo, Porco Martirio, Porco Veado, Porco Cordone, Porco Pavone, Porca Lussuria, Porca Guerra, Porca Facada, Porco Duce, Porca Saúva, Porco Chinedo, Porca Megera, Porca Sodoma, Porca Gomorra, Porca Vergine, Porco Vagone, Porca Giuda, Porca Frintia, Porca Brossura, Porco Pirata, Porco Baguale, Porco Sereno e um redundante Porco Porcone. Segundo Vitalina Maria Frosi em “A blasfêmia: suas interfaces em contexto bilíngue” (2012, p. 79) a Língua, cultura e identidade aproximam os ítalo-descendentes”, eles se reconhecem como iguais ou muito semelhantes, pertencentes a um mesmo grupo minoritário, falantes de uma variedade linguística por eles compartilhada, em oposição ao grupo majoritário do qual se diferenciam e dele se distinguem em muitos aspectos. O turpilóquio, nas suas várias expressões, especificamente, a blasfêmia identifica os ítalos descendentes, também por esse segmento linguístico e cultural. A blasfêmia e o falar torpe dialetal italiano não se desvincularam da história de vida dos ítalo-gaúchos”.

Capitão Gaudério

Primeiro Intendente da cidade de Boa Vista, fundou a prefeitura e teve seus anos de glamour sendo fiel ao governador Borges de Medeiros. Sofre de problemas na próstata.

Coronel Fredolino Gonçalves (Tio Gonça)

Coronel do exército em Santa Catarina. Extremamente rígido e egocêntrico. Teve um caso com uma prostituta de luxo chamada “La Virgens dos Infernos”. Acabou sendo traído por ela com Bernardo Lutzmann, este que fugiu para a cidade de Boa Vista.

Sargento Micansa

Braço direito do Coronel Fredolino, sempre lhe “puxando o saco” e fazendo tudo que lhe é exigido.

Juliva “La Virgens dos Infernos”

Garota de programa de luxo, dançarina de cabaré e amante do Coronel Fredolino.

Frei Cândido e Frei Bento

Personagens coadjuvantes ligados à figura do padre Frei Ventura. Estão sempre em discussão e passando por situações embaraçosas nos eventos religiosos que o padre anfitrião promove.

Vicenzo

Anestesiista e ajudante de Doutor Mayer. Também participa do grupo nazista.

Maestro Kraube

Famoso músico multi-instrumentista que rege a banda da cidade, esta que acaba participando dos cortejos políticos do grupo nazista liderado por Bernardo Lutzmann. Os ensaios da banda são regados a “cerveja e chucrute”.

Boris, o “Canhão do Vale”

Faz parte do grupo nazista da cidade e é o jogador principal do time 25 de julho. Possui esse apelido pelo seu chute forte e preciso.

Beppi

Coroinha que trabalhava nas missas do Padre Ventura. Toca gaita na missa e nos eventos sociais. Também faz parte do grupo nazista da cidade.

Professora Finoca

Personagem coadjuvante, apaixonada por Bernardo Lutzman em segredo.

Nega Dorvalina

Garota de programa da Zona Bico Verde. Sua passagem principal do livro se passa quando é contratada pelo Turco Mansur para tentar (sem sucesso) resolver a “timidez” do filho.

Clarinda e Júnia.

Amantes secretas de Fabrício. A primeira trabalhou na loja do seu pai enquanto ele era apenas um jovem adolescente tímido. A segunda era uma mulher casada com a qual se encontrava no início da manhã enquanto o marido ia para a igreja rezar. Teve decepções amorosas com as duas, principalmente com a segunda, quando descobriu que ela possuía um terceiro amante com quem se encontrava no fim da tarde.

Candinha

Mulher do prefeito, Major Pandolfo. Possui orgulho do marido, mas não sabe das amantes que ele possui, entre elas, Gudrun.

Biqueira de Aço e Esporão de Ouro

Galos campeões de brigas de rinha da cidade. O primeiro pertencente ao Turco Mansur e o segundo ao Boca Santa.

Como se percebe, os personagens possuem características que tornam relevantes as vaidades e dramas humanos de um jeito tragicômico. Vivem nos seus mundinhos particulares de forma alienada e estão sempre preocupados com a vida alheia ou como são representados naquela pequena sociedade.

Para dar contraponto, o autor lança mão como recurso a personagens históricos regionais, nacionais e internacionais que possuem glamour e importância naquele contexto, envolvendo-os direta ou indiretamente nos dramas particulares dos personagens fictícios.

3.2 PERSONAGENS HISTÓRICOS

O autor desenvolveu o romance mesclando várias esferas e tempos históricos para que no final houvesse uma conexão entre estes. Ao mesmo tempo em que ele cria uma história fictícia envolvendo os personagens do livro, em estilo novelesco, em que mostra histórias particulares de cada personagem, seus dramas e sucessos, além do convívio entre eles, também relembra a história da cidade de Boa Vista, desde sua fundação até o tempo histórico presente no livro, que se situa em meados dos anos 1940. Segundo Biffi:

A História sempre tem a ver com tempo e existem durações diferentes que atuam simultaneamente. Nele as pessoas se movimentam, acontecimentos se desenrolam e os pressupostos sobre a duração são investigados pelo historiador. Para ele, o tempo histórico é carregado de experiências misturadas, como por exemplo as marcas individuais, a que se repete (geracional), comumente chamada de "espírito de uma época" e mudanças de experiências a longo prazo (Biffi, 2017, p.4).

Como a cidade de “Boa Vista”³¹, no Vale do Rio Dourado se situa no livro como pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul, foi necessário também recontar e fazer em certos momentos uma ligação com a história do mesmo, como também do Brasil.

Ao mesmo tempo, como pano de fundo, e um dos motivos basilares que se conecta com a história, é a Segunda Guerra Mundial. Ao analisar o livro, em suas variadas camadas de tempos históricos, a trama se situa principalmente entre os períodos que vão dos anos 1938 a 1945. Nos primeiros trechos o leitor já se identifica com o momento histórico em questão quando o autor cita um epitáfio encontrado em um túmulo clandestino que surge repentinamente no cemitério da cidade:

“Aqui jaz o meu cachorro Epaminondas, assassinado pelo nazista Bernardo Lutzmann. Abril de 1943. Fabrício Najak” (Mársico, 1986, p. 11).

A Segunda Guerra Mundial se faz presente, primeiramente, pelas discussões em várias partes do livro sobre os acontecimentos da guerra, que vão se tornando conhecidas à medida que surgem as notícias vindas de Porto Alegre por ondas de rádio ou pelo jornal *Correio do Povo*. O povo da cidade de Boa Vista discute muitas vezes, de forma distorcida, os acontecimentos que estão ocorrendo no solo Europeu.

Entrementes, é caracterizado o grupo liderado por Bernardo Lutzmann, que se desenvolve dentro da trama através de um movimento de integralistas com forte influência do fascismo e nazismo dentro da cidade de Boa Vista.

Este grupo com a maioria de descendência germânica, possui simpatia pelos discursos de exaltação ariana. Há uma identificação ao ponto de criarem especulações de uma possível vinda do *Fuhrer* para as regiões de colonização alemã após a “certa” vitória das potências de eixo.

Além disso, como no caso do líder do grupo, o uso de vestimentas e porte parecidos com os nazistas e fascistas se tornam também personificados esteticamente no livro:

Fabrício não podia sequer fitá-lo de constrangimento e raiva. Ali estava, na sua frente, o homem que praticamente lhe estragara a vida. E como estava? De roupa cáqui, de culote e botas. O cabelo esparramado pela testa, formando uma aba do lado

³¹ O escritor não usa o termo “Região do Alto Uruguai” onde fica Erechim, porém usa o termo “Vale do Rio Dourado”, região ao norte da cidade que faz divisa com Santa Catarina, cujo rio com o mesmo nome e que tem sua foz no Rio Uruguai atravessa o território.

esquerdo, e um bigode pitoco, da largura do nariz, que parecia uma quina do rosto. Era uma caricatura melhorada do Fuhrer, sem dúvida. Pelo menos, de aspecto mais jovem e sadio, mais atlético, mais ingênuo (Mársico, 1986, p.502).

Nesse sentido, Mársico fez uso como ligação entre a ficção e a realidade do contexto histórico daquele período, a menção e muitas vezes até a participação direta de personagens coadjuvantes buscados na história do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo. Portanto, iremos aqui citar brevemente e comentar sobre a participação de alguns dos principais personagens históricos encontrados na ficção.

3.2.1 Líderes ovacionados: *Fuhrer*, *Duce* e Plínio Salgado

Por conta do movimento integralista e nazifascista influente na cidade de Boa Vista, Hitler e Mussolini são citados muitas vezes durante o livro, na maioria das vezes de modo cômico, como vemos no trecho a seguir:

Durante a invasão da Abissínia...

O Doutor ouvira dizer, pois lera não sabia bem aonde, que, após a vitória retumbante, negro esticado aqui e acolá, morrendo asfixiado, a primeira coisa que Mussolini se lembrou de fazer, todo eufórico, foi telefonar a Hitler na expectativa de receber os calorosos e esperados cumprimentos pela travessura cometida sem a prévia consulta do particular amigo.

- Golpe de mestre, hem, *Fuhrer*? - antecipou-se Mussolini na ligação Internacional.

- Golpe de Branco! - vociferou o *Fuhrer* do outro lado da linha, num catarro (Mársico, 1986, p. 481).

É importante salientar que na cidade fictícia de Boa Vista, que segundo o autor teve sua origem através do povoamento de colonização a partir da segunda década do século XX, não havia apenas descendentes de alemães, mas sobretudo de italianos, e por conta da familiaridade ideológica entre o fascismo e o nazismo e a aliança das potências de eixo, há uma discussão competitiva no grupo sobre a questão se o fascismo é superior ao nazismo ou vice e versa, como também qual é o melhor líder o *Fuhrer* ou o *Duce*³²:

³² Ambas as palavras *Fuhrer* e *Duce* são respectivamente denominações para *Hitler* e *Mussolini* que significa "Líder" ou "Guia".

O Doutor Mayer, a título de reforçar o consolo e acender o entusiasmo que o líder manifestava numa reunião dos mais íntimos, na casa do Major, especialmente convocada para uma análise fria e objetiva dos últimos acontecimentos, disse, entre uma comida e outra de peças de xadrez, enquanto o parceiro se distraía, que, não fora a toupeira do kaiser meter Adolf Hitler no presídio militar de Landsberg sobre o Lech, no dia 1º de abril de 1924, não teria surgido esse monumento filosófico, literário e político que era o *Mein Kampf* e nem a glória que hoje representava o *Fuhrer*, o dono absoluto da nova e poderosa Alemanha.

- Heil Hitler! - excedeu-se o Canhão do Vale numa centelha de munição incontrolável.

O Doutor quase jogou fora o rei, do tabuleiro, numa arrancada imprevista, para responder à saudação que a moda já vinha impondo aos alemães mais autênticos.

- O mesmo digo eu sobre o Duce, se me derem licença para um aparte e sem querer meter la cogliere nella cazzeroia - interveio o Major, de robe de chambre ao pé da lareira, cachimbo a tiracanto vocal, dissimulando um certo alheamento ao debate em razão do cargo e da imparcialidade que jurara manter a qualquer custo. Mas não fora o fracasso eleitoral do Duce, em 1919, - prosseguiu - o pontapé que levou, Dio Santo!, no lugar que a educação e a modéstia não me permitem anotar, quando ainda era redator do brioso matutino *Il Popolo d'Italia* e, digo mais, não fora a circunstância quando menos esperava, o Duce, repito, não seria hoje, *managgia marona*, o condutor infalível de *tutta la Penisola!* (Mársico, 1986, p.388).

Na cidade, o grupo nazifascista liderado por Bernardo Lutzman se encontrava para discutir assuntos relacionados ao movimento. Além de discussões políticas e ideológicas, desenvolviam práticas, manifestos e também desfiles com o objetivo de se mostrarem importantes e influenciar a população da cidade de Boa Vista:

Quando Frei Ventura se deu conta, olhando com o rabo dos olhos por cima do ostensório, viu que marchava em direção oposta, um exército de araque. Bernardo e mais um grupo de quarenta pessoas, todos fardados de camisas-verdes, botas, culotes, bonés e carregando diversos estandartes nos ombros, com uma sigla que a Frei Ventura não pareceu estranha, se largaram Avenida abaixo num tamanho embalo de gansos, ao som de trombones e entoando gloriosamente o *Christus Vincit, Christus Regnat, Christus Imperat*, que fizeram a procissão estancar na primeira curva da Praça da Bandeira antes que fosse tarde para qualquer manobra estratégica.

O grupo veio bufando até uns cinco metros dos pálios, travou numa raça de levantar pedregulhos e a voz de Bernardo se fez ouvir, inflamada e ao mesmo tempo respeitosa:

- Ao Santíssimo

E todo o bando, estendendo furiosamente o braço direito numa espécie de cutucagem à romana, gritou em coro:

- Anauê! (Mársico, 1986, p.369).

A expressão “Anauê” foi usada nos anos 30 pelo Movimento Integralista Brasileiro e era um vocábulo de origem Tupi, que servia como saudação entre os indígenas de modo

fraternal. O fato de os Integralistas terem características ideológicas nacionalistas e de exaltação patriótica fez com que esse grito fosse usado pelos mesmos³³. Segundo Fedrigo:

O movimento Integralista destacou-se no Brasil com um cada vez maior número de seguidores, que ficaram conhecidos como “camisas verdes” fazendo menção aos seus uniformes. Exibições públicas, típicas dos movimentos fascistas eram comuns no Movimento Integralista. Tratavam-se com um cumprimento de origem tupi-guarani, “Anauê!” com clara alusão ao “Heil!” nazista (Fedrigo, 2013, p.5).

Aliás, Plínio Salgado, líder do movimento integralista brasileiro, é citado também algumas vezes nos livros, já que o grupo se denomina “Ação Integralista do Vale do Rio Dourado”:

Achava que Bernardo era o homem indicado para empunhar, ali na região, a nova bandeira que tremulava no Reichstag e que, dentro em breve, tremularia por toda a Europa: a suástica, de fundo vermelho e branco, com a gloriosa legenda que era um desafio ao vergonhoso Tratado de Versalhes - Deutschland Erwache!, Alemanha, desperta! Quando o Doutor chegava neste assunto da sua predileção, como que se transfigurava falando na sua querida Alemanha, no Fuhrer, “o maior gênio político de todos os tempos” (Napoleão, perto dele, era fichinha) e do Nacional Socialismo (nazismo, para o vulgo), “a doutrina redentora da humanidade”. Dizia, também, muito confidencialmente, que, no Brasil, já começava a despertar um movimento parecido, inspirado no Mein Kampf e dirigido pelo grande patriota Plínio Salgado (Mársico, 1986, p.351).

Neste outro trecho, é mencionado o momento que o líder Integralista vem visitar a cidade de Boa Vista, para orgulho do movimento:

O culpado de tudo foi Plinio Salgado e sua carcaça oratória, que veio a Boa Vista especialmente para conhecer a massa de correligionários já tão falados e estranhos, curioso de os ver apalpar. E em aqui chegando e após inaugurado o seu retrato na sede do Sport Club 25 de Julho entre abraços e cevadas, fez um comício-monstro defronte ao ATACADO LUTZMANN, estreando os dois alto-falantes que Bernardo mandara vir de Porto Alegre, importados diretamente da Alemanha, também da marca Telefunken. E, ali, empolgado pelas ovações, pelos “Anauês” misturados com os “Heil Hitler” e os “Viva il Duce”, afirmou, convicto, que era chegado o momento dos seus queridos camisas- verdades mostrarem a sua coragem e disposição para a luta (Mársico, 1986, p.471).

³³ Nota-se que Mársico faz uma mescla das três ideologias entre os representantes do movimento na cidade durante o livro, ora exaltando cada figura com sua respectiva ideologia outras vezes misturando as expressões, mostrando assim que Bernardo e seus seguidores muitas vezes não tinham noção das características de cada tendência política defendida, porém sabiam das afinidades ideológicas que a caracterizavam como extrema direita. Discutiremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Veremos, no próximo capítulo, que assim como aconteceu na imaginada Boa Vista, o flerte com as ideologias nazista, fascista e integralista foi algo comum (porém não sempre e não para todos) em muitas cidades do Sul do Brasil, inclusive no norte do Rio Grande do Sul, como também na cidade de Erechim e, portanto, se torna relevante entender o porquê da influência desses movimentos nos territórios colonizados por imigrantes de origem étnica alemã e italiana, como também levantar erros e acertos no que toca aos discursos sobre esse fato.

3.2.2 “O pai dos pobres” em Boa Vista: Getúlio Vargas

Em 1937, Getúlio Vargas deu um golpe de estado inaugurando o período em que foi denominado de “Estado Novo”. Um dos motivos alegados do golpe era colocar em ordem o caos social e político que estava acontecendo por conta de movimentos extremos de direita e esquerda que ocorriam no país³⁴.

No livro, menciona-se o furor, decepção e medo do grupo nazifascista da cidade em relação a este acontecimento:

Realmente, desde que Getúlio dera o seu Golpe de Estado em 10 de novembro de 1937, dizendo que assim procedia para salvar a democracia brasileira, dos extremismos da esquerda e da direita, de cima e de baixo, e dissolvera todos os partidos políticos, o Núcleo de Ação Integralista do Vale do Rio Dourado entrara em recesso proibido de manifestações coletivas naquela base de outrora, isto é, com uniformes, cartazes, passeatas, etc. A notícia foi um golpe terrível e inesperado para os integrantes do Núcleo justamente quando estavam no auge e se movimentando para invadir Passo Fundo com armas e bagagens (Mársico, 1986, p.470).

Assim como Hitler e Mussolini, inúmeras menções ao ex-presidente Getúlio Vargas se tornam entre as mais citadas.

O tropeiro tinha por hábito chamar de compadre a todos os chefes que considerava, desde o Interventor do Estado, General Oswaldo Cordeiro de Farias, até o Presidente da República, Doutor Getúlio Dornelles Vargas (Mársico, 1986, p.327).

³⁴ O período durou de 1937 a 1945 e ficou caracterizado por seu caráter ditatorial. No pronunciamento à nação através do rádio, Getúlio Vargas dizia que a justificativa para a nova ordem era "reajustar o organismo político às necessidades econômicas do país".

Já a participação de Getúlio na Revolução de 1930³⁵ é aqui comentada pelo padre Frei Ventura, mais uma vez de forma cômica:

Mas, com o advento da Revolução de 30, entrou ele numa crise de ansiedade e nervosismo, vendo suas esperanças rolar águas abaixo, disposto a enforcar todos os politiquinhos da terra, os Cains da vida pública, especialmente Getúlio, pitoco de uma figa, que, ao invés de acatar o resultado das urnas, seguindo a lição do invulnerável Borges de Medeiros, tivera o topete de se insurgir contra o Governo Federal, só pela vaidade de querer amarrar o seu cavalo no obelisco da Avenida Rio Branco, na capital da República (Mársico, 1986, p.284).

Neste outro trecho, se descreve um pensamento do Doutor Mayer, um dos simpatizantes nazistas. Menciona-se a relação do governo brasileiro com as potências aliadas durante a II Guerra e a opção de ficar do lado destas, porém, sem deixar de mencionar as simpatias com o Eixo e as possíveis mudanças de lado durante as indecisões que o contexto gerava³⁶:

Não deveria esquecer, jamais, que o País, lamentavelmente, se decidira por um estado de beligerância contra a querida e invencível Alemanha. Cometera um erro imperdoável aliando-se aos capitalistas judeus. Bem que o presidente Getúlio Vargas quisera pegar o lado certo no começo. Aquele sim, era um homem de visão, hein kleiner Fuherer! Mas os americanos não deixaram (Mársico, 1986, p.48).

Depois de tomada a decisão de Getúlio em relação à guerra, havia a possibilidade de censura e perseguição aos simpatizantes ao nazismo, o que realmente acabou por ocorrer, porém, na passagem a seguir, o grupo nazifascista teima em se manifestar apesar do perigo e avisos incessantes do delegado:

- E tudo isso que estão fazendo, delegado, e que já é do seu conhecimento? Essa propaganda toda, essa gritaria pelos alto-falantes diariamente, até de noite, o senhor vai deixar que tudo isso continue como se não houvesse nada?
- O que é que eu posso fazer, cristão? O compadre Getúlio não emprenha...
(Mársico, 1986, p.399).

³⁵ Ver nota 20.

³⁶ É importante lembrar que o governo de Vargas, apesar de muitas semelhanças com o regime fascista, não assumiu de começo nenhum posicionamento e se manteve neutro. A partir de 1941 houve pressão por parte dos Estados Unidos para que outros países americanos participassem do conflito e, depois de muitas negociações, precisamente em janeiro de 1942, o Brasil e outros países da América se comprometeram a romper oficialmente as relações com todos os países do Eixo, mesmo assim só entrou na guerra como participante bélico após os ataques aos navios mercantes brasileiros no Atlântico em fevereiro de 1942.

No entanto, chega em um momento da história em que Getúlio Vargas sai das entrelinhas e menções para se tornar realmente um personagem do livro, ou seja, quando o Presidente da República visita a cidade de Boa Vista.

O motivo foi uma promessa, após a Revolução de 1932, feita ao Interventor Flores da Cunha. A promessa foi que visitaria o Estado e ao mesmo tempo passaria pela cidade de Boa Vista para inaugurar o Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho, ou seja, uma outra promessa que Flores deu ao Frei Ventura, o padre da cidade:

Felizmente, a Revolução de 32 durou muito menos que a de 30. O Flores, que era o Interventor do Rio Grande, mandou a Brigada em auxílio de Getúlio e os paulistas nunca viram tanta bala na vida. Porém, veio outro “deixa-disso” para que o sangue não fosse derramado em vão, muita gente perdeu os direitos políticos no azar da mudança de galho, e a República, ao invés de ficar dividida, acabou subtraída. Getúlio, então, bastante agradecido, prometeu uma visita de compadre ao Flores e lhe garantiu que, na volta, não se esqueceria de parar em Boa Vista para fazer as honras do protocolo firmado em seu nome na Revolução passada (Mársico, 1986, p.321).

A visita de Getúlio faz parte das camadas de tempos históricos como já comentados acima, que o autor usa para religar o tempo presente da ficção à história do passado da cidade, ocupa um capítulo inteiro e está situado exatamente na metade do livro. Portanto percebe-se em certo momento que esta é uma das passagens clímax da obra.

Os habitantes da cidade ficam alvoroçados e cheios de expectativas com a chegada do ilustre personagem, principalmente o padre Frei Ventura que ansiava há tempos pela inauguração do Seminário do Bom Conselho:

Getúlio, para não desmoralizar a Viação Férrea, chegou também com algumas horas de atraso, distribuindo sorrisos e fumaça por todos os lados. Desce do trem num linho branco impecável. Chapéu panamá na cabeça e um charuto havana de meio metro no gargalo da mão direita, seguido pelo Cardeal Leme, elegante e sóbrio (Mársico, 1986, p.330).

A Cardeal Leme (1882 - 1942) era uma das figuras religiosas principais daquele período histórico. Além de arcebispo do Rio de Janeiro, possuía o título de Cardeal Presbítero de São Bonifácio e Santo Aleixo. Veio junto de Getúlio com o propósito de rezar a missa de inauguração do seminário, como também, crismar Fabrício Najak, um dos personagens principais, que era muito ligado à Igreja Católica e ao padre Frei Ventura.

A crisma de Fabrício foi realizada logo após a benção do prédio pelo Cardeal - cerimônia realizada meio a toque de caixa por causa do churrasco que estava sendo preparado noutro canto, sob a proteção dos alambrados de palha seca, e cujo aroma atrapalhava as devoções mais persistentes (Mársico, 1986, p.333).

É nesse ponto que acontece uma das cenas mais cômicas do livro: o diálogo entre o personagem Maroca e Getúlio.

Maroca, era um ex-combatente federalista que veio parar após a guerra na região do Alto Uruguai, vindo morar na cidade de Boa Vista. Ele era negro e quando chega à cidade, causa comoção ao soltar um tiro dentro da própria Igreja, durante uma missa, vindo “acertar” de raspão o padre da cidade, quando este resolveu, no meio da missa, dar um discurso político em favor do então governador do estado Borges de Medeiros.

Maroca foi julgado por um juiz de Passo Fundo, o “Barba Negra”, e seu julgamento foi um espetáculo assistido por toda a população da cidade. No final ele é absolvido graças à genialidade de um advogado recém-chegado de Porto Alegre, ou seja, Jederico Boaventura, que consegue convencer o júri e os presentes através de uma encenação falsa, em que demonstra de que em vez de balas reais, era apenas uma arma de brinquedo, ou seja, “de espoleta” que então o dono do atentado possuía.

Este personagem acaba morando na cidade e se tornando uma figura pitoresca, muitas vezes sendo usado como motivo de preconceito, por ele ser negro, ex combatente federalista e também ao fato de ter atentado contra o padre.

Maroca, ao saber da visita do prestigioso presidente, elabora uma artimanha, no meio das festividades planejadas para a vinda da personalidade histórica, e tenta conversar com o mesmo, com o objetivo de solicitar um emprego, já que estava em situação de miserabilidade.

No fim ele consegue conversar com Getúlio, este que lhe promete dar emprego dizendo “que o prefeito da cidade já estava ordenado em fazer isso por ele”. Maroca futuramente então, ficando aos poucos cego e surdo, torna-se zelador do cemitério municipal até o fim de sua vida.

O que se destaca nisso tudo e como ápice do capítulo sobre sua visita, é o trecho do diálogo que acontece entre Maroca e Getúlio em certo momento, sobre o pai de Maroca, que era então um escravo “especial”, na época do Império:

Qual era a profissão de seu pai? – Perguntou Getúlio, interessando-se pela figura pitoresca de Maroca, os olhos marrons, arregalados, o bigode como dois braços de espantalho, a voz gemida.

- Era reprodutor. Excelência.

Getúlio soltou uma gargalhada e se valeu da pausa para acender um charuto. O Cardeal, Frei Ventura e as senhoras do Apostolado da Oração engoliram em seco. Os demais, com exceção de Fabrício, o Rábula Jederico e Pompília, que já conheciam a fama do herói, e do Major, que não era muito dado a essas intimidades, não puderam conter umas risadinhas murchas, cacarejantes.

- Reprodutor de quê? - Indagou Getúlio, malicioso.

- De escravos, seu Doutor.

A situação começou a ficar muito incômoda e alguns pigarros conturbavam o ambiente. Getúlio, porém, cada vez mais interessado, não quis perder a oportunidade de clarear o assunto:

- O fato deve ter ocorrido há bastante tempo, lá pelas épocas do Império, não é verdade? E me diga uma coisa, havia muito trabalho?

- Disso eu não tenho certeza. Só sei que meu pai trabalhava muito. Era o que ele nos contava na velhice, já meio aposentado. Quando o patrão dele achava que tinha chegado a hora de agir, mandava ele viajar pelas fazendas para atender as negrinhas.... Naquele tempo, cada filhote de escravo valia uma fortuna!

- Então devia ser uma tarefa muito agradável – comentou Getúlio ante o olhar complacente do Cardeal que, a essa altura, já se distraía um pouco com as senhoras do Apostolado da Oração.

- Nem sempre, Excelência. Meu pai dizia que, às vezes, a tarefa era muito ingrata.

- Mas como é que ele trabalhava? Todas as noites? Durante o dia? Não tinha direito a repouso, nem férias?

Maroca, estimulado pelo interesse do Presidente, contou tudo, com detalhes. Disse que seu pai, escravo muito vigoroso, saía durante seis meses do ano, principalmente na época da primavera, para visitar, uma a uma, dum canto a outro, todas as fazendas de seu patrão, pousando em lugares determinados, em descanso, trabalhando, às vezes, conforme a carga, até durante o dia. E depois dos seis meses?

- atalhou Getúlio, curioso.

- Aí, voltava.

- E, então, descansava?

- Não, Excelência, aí é que vinha o pior. Ele voltava para atender as falhadas (Mársico, 1986, p.340).

Além da crisma de Fabrício e o emprego conseguido por Maroca, houve a nomeação do novo prefeito, no caso o Major Pandolfo, e seguiu as festividades com muita alegria, principalmente por Getúlio que achou hilariamente interessantes as pessoas e figuras que conheceu na pequena cidade em desenvolvimento, sendo sua despedida na estação cheia de comoção e eventos cômicos.

Getúlio foi se acomodando rapidamente no trem, pouca gente à roda do vagão, o Major dum lado ensaiando o aceno, Frei Ventura do outro agradecendo ao Pai do céu, a família Rampanella em retirada, as senhoras do Apostolado da Oração ainda com um olhar de paixão recolhida pregado no Cardeal, e a bandinha do Maestro Kraube já com metade do assopro nas bochechas para o esparramo do adeus (Mársico, 1986, p.345).

O que acontece é que Mársico, pelo que se pode entender, consegue dar importância à situação política nacional, momento que teve forte influência da ideologia trabalhista e do “varguismo” por todo o território nacional. Segundo Santos:

Houve um enorme esforço discursivo para se criar uma espécie de “mito da doação” das leis trabalhistas por parte do Governo Vargas, onde de bom grado, foi criado todo um aparato institucional que visava o bem estar e dos direitos dos trabalhadores. Junto a isso, a classe trabalhadora brasileira de maneira unívoca teria aceitado este amparo, consagrando, enfim, Getúlio como o “pai dos pobres” (Santos, 2021, p.145).

A figura de Vargas foi um marco do período e um dos personagens históricos de grande relevância. Assim como na história fictícia, veremos posteriormente que o mesmo visita a cidade real que inspirou Boa Vista, em algum momento, ou seja, Erechim, mesmo que não tenha sido do modo imaginado no livro.

3.2.3 “O velho Borges” de Medeiros

Outra figura histórica importante no livro muitas vezes mencionada é Borges de Medeiros (1863 - 1961), que foi governador (ou presidente) do estado do Rio Grande do Sul durante 25 anos, entre 1898 a 1928 (com exceção de um pequeno período de tempo de mandato entre 1908 a 1913)³⁷.

Seguia a linha ideológica e projeto político republicano de Júlio de Castilhos³⁸, possuindo, portanto, a influência e pensamento positivista. Queirós comenta que:

O PRR, partido que se manteve no poder desde então, era o portador de uma proposta de sociedade claramente diferente daquela que até então vigorava no Brasil. a qual se caracterizava por um liberalismo no plano econômico e um conservadorismo no plano social, sendo que esta diferença de propostas torna-se mais clara na medida em que a emergência de novos grupos sociais e a transformação da correlação de forças faziam com que se revelasse a incompatibilidade entre a estrutura monárquica tal como se achava constituída e as novas alterações surgidas. Assim, o advento da república possibilitou a ascensão de um novo partido ao poder, tendo como consequência disto a emergência de uma nova linha política e ideológica que propunha uma concepção específica da sociedade. Esta se caracterizava pela presença de alguns elementos que seriam o substrato de um projeto de sociedade erigido sob a influência do positivismo comteano (Queirós, 2009, p.99).

³⁷Ver nota 19.

³⁸Júlio Prates de Castilhos (1860 -1903) foi presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e principal autor da Constituição Estadual de 1891, entre outros cargos políticos. Foi um dos disseminadores do ideário positivista no Brasil.

Nesse sentido, é determinante sua relação com a fundação da cidade de Erechim, que seguiu as características de um desenvolvimento positivista. No livro, portanto, Gladstone também recria na cidade fictícia de Boa Vista os mesmos aspectos, e coloca a data da fundação da cidade igual à da cidade real.

Aprofundaremos-nos mais adiante neste assunto, ou seja, a semelhança entre a cidade real onde morava o escritor e a imaginária do livro, como por exemplo, a fundação da cidade de Erechim em 30 de abril de 1918, assinado pelo próprio governador Borges de Medeiros e a de Boa Vista, citada no trecho abaixo:

A Delegacia de Polícia ficava no outro extremo da Avenida, bem defronte à prefeitura. Entre ambas havia a Praça da Bandeira, com um pequeno monólito no centro, onde se inscrevera a data da emancipação (30 de abril de 1918), repetindo-se, logo abaixo, a célebre advertência de Bilac: “Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste”. A frase já viera pronta de Porto Alegre, sob encomenda postal, emplacada e tudo, temendo os encarregados da Comissão de Terras algumas represálias ao município-mãe, especialmente o desabafo perpétuo de Secondo Rampanella. Ao lado do marco histórico, fora plantado um jovem eucalipto, igual àqueles paus-de-sebo das brincadeiras juninas, onde se exibia o pavilhão nacional nos dias feriados. Mais além, num canto à esquerda, notava-se um pequeno busto do Velho Borges, mandando erigir, numa herma, pelo Capitão Gaudério, em agradecimento à sua nomeação como Intendente desde que fora criado o município (Mársico, 1986, p.55).

O apelido “Velho Borges” é usado frequentemente por Gladstone no livro para remeter ao governador. A ligação para contar a história da cidade com a figura histórica é feita com um personagem chamado “Tropeiro de Lesma” que vai ser designado como Delegado da Cidade desde sua fundação, junto com o decreto de Borges:

A notícia correu célere sobre a chegada do novo Delegado. Antes, não havia Município e, muito menos, Delegacia. Mas logo que a Comissão Emancipacionista veio de Passo Fundo com as boas novas e, em seguida, o velho Borges, Presidente do Estado, mandou um telegrama confirmando a autonomia dos serviços policiais e a nomeação do primeiro Delegado, a expectativa da vila foi enorme, todo o mundo a esperar, dia a dia o bichão. Quem seria? Algum brigadiano? (Mársico, 1986, p.18).

Tropeiro de Lesma consegue a nomeação de delegado de Boa Vista graças a sua amizade política com Borges de Medeiros, depois de tê-lo protegido de forma heroica durante uma cerimônia em Passo Fundo, através de um embate com forças anti-borgistas daquela cidade. Mesmo recebendo tão honroso emprego, vive a lamentar pelo ofício e lugar onde foi estabelecido e esquecido por aquele:

Chamava também de compadre outras figuras de relevo no cenário político, exercendo temporariamente algum cargo importante, fosse na Câmara ou Senado, pessoas de sua estima. O único a quem não dava o título afetivo, embora seu chefe do passado era o ex-Presidente do Estado, Doutor Antônio Augusto Borges de Medeiros, o Velho Borges, talvez de recalque porque fora ele quem o nomeara ou, melhor dito, quem o jogara ladeira abaixo naquela trágica, miserável e acidentada vida policial (Mársico, 1986, p.28).

Mársico resgata no livro a história do Rio Grande do Sul daquele período dominado pelo Borgismo e suas oposições, fazendo paralelos entre a história pessoal ficcional de Tropeiro de Lesma com as tendências políticas dos partidos Republicanas e Federalistas (chimangos e maragatos), usando seu humor característico em certos momentos. Detalhe para a observação que ele faz sobre as eleições “limpas” daquele período e a permanência antiga de Borges no comando:

Desde aquele tempo o Rio Grande já se achava dividido em benefício da política e havia dois partidos: o republicano (cujos adeptos eram chamados de chimangos e usavam o lenço branco no pescoço) e o federalista (conhecidos como maragatos e que usavam o lenço vermelho no mesmo gargalo) - partidos que, apesar de saídos da mesma panela conservadora, eram dois metais que não se fundiam nem debaixo d'água. O Velho Borges mandava e desmandava no primeiro, e graças ao seu pulso forte e uma habilidade toda especial na proteção e inviolabilidade das urnas, ia se reelegendo sempre e, pelo jeito, queria morrer tuberculoso no cargo (era magro como um varapau) sabia lá Deus quando! (Mársico, 1986, p.28).

Algum ano antes de 1928, já tendo noção de sua impossibilidade de se reeleger, Borges de Medeiros iniciou a promoção de Getúlio Vargas, como político e futuramente como novo governador do estado.

No livro de Gladstone isso se destaca ficcionalmente e com muito bom humor através de um trecho em que Borges visita a cidade de São Borja e começa a apoiar Getúlio, que na época era um simples Promotor de Justiça, mas com ânsia de se tornar deputado pelo mesmo partido que Borges. Este trecho se passa no mesmo capítulo em que Getúlio Vargas vem para Boa Vista, como uma lembrança do personagem Maroca:

Maroca nunca esquecerá o que vira lá em São Borja quando Getúlio era um simples Promotor de Justiça e queria ser deputado estadual pelo mesmo partido do Velho Borges. Maroca fora tropear um gado na Fronteira e se metera no churrasco, após o comício, oferecido ao povo pelo candidato. O Velho Borges tinha ido em pessoa a São Borja para prestigiar o novo candidato que o seu faro de perdigueiro não queria perder de alcance. Getúlio acabara de servir uma costela ao Velho Borges, quando um criminoso notório por aquelas bandas, ex-Delegado de Polícia, foragido da Justiça, se apresentou, ninguém soube como, ali na mesa de autoridades e pediu um aparte ao dono da festa. O velho Borges, na dúvida sobre a identidade do cujo, se garantiu de faca em punho, e Getúlio, com a mão na travessa de farofa, nem se

mexeu. Corpos provisórios se formaram de improviso e rodearam a mesa. O churrasco parecia que ia se transformar em eleição. Getúlio, porém, pediu calma a todos, para não estragar o seu apetite, e perguntou o que é que o intruso queria. Ele queria apenas que Getúlio não o acusasse no júri.

- Mas é minha função - disse Getúlio.

- Eu sei, Doutor. Mas a minha é despachar maragatos.

Getúlio soltou farofa por todos os lados e quis saber, ainda que mal perguntasse, com ordem de quem. Nem foi preciso a resposta, pois o Velho Borges largou a faca. Uma semana depois, num júri que dava chimango até no corpo de jurados, Getúlio recebeu a primeira ovação na sua carreira de Promotor (Mársico, 1986, p.327).

Herdeiro da corrente positivista de Augusto Comte (1798-1957), influenciado por Benjamin Constant (1767-1830) e Júlio de Castilhos como já citado, segue os moldes da primeira fase da República Velha, sendo que, é inegável a influência que Borges de Medeiros teve na história do Rio Grande do Sul tanto quanto estava no poder, como fora dele durante a primeira metade do século XX.

Muitos políticos ascenderam ao poder por sua influência direta ou indireta, como foi o caso de Getúlio. Também pela sua figura emblemática houve conflitos, mandos e desmandos. Foi uma figura histórica polêmica com admiradores e inimigos, mas que foi relevante para a construção histórica do estado naqueles tempos idos da República, merecendo neste caso destaque como um dos personagens, mesmo que indireto, há ser citado do livro.

3.2.4 Coadjuvantes históricos e suas passagens discretas

Além destes personagens históricos citados acima, ainda há outros que são lembrados de forma curta, com pouco destaque, mas que se tornam importantes para enriquecer os vários tempos históricos e ficcionais do livro.

Por exemplo, quando se conta a passagem de Bernardo Lutzmann pelo exército antes de vir para a cidade de Boa Vista, Gladstone comenta sobre as figuras militares da história de nossa pátria:

Era um militar de tamanha convicção que as botinas não lhe duravam mais de um mês por causa do entusiasmo nas continências. Barriga saliente, caminhava com garbo de quem tivesse a espada de Dâmocles apontada para lugar menos sóbrio e tinha por hábito, cada vez que um fato o surpreendia ou contrariava, fazer invocações repentinas aos vultos heroicos mais populares da nossa história, assim como “pelo Duque” (referia-se a Caxias), “pelas dragonas do almirante” (referia-se a

Barroso), “pela frota de Tamandaré” e “pela cavalaria de Osório” (Mársico, 1986, p.69).³⁹

Para além dos trechos que têm a participação de Getúlio Vargas e de Borges de Medeiros, temos também outras figuras interessantes que fizeram parte da vida política do ex-presidente.

Flores da Cunha (1880-1959) é um exemplo. Foi aliado de Getúlio durante a Revolução de 30, também ficou ao seu lado durante a Revolução Constitucionalista de 1932⁴⁰ e se tornou Interventor e Governador do Rio Grande do Sul nos tempos que se seguiram.

Neste caso o livro registra uma passagem dele pela cidade de Boa Vista, um pouco antes que Getúlio viesse. Aliás, é Flores da Cunha quem faz a promessa para a cidade da vinda do presidente:

O Flores - como era chamado e conhecido o General - viera justamente para isso, para convencer a turma de Boa Vista - lugar estratégico por sua proximidade com o Estado de Santa Catarina - a se definir para o lado errado antes que fosse tarde. Getúlio fizera-lhe recomendações expressas lembrando-se da Revolução de 23, onde Boa Vista, segundo um estranho jornal de que já não se lembrava o nome, chegara a importar gente da Itália só para defender o governo. E se agora eles fizessem o mesmo para combater a verdadeira Revolução? (Mársico, 1986, p.289).

Neste outro trecho, o autor reverência e caracteriza a figura de Flores da Cunha, destacando a sua popularidade política e personalidade. É perceptível que ele romantiza o personagem histórico fazendo uma mistura com seu humor satírico e quixotesco:

O Flores era um general diferente, uma personagem romanesca de ser empalhada em museu para não perder a glória da imagem. Sua fama corria por todo o Rio Grande como a de um penetra da velha ordem da cavalaria medieval, deixando ao largo Dom Quixote e outras figuras andantes. Dizia-se dele cobras e lagartos, e, em especial, que era um grande admirador do belo sexo, que gostava de fanfarronadas, principalmente de duelos, para exibir sua coragem a qualquer beliscão na honra, e que tinha uma boca de arrepiar o espanhol mais desinibido. Circulavam a seu respeito às melhores anedotas da época, muitas das quais baseadas em acontecimentos verídicos.... Naquela época, o General era Senador da República e dava mais sessões no Grande Hotel em Porto Alegre do que na Câmara. Homem de prestígio muito superior ao de Getúlio nas camadas populares, era, por assim dizer, o fiel da balança de qualquer candidatura por mais discreto que fosse o bolso do colete do verdadeiro chefe (Mársico, 1986, p.293).

³⁹ Respectivamente: Duque de Caxias (1803 - 1880) Patrono do Exército Brasileiro que participou de vários embates militares durante o período monárquico, inclusive a Guerra do Paraguai; Joaquim Marques Lisboa (Marques de Tamandaré) considerado patrono da Marinha e participou das Guerras da Prata e do Paraguai; Manuel Luís Osório considerado patrono da Arma de Cavalaria e também beligerante da Guerra do Paraguai.

⁴⁰Ocorreu entre julho e outubro de 1932 em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Seu objetivo era derrubar o governo de Getúlio Vargas e ao mesmo tempo convocar uma Assembleia constituinte.

Os opositores políticos de Getúlio também são mencionados, como no caso de Washington Luiz (1869 - 1957), o último presidente da velha república deposto pela Revolução de 1930.

Para usar como exemplo, mencionamos acima o Cardeal Leme vindo visitar junto com Vargas a cidade de Boa Vista. No trecho a seguir ele está em diálogo com o último presidente da “República café com leite”⁴¹ no instante de sua deposição:

Dizem que foi uma cena patética:

- Washington - falou o Cardeal Leme, com muita gravidade, mexendo nos santos óleos - os gaúchos já estão com os cavalos amarrados no Obelisco. Queres resistir ou capitular?
- Tenho alguma chance? - retrucou o Presidente, olhando por uma clarabóia do Forte Copacabana, onde se achava protegido pelas Forças Armadas.
- Ninguém sabe os desígnios da Providência, meu filho.
- Mas como? E o Ministro da Guerra?
- Já escolheu o melhor caminho. Foi para Porto Alegre se confessar.
- Quer dizer que estou só?
- Não, filho, estás com Deus.
- Então, estou perdido, meu Cardeal. Deus nunca fica mal acompanhado.

O Cardeal Leme se fez de desentendido e untou o Presidente com os santos óleos. Não era agouro, não, - desculpou-se - e sim, por vias das dúvidas, o melhor lubrificante para uma viagem longa que poderia ser a última.

Ao sair do Forte, o Presidente quis saber:

- E Vossa Eminência, não me acompanha?
- Se eu for, quem é que vai recomendá-lo ao Getúlio? - desculpou-se o prelado, com um aceno de boa viagem (Mársico, 1986, p.297).

Quando falamos de Getúlio, outro personagem histórico que nunca é esquecido é o chefe pessoal da guarda do presidente e um dos pivôs do escândalo da Rua Toneleros, ou seja, a tentativa de assassinato do jornalista político Carlos Lacerda (1914-1977).⁴²

Gregório Fortunato⁴³ e o atentado mencionado fazem parte do encadeamento dos últimos momentos da vida pública e política do presidente. Sua figura não é esquecida por Gladstone:

⁴¹ “Política do Café com Leite” é uma expressão utilizada para caracterizar um procedimento político típico de um período da história do Brasil denominado de República Oligárquica (1898 a 1930). Esse procedimento consistia na alternância no cargo de Presidente da República entre as oligarquias dos dois estados mais poderosos da época, o estado de São Paulo e o estado de Minas Gerais.

⁴² Grande crítico e opositor de Getúlio, foi um jornalista e político brasileiro, membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1947), deputado federal (1955–60) e governador do estado da Guanabara (1960–65). Foi fundador (em 1949) e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa. O atentado da Rua Toneleros, que ocorreu na noite de 05 de agosto de 1954 teve forte impacto na imprensa nacional, sendo um dos motivos que terá como consequência o suicídio de Getúlio Vargas.

⁴³ Foi chefe da guarda pessoal do presidente Vargas, foi pivô do atentado da rua toneleros e foi conhecido como “Anjo negro”.

Veio junto, também, uma meia dúzia de correligionários, sendo que um deles, o mais afetivo, espécie de abre-alas, era tão preto como o domador do Circo Sarrazani (Mársico, 1986, p.330).

O tom preconceituoso usado pelo escritor é usado por todo livro de forma debochada como se ele estivesse falando pela mentalidade da população, sendo assim, enfatiza o racismo que havia na cidade de Boa Vista e também na cultura de colonização que havia em muitas cidades da metade norte do estado. Esse assunto será retomado neste trabalho posteriormente.

Em relação a outros gaúchos citados, temos de forma já póstuma também Assis Brasil (1857- 1938), líder maragato, fundador do Partido Libertador e Deputado Estadual do Rio Grande do Sul de 1891. No caso, Gladstone faz uso dele para enfatizar a contínua rivalidade em tempos idos entre chimangos e maragatos:

Aliás, a situação de Maroca dos Prazeres, o réu, não era nada boa. Tirando os veneráveis irmãos da Loja Maçônica de Passo Fundo, que deram uma gozada secreta quando souberam da notícia e alguns ardorosos, fanáticos e anônimos simpatizantes de Assis Brasil - o asa negra do castilhismo - todo o resto da população tomara o partido do padre. Era só o que faltava: um negro e, ainda por cima, maragato, ter o topete de atirar num ministro de Deus dentro duma Igreja e em pleno sermão! Onde é que iriam parar? Amanhã ou depois um tipo igual se sentiria no mesmo direito de aparar o cavanhaque do Velho Borges em pleno comício! Era preciso uma lição, e das boas (Mársico, 1986, p.151).

Como se torna perceptível, Mársico deu importância para os eventos revolucionários da história do Rio Grande do Sul, citando-os sempre que possível. Neste sentido ele chega a mencionar Giuseppe e Anita Garibaldi e seu peculiar caso amoroso para não se esquecer da famosa Revolução Farroupilha:

Disse que Anita era realmente muito boa, não muito rica, porém, muito valente, uma brava mulher. Ele próprio não a conhecera, era muito criança naquele tempo. Mas, seu pai fora íntimo: moravam na mesma casa, no andar de cima. Segundo o velho, era tão linda que o marido só a deixava sair de casa para ir à missa e, assim mesmo, de véu, pior do que uma dama das arábias. Contou até que Garibaldi a descobriu na sapataria do marido, ao remendar o cano de botas, e depois fugiu com ela para o Uruguai. Amor à primeira vista, rápido e violento, pois, quando o pessoal se deu conta, já tinham atravessado a fronteira. E o pior de tudo - arrematou Bernardo - é que Garibaldi, diziam as más línguas, não foi um cavalheiro, nem sequer pagou o conserto das botas... (Mársico, 1986, p.233).

Sobre a Revolução Federalista de 1923, cita o Coronel Paim Filho (1884 -1971), que foi importante para deter as tropas maragatas no norte do Estado, especificamente na Região de Quatro Irmãos.

Daí a grande responsabilidade do Capitão Gaudério e sua pequena tropa até que chegassem os prometidos reforços do Coronel Paim Filho, outro nome tão temido e respeitado que até o Velho Borges (murmurava-se) se arrependera de tê-lo nomeado com medo de enfraquecer a sua autoridade (Mársico, 1986, p.220).

E enfim, além de outros nomes mencionados rapidamente, temos também as figuras históricas da Segunda Guerra Mundial ligada a Hitler e Mussolini, como esta passagem que relembra o famoso pacto nazi-soviético com Josef Stalin:

O Fuhrer teve um acesso de tosse daqueles, terrível, - não houve marechal que não levasse o micróbio para casa na hora da janta - e foi obrigado a mudar os seus planos antes que o petróleo romeno caísse nas mão de Stalin e a Alemanha se visse entre a foice e o martelo. Stalin, guloso como uma hiena em campo de neve, com medo de que não lhe sobrasse nada na futura partilha, tratou de apertar o seu bocado antes que fosse tarde, descumprindo, assim, segundo Hitler, o Pacto Nazi-Soviético que, em resumo, era um contrato de bem viver, por tempo indeterminado, entre duas potências que se odiavam, sendo que, à primeira, a Alemanha, ficava reservado o direito de conquista e, à segunda, o de assistência remunerada (Mársico, 1986, p.569).

Neste outro, a figura do líder britânico Winston Churchill, mencionando no mesmo trecho, Napoleão Bonaparte, o rei Jorge VI da Inglaterra e também a esposa amante de Hitler, Eva Braun:

É que Hitler, agora, realizaria o grande sonho de Napoleão. Acabaria com a Rússia, ficaria com todo o continente da Europa na mão, e depois, assistiria à Inglaterra, definhando à míngua. Do lado de cá, mas às margens da Côte D'Azur, não se daria mais ao trabalho de cruzar o Canal da Mancha de Volkswagen. Esperaria, tomando banho de sol ao lado de Eva Braun, que Jorge VI e sua corte viessem a nado, Churchill fazendo do charuto um mastro sem orgulho, todos a renderem homenagem ao novo Imperador do Mundo antes do último suspiro (Mársico, 1986, p.569).

O uso de personagens históricos no livro por Gladstone Osório Mársico embeleza a obra e a transforma em algo mais aprofundado do que um simples romance de ficção onde os tempos históricos não são identificados abertamente.

Como já refletido, seus variados tempos contados no livro vão repassando fatos da história do Brasil, Rio Grande do Sul e Erechim representado pela cidade fictícia de Boa Vista.

É como se ao mesmo tempo em que ficamos atentos à trama ficcional do livro com seus personagens, vamos tendo uma aula de história com pitados de humor a cada frase, o que faz o livro se tornar interessante sob este ponto de vista.

No entanto, por outro lado, nota-se que por conta mesmo desta característica, é necessário para muitos leitores terem pelo menos uma noção básica de história, senão acabamos por nos perder nos fatos e talvez, neste sentido, fique o livro até certo ponto difícil de ler, fazendo que seja necessário voltar atrás ou então fazer uma pesquisa de história fora da leitura

Outra característica e não menos importante, é que o leitor tem que ter a noção de que os diálogos envolvendo personagens históricos são ficcionais e imaginados pelo escritor. Os fatos históricos verdadeiros estão relacionados ao tempo, geografia, acontecimento, e a partir daí entra-se no imaginário sobre estas fontes históricas pesquisadas e construídas pelo autor em cima disso.

É neste sentido que podemos definir que a obra deve ser considerada de ficção, ou seja, a literatura está como o centro da construção, enquanto o uso da história foi um dos alicerces para o desenvolvimento da mesma.

3.3 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL COMO TEMPO HISTÓRICO.

Como falado anteriormente, a Segunda Guerra Mundial é um dos eventos históricos principais que ajuda a constituir a história do livro. Em muitos trechos que há recuos históricos do livro, passagens importantes sobre a Guerra são relatadas, como neste, que fala sobre o início da mesma:

Algun tempo depois, precisamente no dia 1º de setembro de 1939, o exército alemão recebeu ordens secretas para fazer uma Blitzkrieg - espécie de piquenique bélico ainda desconhecido dos remanescentes galos de briga europeus - no querido e disputadíssimo Corredor de Dantzig, decretando por coincidência e mal-entendidos até hoje não muito bem explicado, o início da Segunda Guerra Mundial (Mársico, 1986, p.449).

E logo após uma descrição bem-humorada sobre a invasão da Polônia:

Divisões inteiras de *panzers*, apoiadas por esquadrilhas de *stukas*, formando o exército mais poderoso e canibalesco que se arrancou de turismo por aquelas fronteiras, meteram as suas caras de aço Corredor adentro e encontraram na portaria apenas uma chusma de matungos encilhados, representando a fina-flor da orgulhosa cavalaria polonesa, a conhecida Brigada Pomerânia. Os soldados alemães obviamente levaram alguns coices de contragolpe na primeira recepção aos seus tanques blindados, mas, para compensar o desaforo e a falta de cavalheirismo com

vistas à Convenção de Genebra, varreram do mapa bípedes e quadrúpedes numa lufada de chumbo e pólvora (Mársico, 1986, p.449).

Neste sentido, durante uma boa parte do livro e em trechos alternados, o autor mostra a fase em que as potências de eixo estão a pleno vapor de vitória durante a primeira fase da guerra. Muitos países são invadidos de forma rápida e sem defensiva, inclusive a França, até o ponto crítico em que só restava a resistência da Inglaterra, já que nesta fase, os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) não tinham entrado no embate:

Hitler, após a conquista “só para inglês ver” da França, alimentava um único objetivo à primeira vista: atravessar o Canal da Mancha de iate e jogar uma partida de golfe com Jorge VI na capital do Reino Unido, Churchill de Lacaio, carregando tacos e juntando as bolas. Para isso, ordenara, antes de mais nada, um ataque aéreo de proporções nunca vistas, batizado com o nome de “Operação Águia”. Todas as noites, deveriam cair sobre Londres, juntamente com o esnobado nevoeiro, toneladas de fogos sem artifício para liquidar, de uma vez por todas, com o tradicional humor inglês. Depois, então, viria o desembarque a cargo da marinha “entre sangue, suor e lágrimas” dos vencidos, segundo a tônica do Primeiro Ministro da comunidade Britânica (Mársico, 1986, p.527).

Os nazistas de Boa Vista comemoravam com muito prazer este momento, com muita ufania e entusiasmo, certos de que o Eixo seria o vencedor da guerra e traria uma belíssima nova ordem mundial ao planeta liderado pela raça ariana e seu “maravilhoso” líder. Sendo assim, as comemorações e desfiles deviam acontecer com motivo de orgulho:

Os alto falantes anunciaram, a todo o volume, a nova e estonteante vitória do dia 21 de junho de 1940, Beppi se dependurando nos sinos da Igreja em rebates de aleluia. No domingo seguinte, logo depois da missa, o Sport Club 25 de Julho em peso sairia à rua, simpatizantes nazistas e fascistas uniformizados, todo o mundo a festejar a vitória do Eixo à sua moda, numa manifestação pública de marcar época em Boa Vista no Vale do Rio Dourado. Dessa vez, até o Major deveria exibir as duas bandeiras no pavilhão da Prefeitura junto com a bandeira nacional, pois a guerra já estava decidida e a Itália soubera escolher, a tempo, o lado certo (Mársico, 1986, p.510).

De fato, o movimento nazifascista que acontecia na cidade tirava suas informações apenas por meio de dois veículos de comunicação. Um deles era o Correio do Povo que chegava uma vez por dia pela estação da cidade, e outro era as ondas de rádio sendo transmitidas pelos Telefunken da loja de Bernardo Lutzman:

Quem o entusiasmava muito era o Doutor Mayer, falando-lhe dos inventos modernos, das grandes realizações da ciência alemã, do progresso industrial,

fantastisch, do seu povo. Um dia, em meio a um lance vigoroso do bispo, mostrou-lhe um recorte do Correio do Povo, que surrupiara de Seu Erotides, onde se anunciava a grande novidade do momento. Os primeiros rádios *Telefunken*, invenção germânica que estava rangendo a queixada do mundo, chegariam ao Estado no próximo navio, para serem distribuídos por todo o Brasil, e a firma representante em Porto Alegre (Mársico, 1986, p.349).

Pelas ondas de rádio, Bernardo ligava também o som de alto falantes na porta de sua loja, na avenida central, para que todos os cidadãos boavistenses “ouvissem orgulhosos” os discursos do *Fuhrer* e sua cúpula como também o “*Deutschland Uber Alles*”, ou seja, o hino de louvor a Alemanha:

Era só o *Telefunken* apanhar uma notícia importante, algum comício, alguma manifestação pública lá na Alemanha ou na Itália, e os alto-falantes entravam em cena, mesmo que fosse de noite, estivesse todo mundo dormindo, fossem dez horas ou mais tarde. E quando não eram as trovoadas dos inflamados oradores ou speakers, eram as descargas a ricochetear por todos os lados, invadindo até o beco das ruas mais próximas, parecia que imitando o concerto macabro duma frente de batalha (Mársico, 1986, p.503).

No entanto, na primeira parte do livro, onde se cita “Aqui jaz o meu cachorro Epaminondas, assassinado pelo nazista Bernardo Lutzmann. Abril de 1943. Fabrício Najak” (Mársico, 1976, p. 11), percebe-se a data presente da história, estipulada por Gladstone.

Neste sentido, busca-se constantemente “*deja-vús*” históricos para explicar este período, tanto na perspectiva histórica quanto também ficcional dos personagens, pois este referido ano é um marco para guerra, quando as forças da potência do eixo começam a retroceder, tendo já os seus primeiros reveses.

Desde 1941, com a operação “*Barbarossa*”, que as forças do exército de Hitler invadiram com certo sucesso a União Soviética. Porém, o exército alemão se viu preso no chamado “Cercos de Stalingrado” e, em 1943, as tropas que se envolviam nesta batalha tiveram que se render, marcando assim a primeira grande derrota do exército alemão.

Na frente ocidental, após os sucessivos fracassos nos territórios africanos contra as forças aliadas, a própria Itália já estava sendo bombardeada pelos campos e cidades.

A população perdeu a paciência e muitos passaram a odiar Mussolini. Os ministros contrários à guerra tentaram forçar o *Duce* a fazer um pacto com os Aliados e abandonar o pacto com os alemães e o mesmo recusou. Em julho de 1943, o rei demitiu Mussolini que logo após foi preso e levado para uma prisão nos Alpes, enquanto por toda a Itália, estátuas e símbolos do regime fascista foram derrubados.

Foi um duro golpe para Hitler e começou-se a perceber que a trajetória da guerra estava mudando radicalmente.

No Brasil, Vargas já estava a favor dos Aliados e tropas brasileiras já estavam sendo enviadas como auxílio à guerra. Enquanto isso censura e proibições à ideologia nazista e fascista já estavam acontecendo, após o ataque e afundamento de navios mercantes brasileiros na costa nordestina pelas potências do Eixo:

No Rio de Janeiro, uma notícia alarmante fez o presidente Getúlio Vargas interromper o seu chimarrão matutino. É que o Repórter Esso, em edição extraordinária da Rádio Nacional, comunicava que navios mercantes da Costeira haviam sido afundados por submarinos estrangeiros! (Mársico, 1986, p.603).

No livro, Gladstone dedica este capítulo inteiro para criar de forma imaginária um diálogo entre a cúpula militar e política de Getúlio, incluindo cartas e telefonemas com lideranças estadunidenses, mostrando as dúvidas, receios e pressões para enfim tomar a decisão de o Brasil entrar na guerra contra o Eixo.

Enquanto isso na cidade de Boa Vista, além das tramas particulares, o grupo nazista estava começando a se perturbar com estes acontecimentos. Mais para o fim do livro, Mársico, vai aos poucos sincronizando a finalização dos fatos que envolvem os personagens da cidade de Boa Vista com o desenrolar do fim da Guerra:

A primavera se foi, o verão também, chegou o outono e a ideia de matar Epaminondas não saía da cabeça de Bernardo. Especialmente agora que a guerra parecia chegar ao fim, Rommel completamente batido no Egito, os russos festejando a chacina de Stalingrado e Churchill já de namoro com a folhinha para sugerir aos colegas de Alto Comando a data da maior façanha bélica de todos os tempos - que poria no chinelo as glórias e os calos de Aníbal ao atravessar os Pirineus no lombo dum elefante - a invasão da Europa! (Mársico, 1986, p.643).

Era o momento de a União Soviética começar o ataque e o processo de tomada de territórios rumo a oeste até Berlim, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos e Inglaterra junto com outros países faziam o mesmo através da operação chamada “Dia D”.

Os ânimos para os nazifascistas de Boa Vista já não eram mais os mesmos, a ponto de certa discricção começara ser mais necessária, mesmo que as “ilusões” ainda persistiam:

Ele mesmo se acomodara para não criar mais problemas dentro e fora de casa, alimentando o seu entusiasmo apenas com a certeza do futuro. Deixara de vestir o uniforme, pusera o seu grupo de quarentena, mas conservara o bigode e a águia real

na cumeeira. Tinha certeza de que, na pior das hipóteses, lhe respeitariam, ao menos, a cara e a casa (Mársico, 1986, p.643).

O movimento se desgastara aos poucos enquanto a Guerra ia se apagando, e no livro, o assunto vai se tornando escasso como o apagar de luzes.

Até a guerra na Europa foi esquecida. Começavam os primeiros bombardeios a cair sobre a Alemanha. O mundo aguardava o desfecho da guerra e o povo de Boa Vista, no Vale do Rio Dourado, num parêntese forçado pelas circunstâncias, aguardava o desfecho da guerrilha mortuária entre o Capitão Gaudério e o cachorro Epaminondas (Mársico, 1986, p.717).

E em dos trechos finais do livro, uma expressão faz transparecer que o mundo já está entrando em outra fase:

Fabrizio não quis passar no cemitério. Pegou da mala e veio pela Avenida, subindo. Passou pelo Varejo Najak e lhe deu um olhar derradeiro. Depois, virou-se para o Atacado Lutzmann - Rádios e Ondas em Geral e viu que a Águia real⁴⁴ não estava mais na cumeeira (Mársico, 1986, p.733).

Portanto, percebe-se enfim que a Segunda Guerra Mundial é lembrada em várias percepções e pontos de vista pelo autor, fazendo o leitor assimilar os fatos e acontecimentos principais relativos ao conflito enquanto ao mesmo tempo fica atento ao desenrolar da ficção entre os personagens.

Muitos outros fatos e detalhes da guerra são citados no livro, como o bombardeio de Pearl Harbor, os problemas enfrentados entre os Estados Unidos e o Japão, operações, desenlaces, relações com o Brasil e até mesmo a Argentina. Porém, é interessante para finalizar este ponto, citar um trecho dentro do livro que chama a atenção, no que se refere a certo desenvolvimento de uma arma potente e destruidora:

A Guerra nunca estivera, nem estava perdida para o Eixo, tudo não passava duma cortina de fumaça - pensava ele. Os Americanos, com a sua propaganda, garganteavam mais do que agiam... o *Fuhrer*, porém, não era trouxa, sabia o que estava fazendo. Perder uma batalha não significava perder a guerra. Era verdade que, até aquela data, a Alemanha, a rigor não perdera batalha de espécie alguma! Agora jogava uma cartada decisiva em Stalingrado com aqueles russos filhos da mãe. Mas havia esperanças, o *Fuhrer* estava dando uma colher de chá para ganhar tempo. Nalgum lugar secreto da Alemanha, cientistas trabalhavam a todo o vapor numa bomba, arma misteriosa que arrasaria cidades inteiras só com uma descarga...Deixassem ela vir! (Mársico, 1986, p. 610).

⁴⁴ Um dos símbolos do governo nazista.

Estavam se referindo ao desenvolvimento das bombas atômicas. Na realidade, foram os Estados Unidos que finalizaram o projeto e também colocaram em prática o lançamento das mesmas bombas contra o Japão, porém, na história do livro especula-se se os nazistas já estavam preparando a dita arma de destruição em massa. Como sabemos, eles estavam, a questão era saber quem chegaria primeiro ao desenvolvimento do artefato.

O título *Cogumelos de Outono* literalmente remete do ponto de vista ficcional a uma plantação de cogumelos no interior de Boa Vista, feito por um japonês que mora na cidade. Geralmente, os cogumelos se desenvolvem durante todo o Outono para serem colhidos no Inverno, alguns deles envenenados, estes que eram jogados fora pelo Japonês. Porém, alguns deles foram usados por Bernardo Lutzmann para envenenar o cachorro de Fabrício Najak e isso tudo dá sentido ao título do livro.

No entanto, nas entrelinhas o autor nos faz refletir⁴⁵ sobre as formações da grande nuvem nuclear que se forma após a detonação da bomba, ou seja, no formato de um cogumelo. Em agosto de 1945, quando foram lançadas as bombas atômicas lá no Japão, aqui no outro lado do mundo, no hemisfério sul, estava havendo a transição das estações outono-inverno, assim como no processo de desenvolvimento e colheita do fungo.

3.4 ENTRE O NAZIFASCISMO E O RACISMO.

Um das características marcantes do livro é os personagens possuírem identidades étnicas fortemente evidenciadas e afirmativas, principalmente quando se referem a italianos e alemães.

Para citar exemplos sobre a identidade italiana, uma das figuras que aparece por todo o livro em segundo plano, ou seja, não como personagem principal, é o velho empreendedor Secondo Rampanella, como citado acima, que herdou de seus pais um enorme capital ligado a moinhos e mercados de secos e molhados.

[...] o esporte oficial era o popular jogo da mora, onde se fazia o duelo da sorte com os dedos, gritando uno, due, tre... e os perdedores sempre reverenciavam o azar em termos celestiais, repetindo as palavras de Secondo Rampanella, o costureiro paraninfo da classe: - Porco Dio! (Mársico, 1986, p.101).

⁴⁵ Não existem provas de que o título tem a ver com as bombas atômicas, porém desde do início da leitura sempre levantei essa hipótese.

A família representa aquele grupo de imigrantes italianos que se destacou dos demais, e tiveram sucesso e prosperidade com os negócios⁴⁶.

O BOAVISTENSE era dirigido pelo genro mais ilustre da família Rampanella, o único que manejava o alfabeto com certo desembaraço. Chamava-se Araripe, mas todo o mundo o conhecia como Mestre Faísca porque era metido a letrado com mania de falar difícil, lançando chispas e cuspes quando triturava um vocábulo na ânsia de exibir uma erudição nunca vista e ouvida por aquelas redondezas. Basta dizer que, quando pediu mão da herdeira em casamento, depois dum namoro acidentado com a filha mais nova de Secondo - casamento combatido pela maioria dos ramos e galhos da frondosa e rica árvore genealógica só porque o candidato tinha sangue de bugre nas veias - usou de tamanhos assobios e fraseados que o sogro amarrou a cara pensando que era retribuição de nome feio com solo de flauta (Mársico, 1986, p.194).

No caso dos alemães, mesmo com a simpatia que o regime hitlerista gerava em muitos descendentes germânicos, o movimento apologético ao nazismo se resumia oficialmente em certo grupo de alemães da cidade, configurado em um movimento político. O grupo idealizava a vitória dos nazistas na Segunda Guerra Mundial e também a possível visita do “*Fuhrer*” ao Brasil e à própria região, e se movimentava através de passeatas pelas ruas da cidade com símbolos nazistas e também integralistas.

Tropeiro lembrou-se de Bernardo naquele fardamento cáqui que usava nas passeatas e comícios antes que o Compadre Getúlio desse aquela rasteira magistral nos galinhas verdes. Lembrou-se, finalmente, daquele mundéu de bandeiras zebradas a enfeitarem as suas guampas na sacada e tremeu só de pensar em ouvir de novo a barulheira dos alto-falantes gritando aquele demônio de saudação que o chefe da manada, o tantâ-mor, o Hitler, inventara só para obrigar os crentes a soltarem um pitoco na retaguarda toda vez que o cumprimentavam (Marisco, 1986, p.31).

Nota-se nos trechos citados acima que Gladstone usa a sátira, o bom humor e o deboche quando menciona as características étnicas dos personagens como também de suas preferências políticas. Desse modo, ele usa esse recurso narrativo durante todo o livro. O trecho a seguir é bem explícito quando ele menciona a exaltação da identidade germânica:

Seu cabelo era crespo e invadia a testa como um promontório dourado, permanecendo quase no alinhamento do nariz, dando-lhe ao perfil aquele toque autoritário de quem não possui caspas. Os olhos eram azuis e a pele bem clara, mostrando, cada vez que sorria, uma dentadura tão perfeita que o interlocutor pensava logo nas suas cáries. Convencido dos encantos que herdara dalgum ancestral germânico - já se acreditava, naquela época, na raça superior que os

⁴⁶ Para citar como exemplo, em Erechim tivemos as famílias Pagnocelli e Madalozzo.

reprodutores arianos improvisaram com as criadilhas gaulesas (Mársico, 1986, p. 66).

Ao mesmo tempo, contrapondo a esta exaltação, ele faz com que o leitor perceba a ignorância e a cegueira dos personagens diante de comportamentos racistas. Satiriza, portanto, o preconceito racial que alguns habitantes daquela cidade possuíam em relação a outras etnias. Neste caso, o racismo contra o negro é citado frequentemente no livro e evidencia uma polarização da suposta “superioridade” ariana contra a negra.

Mas tinha a vantagem da idade, quase ao meio, e a cor da pele, azeitonada, escorregando para reflexo incondicionado da mulata. Daí o nome de guerra no leito e fora dele – nega – que lhe aumentava o gabarito da sensualidade com os atributos imaginários da raça canibalesca (Mársico, 1986, p.120).

Para quem mora no Rio Grande do Sul e possui um senso de observação mais aguçado, principalmente nas regiões coloniais predominantemente de imigração europeia, além da invisibilidade social, é perceptível também sentir o preconceito arraigado no vocabulário da população, principalmente quando usado como forma de piada, para que a ofensa seja vista como algo leve e tolerante. Segundo Meinerz:

No Rio Grande do Sul não trilhamos um caminho diferente. Sob a ideia de um estado culturalmente diverso, mas marcadamente resultante da imigração europeia, crescemos aprendendo a pensar um sul que desconhece seus povos originários e igualmente desconsidera a parcela de africanos que para cá vieram construir trajetórias de vida. Ruben Oliven (1996) nos mostrou que aquilo que pensamos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul caracteriza-se por uma ideia de um lugar mais branco e de menor mestiçagem, cuja grande contribuição para o Brasil é relativa à presença de imigrantes europeus, notadamente italianos e alemães, por vezes portuguesas açorianos. Esse pensar apreendido na intimidade e nos próprios processos de escolarização contribuiu historicamente para a invisibilidade social e simbólica da presença negra e indígena no sul do Brasil (Meinerz, 2017, p.64).

O que se percebe nesse sentido, é que nas passagens citadas no livro, se repete, de um jeito exagerado, talvez para se fazer notável, o mesmo tipo de humor preconceituoso que a população das colônias de imigrantes reproduzia no seu dia a dia em seus convívio com essas culturas consideradas mais “abrasileiradas”⁴⁷.

⁴⁷ Um costume de algumas pessoas descendentes de imigrantes europeus na região sul do Brasil é chamar em tom pejorativo pessoas que não tenham a fisionomia por exemplo de um alemão ou italiano de “brasileiro” ou de “bugre”, esta última principalmente para quem possui identidade indígena. Entre os próprios descendentes de Europeus, os Poloneses também eram apelidados de “polacos” e muitas vezes de “negro virado ao avesso”, o que são expressões muito negativas e preconceituosas. Particularmente e infelizmente ouvia muito essas expressões de pessoas mais velhas durante minha infância.

No trecho a seguir, Gladstone faz um flerte com a religiosidade católica predominante na cidade para evidenciar o preconceito:

Quem é que ousou desrespeitar a Casa de Deus? - tornou a perguntar Frei Ventura, dessa vez com maior ênfase, espumando nas laterais, dirigindo-se inequivocamente ao enviado de Satanás - ainda por coincidência, preto, medroso de crucifixo, capacho de água benta - que, lá dos fundos da Igreja, já não tinha mais salvação...
 Estão com medo deste negro? instigou Frei Ventura, lá do púlpito, quando viu toda a família Rampanella agachada nos bancos, alguns parentes mais sensíveis e mais próximos tapando o nariz por causa dos rabaneios de Secondo, as senhoras do Apostolado amontoadas num canto formando um pequeno calombo do Gólgota, ninguém se metendo a besta de manifestar qualquer vocação ao martírio.
 Maroca não aguentou a injúria. Levantou o cano do revólver com muita calma, fez pontaria e deu um tiro no padre. Este caiu do púlpito mais depressa do que se esperava e foi uma confusão pior do que a babélica. Era gente a correr por todas as portas para salvar a alma, gritos, nome feio em várias línguas, choro de crianças, nenhum tempo para desmaios, um deus-nos-acuda generalizado (Mársico, 1986, p.141).

E neste outro trecho, no mesmo contexto temático, o deboche ao preconceito faz uma comparação de Judas ao negro:

Somente a escolha de Jesus não foi fácil e acabou sendo muito pior do que a de Judas. Não que faltassem sócias, pessoas interessadas e oferecidas, doidas para serem crucificadas. Ao contrário. É que no caso de Judas, por exemplo, a escolha se tornou um problema muito sério, de início, pois não havia jeito de aparecer um diabo como voluntário. Por uma questão de consciência, não se queria obrigar ninguém a aceitar o vergonhoso papel, embora Frei Ventura não escondesse as suas preferências por Maroca, apesar da cor. Na sua opinião, Judas, realmente, fizera um papel de negro e ele estava até disposto a fechar um olho e fazer qualquer negócio com o Rábula Jederico, patrono daquele infeliz, só pelo simbolismo do enforcamento. No caso de Jesus, entretanto, choviam candidatos às pencas por todos os lados de Boa Vista e demais recantos do Vale do Rio Dourado, mas nenhum deles com aquela bossa tradicional recomendada pelas Escrituras (Mársico, 1986, p. 304).

Um dos momentos mais importantes quando falamos com o deboche sobre o racismo, foi o diálogo entre Getúlio Vargas e o personagem Maroca, já citado neste trabalho anteriormente. O interessante naquele trecho, é que o diálogo revela uma faceta da realidade sobre a escravidão no Brasil que muitas vezes não foi discutida, qual seja, do uso de escravos sadios como objetos sexuais com o objetivo da reprodução de mais escravos⁴⁸.

Outra característica que chama a atenção, é o uso de uma figura principal e importante na história do Brasil, como é o caso do Presidente Getúlio Vargas, chamado na época

⁴⁸A princípio não encontrei textos acadêmicos que trabalhassem a questão do “escravo reprodutor”, no entanto podemos encontrar algo em sites como “O segredo dos escravos reprodutores” em: <https://www.geledes.org.br/o-segredo-dos-escravos-reprodutores/> e “Escravo reprodutor teve mais de 200 filhos e viveu 130 anos, afirma família” em <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/08/escravo-reprodutor-pata-seca-teve-mais-de-200-filhos-e-viveu-130-anos.html>.

popularmente de “Pai dos pobres” para dialogar com um filho de escravos abandonado em seu tempo e história de vida, em situação de miserabilidade como muitos outros filhos pobres do Brasil. Segundo Sass:

Pode-se dizer, portanto, que o enredo através do humor está voltado para as misérias e as grandezas da sociedade que pretende retratar, neste caso fazendo do racismo e preconceito um contraponto proposital à exaltação étnica que havia tanto na ideologia nazista como nos discursos de imigrantes da região, comprovando que a sátira pode ser usada como defesa individual ou social contra a opressão, o enfatuamento e as usurpações de qualquer espécie (Sass, 1994, p.75).

No entanto, é interessante observar que Gladstone não faz uso da figura do Judeu, alvo primário dos nazistas, para evidenciar o preconceito nas regiões de imigrantes, pois sabemos que os imigrantes judaicos não eram geralmente (não sempre) vistos nestas regiões como uma etnia realmente inferior, devido ao papel econômico que possuíam, ligado ao comércio e entendido como agente de desenvolvimento. Segundo Sorj:

O Brasil é uma sociedade com limitada presença de discursos ou práticas antissemitas. Essa avaliação tem como base a informação cotidiana divulgada pelos meios de comunicação, relatos de imigrantes, a experiência empírica do autor e relatórios de organismos especializados. Nos dois grandes centros onde se concentra a grande maioria dos judeus, São Paulo e Rio de Janeiro, práticas ou discursos antissemitas que afetem a qualidade de vida e a convivência social, ou que influenciam as chances efetivas de mobilidade social, são bastante excepcionais. Nesse sentido, o judaísmo no Brasil encontra-se numa situação diferente do restante da América Latina (Sorj, 2010, p.91).

Este mesmo autor citado acima, procura explicar o motivo da ausência desse antissemitismo no Brasil:

A explicação básica para a ausência de antissemitismo no Brasil pode ser procurada na particular ideologia brasileira do branqueamento, segundo Skidmore. Nessa ideologia, o branco é o ideal a ser alcançado, de forma que 2 Consultar Bernardo Sorj, A nova sociedade brasileira. 92 as outras raças, particularmente a negra, poderão “melhorar”, via miscigenação, até alcançar o branqueamento. Assim, na medida em que os judeus são aceitos como parte da raça branca – ideia que só foi questionada por alguns intelectuais brasileiros associados à ideologia fascista nas décadas de 20 e 30 – eles passam a ser parte da solução, e não um problema. Portanto, embora a sociedade brasileira seja racista, anti negra, esse racismo não atingiria outras etnias, como os judeus (Sorj, 2010, p.92).

Esse diferencial é muito importante, pois nos faz perceber que o preconceito nas regiões de colonização e do alto Uruguai estava ligado a outro meio e contexto histórico. O alvo quando refletimos sobre aquele contexto, eram as pessoas nativas de cor e classe social

inferior, que de certo modo, naquela forma de pensar, não “serviriam” à lógica eurocêntrica de desenvolvimento baseado no capital e trabalho.

3.5 O DISCURSO ANTICOMUNISTA

As evidências racistas na cidade de Boa Vista desenvolvidas pelo autor através do movimento que acontecia naquela comunidade, foram relevantes para fazer uma crítica ao pensamento nazista que historicamente foi carregado de preconceito e segregação racial.

No entanto, no que toca a um sentido político, o comunismo que também é historicamente um dos alvos do pensamento hitlerista, é usado como ferramenta no livro para estabelecer um contraponto ao pensamento dos nazifascistas, mas também do pensamento do povo em geral, pois era muito comum no século XX (ou também dias atuais) criar-se um imaginário popular antimarxista.

Na primeira parte do livro, a maldição da “ideologia vermelha” já é atacada através do padre Frei Ventura, líder da Igreja católica na cidade, em um sermão pronunciado minutos antes do atentado contra ele pelo andarilho maragato Maroca:

Abrindo o sermão naquela bonita manhã de primavera, atribuiu logo a Frei Caneca - ilustre e bem-aventurado membro de sua ordem e já com lugar de destaque na Mesa do Senhor - o velho aforismo do azeite e a água que não se misturam. Fez a versão para o latim, para deixar menos compreensível o negócio, e dali por diante enveredou para o comunismo, o perigo vermelho estava em toda parte. Quando os fiéis já estavam com medo até de pensar na cor do pecado, incluiu uma referência maliciosa aos seguidores de Assis Brasil, o “Lúcifer dos Maragatos”, como ele o chamava na intimidade porque ainda era muito forte dizer aquilo em público:

- Até em nossa Pátria, em nosso Município, em nossa cidade, a Besta do Apocalipse está surgindo. Agora mesmo, já não bastou o derramamento de sangue numa recentíssima cruzada cristã, e se pretende oficializar um partido de oposição ao governo legitimamente constituído, tendo como bandeira um simples lenço vermelho. Isto é sacrilégio! (Mársico, 1986, p.141).

Nota-se a distorção das configurações políticas pelo padre, confundindo a ideologia comunista com a cor vermelha do lenço usado pelos maragatos na Revolução Federalista de 1932, satirizando a ignorância da maioria da população em relação aos conhecimentos sobre política como também a manipulação de líderes com a intenção de condenar um viés ideológico.

Aliás, o próprio Maroca justifica isso quando explica o motivo de ter atentado contra o vigário, já que “Cometera uma besteira - reconhecia - em apartear o padre na Igreja. Mas não resistira. Chamar aquele seu escapulário de comunista era forte demais...” (Mársico, 1975, p.151).

Ainda neste outro trecho, a condenação ao comunismo continua relacionado com a temática gaúcha, dessa vez envolvendo “o velho Borges”, este que via a religião como importante ferramenta de enfrentamento:

Desde então, o morro ficou sem dono, até que o Velho Borges, antes de sair do Governo e acabar de vez com a disputa, solucionou a controvérsia fazendo a sua doação ao futuro Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho “com a finalidade de se construir, ali, uma fortaleza contra o comunismo e suas influências libertadoras da verdadeira fé. (Mársico, 1986, p.283).

Já o grupo nazista de Bernardo, se inspirava nas ondas de rádio com os discursos dos líderes nazistas para se alimentar da onda anticomunista. No trecho a seguir, nota-se a expressão “alfaiates”, fazendo referência a famosa “Conjuração dos Alfaiates” de 1798, um movimento anticolonial baiano que envolveu pessoas principalmente de classes mais pobres:

Aliás, a rigor, nem era necessária a tradução, bastava num dia ouvir o programa de Goebbels e noutro o de Plínio Salgado. No fundo, entre uns e outros derivativos corporais e semíticos sobre a pureza de raça e a vergonha do capital, toda conversa fiada se resumia numa luta de vida e morte contra o comunismo internacional que, já naquele tempo, ameaçava a gregos e troianos de lhes tirar a camisa e, portanto, a pretexto de ficar com ela, nada mais justo do que se unirem todos na fortaleza dum único poder, bem fardado, para impedir a revolta dos alfaiates e dos que andavam nus (Mársico, 1986, p.366).

Percebe-se na quarta linha, ainda que de um jeito sutil, um discurso contra o “Capital” referindo-se à crítica que muitas vezes os nazistas e fascistas faziam também ao capitalismo. Para refletir sobre isso, segundo Fedrigo:

As propostas fascistas defendiam uma ampliação do poder e da atuação estatal, não somente na economia, como também no controle do conjunto da sociedade, que era conseguido violentamente através das ditaduras políticas. Dessa maneira, o fascismo de Mussolini na Itália e o nazismo de Hitler, na Alemanha, pareciam surgir como um terceiro caminho entre socialismo e capitalismo, embora fossem apenas sintomas de um capitalismo em crise e da falência de suas formas políticas liberais (Fedrigo, 2013, p.5).

O autor faz uma modesta sátira à lógica de mercado e ao consumismo quando faz menção ao Rádio *Telefunken* ganho pelo Frei Ventura em uma missa importante:

Admitir que o vigário comprasse um trambolho daqueles na ilusão de pegar um espirro de Sua Santidade o Papa, ainda vá lá! Ele, Fabrício, não caíra no conto e, se algum dia tivesse de comprar algo parecido, coisa que prestasse, não seria por intermédio daquele vivaldino! Mas, fazer-lhe a propaganda na Igreja, ser uma espécie de corretor do negócio, era o fim... E se ele fizesse o mesmo? Se distribuísse umas cuecas e outras pecinhas da *Valisére* para o vigário e as freiras da redondeza, dizendo que Jesus e Madalena também as usavam *in illo tempore* e que, agora, com mais fortes, sobradas e sagradas razões, depois da Revelação, não poderiam andar como Adão e Eva no paraíso e, muito pelo contrário, ditavam a moda, lá em cima, contra o monopólio da folha de parreira? (Mársico, 1986, p.401).

Essa crítica é feita por Fabrício, já que era inimigo do nazista Bernardo Lutzman e também era um dos únicos na comunidade que demonstrava abertamente que era a favor das potências aliadas.

O fato é que na trama do livro, os nazistas de Boa Vista ficavam mais empolgados com as vitórias das potências do eixo do que em fazer discursos anticomunistas, apesar de que algumas vezes fizessem. No caso, os discursos eram feitos principalmente pelos representantes da Igreja Católica, ou seja, os que mais discursavam e condenavam os seguidores do socialismo, seguindo a liderança do padre Frei Ventura⁴⁹.

Mesmo que o final da guerra demorasse agora mais um pouco, até que a Rússia fosse derrotada antes do inverno, a visita do Fuhrer, com certeza, não se faria demorar. Especialmente levando em consideração a luta mundial contra o comunismo ateu e o fato do Brasil ser o maior país católico do mundo. O Fuhrer seria capaz de convencer o Papa a abandonar o Vaticano e virem juntos, em revolucionária cruzada de corpo presente, se o ditador Getúlio teimasse em continuar acendendo uma vela a Deus e outra ao diabo (Mársico, 1986, p.570).

Além do padre, havia na cidade um grupo católico de senhoras muito devotas. Elas se denominavam “As senhoras do apostolado da oração” e além de fazerem trabalhos beneficentes para a igreja e irem na missa todas as vezes, se manifestavam politicamente na cidade contra a imoralidade e maus costumes dos cidadãos.

No contexto do livro, se dedicavam de corpo e alma em orações para conter o avanço do comunismo no Brasil e no mundo, e demonstravam estar também ser simpatizantes do movimento nazista. Criaram um movimento chamado “Cruzada redentora Eva Braun”, onde faziam maratonas de orações a favor da vitória do eixo.

⁴⁹ Nota-se que a velha problemática devido a famosa frase de Marx “A religião é o ópio do povo” é colocada no livro, ou seja, a afirmação de que todo comunista é ateu e que somente a religião, no caso, à católica serviria como escudo contra a influência daquela.

Fundada a Cruzada, marcou-se data solene para que as pioneiras recebessem as luzes do Espírito Santo antes de se meterem a foguetearas, ingressando com o pé direito na memorável campanha que consistia, além dum reforço titânico à poderosa arma de oração, assestando baterias de ladainhas e outras bombas de efeito excomungatório contra o comunismo, numa ajuda de guerra maciça para liquidar com o inimigo antes que ele enfiasse a sua cabeça de avestruz na neve (Mársico, 1986, p.590).

A líder era Frau Mika, sogra do nazista Bernardo. Neste trecho a mistura de maldição, drama e exageros perante a situação chegam ao extremo, bem característico do humor satírico de Gladstone, que devia perceber em sua realidade muitos desses exageros vazios em torno de discursos políticos da época, o que não foge muito da realidade atual.

Frau Mika acabara de se despojar da sua aliança e da de seu querido Vitoldo, quando Frei Ventura se dirigiu ao púlpito para o esperado e temido sermão, dessa vez dedicado exclusivamente às novas Bestas do Apocalipse, criadas na Sibéria, e que ameaçavam de ser largar doidas, pelo mundo, de foice e martelo nas mãos, para banir o cristianismo da face da terra! A vitória da Rússia sobre a Alemanha representaria o fim de toda a saliva que os evangelistas legaram à posteridade nas suas crônicas testamentárias. Deus não poderia permitir que tal acontecesse. Deus parecia surdo, porém. O inverno se aproximava, os alemães avançavam, mas havia russo escondido naquelas estepes que não era brincadeira. Cada vez que os alemães pensavam estar com o caminho livre, aparecia uma chusma de satanases vermelhos e a vitória embromava. O inverno chegaria dentro em breve e Deus parecia não ouvir os protestos de toda a cristandade (Mársico, 1986, p.591).

O que acontecia, enfim, e que também não é distante nos dias de hoje, era um discurso anticomunista vazio, jogado ao vento. Não havia comunistas que se denominavam como tal, apenas pessoas com simpatias políticas, muitas delas defendendo ideologias como o trabalhismo. Lembramos que na história muitos adeptos dessa linha foram chamados assim só pelo fato de defender um pensamento que propunha mais distribuição e igualdade de classe, mesmo que não seguissem ao extremo e ao pé da letra tal tendência ideológica.

Gladstone Mársico torna relevante isso em certo trecho em que ele expõe essa verdade, ou seja, o comunismo muitas vezes não passava de um fantasma que passava pelo imaginário de muitas pessoas da cidade, alimentado por líderes políticos e religiosos.

Do núcleo de Ação Integralista ao futebol foi um pulo. Bernardo se convenceu logo que reuniões, cantorias, e passeatas eram insuficientes para manter aceso o entusiasmo pela causa, apesar do otimismo do Doutor Mayer para quem a semente fora lançada em terra fértil e bastava esperar a época da colheita. A realidade, porém, era que ali no Vale do Rio Dourado não havia comunismo, nem comunistas. Em resumo: não se tinha contra e nem por quem lutar. Dizia-se à boca pequena que o único gato pingado era o Rábula Jederico que, ultimamente passava os dias no Bico Verde bebendo, e parecia totalmente inofensivo. Manter um grupo daqueles mobilizado e pronto, então, para que, se não havia inimigos à vista? Somente para desfilar nos domingos e feriados ao som de trombones? Para ouvir todas as noites

arengas de Plínio Salgado na Rádio Nacional sobre aquela lengalenga do “Deus, Pátria e Família”?” (Mársico, 1986, p.369).

Neste trecho, portanto, como um *insight*, surgem dúvidas para o nazista Bernardo, ou seja, traz a mente uma reflexão sobre a brincadeira que estavam metidos sem pé nem cabeça, apenas uma moda política do momento em um lugar muito distante da tão sonhada Alemanha, para ser mais preciso no Brasil, especificamente no interior do Rio Grande do Sul.

A contestação dos fatos se torna clara, ou seja, não passam de crianças já adultas brincando de ser nazistas, caçando comunistas na imaginação, e assim preenchendo os seus vazios existenciais.

3.6 A CIDADE IMAGINÁRIA DE BOA VISTA

Como último ponto deste capítulo, é importante destacar também as características geográficas da cidade fictícia de Boa Vista, para que nas páginas seguintes possamos fazer uma análise comparativa com as características da cidade de Erechim, onde o autor conviveu e buscou inspiração para escrever a obra.

Segundo o livro, Boa Vista foi fundada em 30 de Abril de 1918 e se localiza no Norte do Rio Grande do Sul, colonizada por imigrantes europeus no Vale do Rio Dourado e se conecta com a geografia e história do Estado. É ainda uma cidade pequena, em desenvolvimento, de inserção gradual nos meios econômicos gaúchos, principalmente na produção agrícola de trigo e milho. Possui ainda um aspecto provinciano e uma quantidade de habitantes ínfima em relação a cidades de porte médio⁵⁰.

Ela possui como ponto central a Praça da Bandeira, onde ocorrem todos os eventos festivos da cidade, as manifestações políticas e cívicas, e onde estão próximas a maioria das estruturas públicas da cidade:

Quanto ao mais, a praça tem a forma circular, com alguns canteiros gramados e diversas quantidades de flores, plantadas por cima, especialmente roseiras, margaridas, e dalias, que, na época do outono, por não serem distribuídas com muita elegância, formam aquele doloroso contraste dos vestidos estampados em missa de sétimo dia (Mársico, 1986, p.56).

⁵⁰ Observando essas características, já começa a ser notado as semelhanças com a cidade de Erechim.

Defronte à praça havia a Prefeitura, que curiosamente teve em seus porões uma prisão no começo do desenvolvimento da cidade, onde eram presos bandidos, vagabundos e desordeiros:

Boa vista andava ressabiada com o Delegado de Passo Fundo, que vinha ali só de visita para atulhar os porões da Prefeitura com os incautos, Os criminosos de verdade andavam à solta no Matinho da Comissão de Terras, onde ninguém se arriscava a meter o nariz com medo de fantasma (Mársico, 1986, p.18).

Aliás, Maroca foi retido ali durante o tempo que esperava seu julgamento do atentado contra o Padre Frei Ventura.

O “Mato da Comissão” era uma área verde, algo como uma reserva florestal da cidade que possuía grande extensão, resquício da época de distribuição de terras, e estava distante algumas quadras da praça da bandeira.

O nome “Comissão” remete à casa de madeira que também estava localizada defronte à Praça da bandeira que, como mencionado acima, serviu como escritório onde, no início da colonização, era despachada a distribuição de terras para os colonizadores que vinham para a cidade:

A frase, já viera pronta de Porto Alegre, sob encomenda postal, emplacada e tudo, temendo os encarregados da Comissão de Terras algumas represálias do município-mãe (Mársico, 1986, p.81).

Próximo à praça havia também a Delegacia de Polícia onde o Tropeiro de Lesma e o Cabo Reduzino faziam suas funções,

A praça era ligada às famosas “Avenidas”, principalmente as que iam em um sentido horizontal. Uma delas levava até a Estação Férrea, enquanto a outra, ao contrário, ao Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho. Neste trecho uma das avenidas é caracterizada quando da chegada de Bernardo a cidade:

Bernardo olhou em roda à procura do vale do Rio Dourado, mas nada viu além de casas e galpões e um grande paiol nas ruas largas e simétricas, embora sem calçamento, amontoadas de pó. A que supôs fosse a rua principal, a Avenida - e era mesmo, não havia dúvidas, pela profusão de canteiros e lâmpadas nos postes de eucalipto - tinha quase um quilômetro de comprimento e se perdia lá embaixo entre copas, figueiras e plátanos (Mársico, 1986, p.132).

As avenidas são citadas várias vezes durante o livro, usando a expressão “subindo a avenida” ou “descendo a avenida”, conforme eram mencionadas, ligando à praça da bandeira.

Como também se percebe no trecho acima, há o cemitério, que é um dos cenários importantes da cidade, pois é lá que o cachorro de Fabrício é enterrado e onde o prefeito e sua amante Gud se encontram escondidos.

Havia o hospital da cidade, onde o médico principal era o nazista Doutor Mayer, que na história ficava localizado em outra parte da cidade, mais ao longe. Seu nome era dado em homenagem ao fundador da empresa Rampanella:

Maroca guardou o ancinho e foi até a casa do Delegado Jeremias, que ficava no outro extremo da vila, próxima do Hospital Primo Salvatore Rampanella. Era longinho, tinha que descer a colina do cemitério, atravessar a Avenida e seguir ainda umas duas quadras (Mársico, 1986, p.15).

A empresa Rampanella, era uma típica firma que havia em muitas cidades do interior do Estado, fundada por um imigrante, e geralmente trabalhava com vários tipos de produção e venda.

...a família de Primo Salvatore Rampanella dominava quase todo o comércio da praça, mantendo casa de pasto, armazém de secos e molhados, moinhos de trigo (o forte, mesmo) e engenho de serrar madeira (Mársico, 1986, p.34).

Vale destacar também, que construíram uma série de lotes e casas onde os funcionários da empresa e suas famílias moravam “- Sabe onde fica tal casa? - Perto da Usina. Primeiro Chalé...escuta aqui...à direita” (Mársico, 1976, p.125).

A estação férrea é também muitas vezes citada, pois, além de ser um dos primeiros locais da cidade e onde também moravam Erotides e Dona Eva, era também aonde chegavam as pessoas estranhas à cidade, estrangeiros e principalmente as personagens históricas, como foi o caso de Flores da Cunha e Getúlio Vargas.

Bernardo saiu da estação deixando para trás um prédio de alvenaria cinza, coberto de telhas francesas, comprido e rasteiro, um terreno amplo e rodeado de cinamomos (Mársico, 1986, p.80).

Próximo da estação, havia o famoso “Campinho da Viação Férrea”, onde se disputavam os jogos de futebol promovidos pelo Sport Clube 25 de Julho, onde Bernardo e

todo o seu grupo treinavam, principalmente para os enfrentamentos com o “perigoso” Club 14 de julho de Passo Fundo⁵¹:

O campinho da Viação Férrea, em Boa Vista, embora menor e sem o luxo demarcatório, era muito superior. Lá, pelo menos, os jogadores podiam ser vistos de cabo a rabo e não precisavam catar a bola como se fosse uma perdiz (Mársico, 1986, p.378).

Em relação aos centros religiosos, havia o famoso “Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho”, onde Frei Ventura realizava com orgulho as suas principais missas e onde jovens seminaristas estudavam para assumir um futuro sacerdócio:

O Seminário, que foi batizado com o sugestivo nome de Nossa Senhora do Bom Conselho, começou a produzir os seus frutos imediatamente, e, em breve, estava repleto, congregando a elite dos jovens da região, que se dispuseram a renunciar aos azares do mundo em troca um cartório no céu (Mársico, 1986, p.39).

Havia também na parte central da cidade, próximo também à avenida e à praça, a Igreja São José. Neste trecho é comparada em tamanho com o Seminário: “Era a obra mais admirável da região, botando no chinelo a Igreja São José e o Hospital Primo Salvatore Rampanella (Mársico, 1986, p. 38).

A imprensa era representada pelo “Jornal Boavistense”, que era administrada pelo personagem Mestre Faísca, apadrinhado também pela família Rampanella. Possuía um senso regionalista, mas ao mesmo tempo sensacionalista que tentava rivalizar com a seriedade e imparcialidade do Jornal Correio do Povo que vinha de Porto Alegre:

Em tais momentos críticos, Mestre Faísca se punha de plantão, com o Boavistense semipronto, faltando apenas a matéria de choque, à espera de que o intruso lhe chegasse às mãos por linhas travessas, depois de passar pela de meia dúzia, iniciando-se a corrente pela do Chefe da Estação, Seu Erotides (Mársico, 1986, p.195).

Havia também vários hotéis, entre eles a Pensão Recreio da mãe de Frau Mika, porém o melhor era o Hotel Internacional, pertencente ao Japonês Takamori, que ficava bem no início de uma das avenidas principais. Era lá que a maioria das pessoas importantes que visitavam a cidade se hospedavam, o que fazia jus ao nome:

⁵¹ O Grêmio Esportivo Recreativo 14 de Julho realmente existiu e foi campeão no ano de centenário da cidade em 1957. Fechou as portas em 1986 quando fundiu-se como rival Sport Clube Gaúcho, surgindo o Esporte Clube Passo Fundo.

O nome - HOTEL INTERNACIONAL - abrangia o intervalo das sacadas do primeiro andar e dava à paisagem uma tônica de humor, pois era de soltar o queixo de qualquer vivente a pretensão dum lugarejo como aquele, quase perdido no mapa, com umas cinco mil almas no máximo, contando-se as do outro mundo, em querer competir com o clube da caça e pesca da Liga das Nações (Mársico, 1986, p.132).

Tirando os momentos em que algo inesperado acontecia na cidade, como um evento cívico, político ou religioso, os dias se passavam de um jeito monótono, a não ser quando aconteciam as festas e bailes no clube principal da cidade, principalmente nos fins de semana. E informalmente, havia a famosa “Zona Bico Verde”, próximo ao “Matinho da Comissão”, um bordel administrado por Madame Chiquinha, que alguns homens da cidade, muitos deles publicamente conhecidos, frequentavam:

Madame Chiquinha fundara o Bico Verde - um cabaré que já estava caindo aos pedaços, nas proximidades do Matinho da Comissão de Terras, e cujo nome de batismo se devia a um bico de luz pintado de verde, na porta, representando a esperança para que tinham dúvida da sua virilidade - logo que Boa Vista recebera a carta de emancipação do Velho Borges (Mársico, 1986, p.113).

Ou talvez, muitas vezes durante a semana, ir ao cinema que no livro é mencionado como recentemente inaugurado, e também patrocinado pela tradicional família da cidade:

O Cine teatro Apollo foi instalado num barracão de alvenaria, que, antes servia de depósito de trigo para o Moinho da família Rampanella, situando bem no meio da Avenida.... Sofreu reforma total, por dentro e por fora um novo telhado de zinco, reboco especial na fachada, tabuleta iluminada com o nome apolíneo e uma sirene de acordar até defunto em noite de função (Mársico, 1986, p.518).

O escritor menciona, além disso, outro dado sobre a cidade, como terreiro para Briga de Galos, faz menção a um bairro chamado “Três Vendas”, o Quiosque da praça, que ficava próximo à estação, a famosa farmácia Minerva do personagem Boca Santa onde a bandinha do Mestre Kraube ensaiava, uma hidráulica onde a geração de energia e água era fornecida, e também variados bustos localizados em pontos estratégicos, como o de Tiradentes, Getúlio Vargas e Borges de Medeiros.

No entanto, entre todos esses detalhes, o centro da atenção da história era focalizado nas duas lojas comerciais pertencentes aos dois personagens principais, Bernardo Lutzman e Fabrício Najak. Localizavam-se na mesma avenida, bem no centro, só que em posições opostas à rua, um defronte ao outro.

No que Bernardo teve conhecimento do que se passava, entrou num daqueles estados de agitação que o deixavam pior do que touro no estribilho da cantada. Movimentando-se dum canto a outra da loja o “ATACADO LUTZMANN - Rádios e Ondas em Geral”, outrora sede das vibrantes reuniões do Núcleo de Ação Integralista do Vale do Rio Dourado - núcleo integralista para inglês ver, pois só dava alemão e gringo a saudar o Fuhrer e o Duce - não se conteve e desferiu um violento murro no balcão:

-Isso é demais, é demais, não pode ficar assim! Ainda acabarei matando aquele maricas, filho de uma cadela! - Foi até a vitrine e se deteve na contemplação da casa de Fabrício, o “VAREJO NAJAK”, que ficava defronte, no outro lado da Avenida, como se quisesse demoli-la com o seu olhar de cólera incontida (Mársico, 1986, p.42).

O autor, portanto, usa como palco a cidade inteira, colocando como centro das atenções a Praça da Bandeira e as avenidas que nela se conectam. Refletindo sobre isso, segundo Bakhtin:

Na literatura carnavalizada, a praça pública, como lugar da ação temática, torna-se bi planar e ambivalente: é como se através da praça pública real transparecesse a praça pública carnavalesca do livre contato familiar e das cenas de corações e destronamentos públicos (Bakhtin apud Sass, p.78, 1994).

Ou seja, a cidade se mistura ao drama, ao tragicômico, à comédia, se funde aos personagens como se fosse um deles. A sensação de andar pela cidade ao ler o livro se torna profunda, principalmente quando imaginamos a cidade de Erechim, servida de base como inspiração da escrita.

No próximo capítulo analisaremos esta última citada, ou seja, a cidade inspiradora, entraremos na realidade histórica da mesma naqueles anos que perpassam o livro e, ao mesmo tempo, faremos a análise política e social do assunto principal da obra, ou seja, o movimento nazifascista transposto da ficção para a realidade.

4 ANÁLISE POLÍTICO-SOCIAL E RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DE ERECHIM NOS ANOS DE 1918 A 1945.

“Escrever é como subir num telhado de feno.
Poucos chegam na cumeeira sem derrubar a
casa”. G.O.M

Para escrever um livro de romance histórico é necessário que se tenha uma profunda observação da realidade em que se vive, ao mesmo tempo em que deve dispor de um vasto conhecimento sobre a própria história, para que os fatos reais que servem de auxílio para criar a ficção não contenham erros que possam deslegitimar a própria obra.

O objetivo neste capítulo é primeiramente lembrar certos momentos da história de Erechim, como sua origem e os primeiros tempos de desenvolvimento, como também a primeira metade dos anos 40, onde se situa a trama principal de *Cogumelos de Outono*.

Os aspectos geográficos reais da cidade de Erechim também serão analisados. Para quem fizer esta leitura, terá a percepção da semelhança histórica e geográfica da cidade em que Mársico viveu, com a fictícia cidade de Boa Vista imaginada por ele.

Ao mesmo tempo e de muita importância, deve-se buscar a realidade que deu a essência da obra, ou seja, suas características políticas.

Nesse sentido, levantamos alguns questionamentos. Como os, digamos, nazistas boavistenses representados por Bernardo e seu grupo no livro, com sua paixão ao mesmo tempo pelo Integralismo e o Fascismo eram em uma realidade próxima nas cidades do Sul do país, inclusive Erechim? As relações étnicas de colonizadores e seus descendentes, como os Italianos, mas principalmente os Alemães tem um sentido particular com a aproximação daquelas doutrinas políticas? Ou outras evidências, como as questões de classe social também eram importantes?

Portanto, Gladstone Osório Mársico tinha de fato a noção de toda essa realidade histórica e política ao transportá-la para o livro *Cogumelos de Outono*?

4.1 BOA VISTA SE TORNA ERECHIM: FUNDAÇÃO E PRIMEIROS TEMPOS DA CIDADE

A região norte do Rio Grande do Sul, que possui divisa com o Estado de Santa Catarina e é a origem geográfica da cidade de Erechim, não estava inabitada antes de sua colonização, pois por aqui havia a centenas de anos, oriundo das migrações de outras regiões do território brasileiro, grupo indígenas que eram denominados de “Kaingangues”⁵².

As evidências arqueológicas indicam que os Kaingang descendem de populações que ocuparam essa região por volta de 3.000 anos AP. Segundo Teschauer (1927) os Kaingang descendem dos Guayanás que viviam na costa atlântica entre Angra dos Reis e Cananéia. Sua migração em direção à região Sul brasileira teria ocorrido aproximadamente 3.000 AP (Brighenti 2012, p.13).

Ao mesmo tempo, havia também alguns “caboclos” e famílias fugidas da Revolução Federalista de 1893 que trabalhavam com a extração da erva mate nativa, ou seja, até então o território a ser colonizado não possuía nada de planejamento, mas um povoamento natural.

Existia no local um paiol grande de pau-a-pique e coberto com folhas de butiá e coqueiro, que servia para depósito de erva-mate. Este foi o ponto de referência que inspirou a primeira denominação daquela pequena vila em formação, ou seja, “Paiol Grande” (Album da História de Erechim, 2007, p.7).

A partir do século XIX até a primeira metade do século XX, houve a vinda de imigrantes Europeus para o Brasil, principalmente já antes e após a abolição da escravidão de 1888, com fins de substituir a mão de obra escrava nas lavouras e também, no caso do sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul, fazer o processo de colonização de terras até então ainda não povoadas através de distritos de colonização.

Esse processo teve início a partir da chamada Lei de Terras. Giaretta comenta que:

A lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, é um documento fundamental para compreendermos a organização agrária no Brasil, na medida em que seu objetivo era organizar a situação dos registros de terras, que vinha desde a doação das sesmarias, e legalizar as terras que se encontravam ocupadas sem autorização para, posteriormente, reconhecê-las como terras devolutas. Atendia, assim, ao desejo do

⁵²Os Kaingang ou "Caingangues" estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil, falam uma língua pertencente à família linguística Jê e ocupavam a região sudeste/sul do atual território brasileiro.

Império, que pretendia vendê-las para financiar a imigração. A aprovação da lei ocorreu no período em que se cogitava a abolição da escravatura (Giaretta, 2008, p.17).

Ruckert (2013, p.207) salienta que no Rio Grande do Sul a colonização começou a partir da vinda de alemães na região onde vai se desenvolver a cidade de São Leopoldo. No decorrer do século XIX, a existência de um núcleo colonial alemão no sul do Brasil possibilitou a formação de um fluxo de imigrantes alemães que buscavam nessa região as oportunidades que a Europa não oferecia.

Segundo o mesmo, a fundação da Colônia de São Leopoldo prevaleceu o interesse do Governo Imperial e a prática da concessão gratuita de terras devolutas para os imigrantes; posteriormente, na fundação das colônias de Feliz, de Santa Cruz, de Santo Ângelo, de Nova Petrópolis encontramos as marcas de uma política provincial de imigração (Ruckert, 2013, p.211).

A partir de 1875, começaram a chegar os primeiros colonos italianos, na região onde futuramente vai se tornar a cidade de Caxias do Sul. Mais de 60 mil italianos vieram para o Rio Grande do Sul naquele período até as primeiras décadas do século XX.

A migração italiana em massa para o Rio Grande do Sul ocorreu em finais do século XIX. Em 1875, começam a chegar as primeiras famílias à região serrana do estado e, em 1877/78, à região central. Várias foram as levas de emigrados italianos que vieram predominantemente oriundos do Norte da Itália, católicos, camponeses pobres e não letrados. Os motivos que atraíram aquelas famílias para o Brasil estavam baseados nas condições de vida que tinham numa Europa em transformação, na qual, a Igreja católica perdia seu poder, a pobreza assolava os mais despossuídos, a Revolução Industrial e o capitalismo se expandiam enquanto visão de mundo e estilo de vida (Santos e Zanini, 2010, p.28).

Fazendo uma pesquisa no livro “Álbum História de Erechim” (p.21, 2007) encontramos a informação que na região norte e noroeste do Estado, se deu uma colonização mais tardia e de característica mista, ou seja, a vida de imigrantes das mais variadas nacionalidades.

Isso aconteceu previamente com a construção de uma ferrovia construída entre 1904 e 1910 que cortava o norte do Rio Grande do Sul fazendo ligações com o restante do Brasil. Esses eram os planos do então governo de Borges de Medeiros, que desejava “promover a ocupação organizada e eficiente das áreas da Região do Alto Uruguai”, e assim dando vazão às já saturadas colônias em outras regiões mais ao sul do território.

O Plano veio a realizar-se da seguinte forma: à medida que a ferrovia que ia sendo implantada, contribuía para a ocupação da região - cada estação ou caixa-d'água para abastecimento das locomotivas deu origem a um povoado. Assim surgiram Erebango, Estação, Capo Erê, Paiol Grande, Baliza, Gaurama, Viadutos e Marcelino Ramos, nesta região. Paralelamente, o órgão oficial do governo do estado, a Diretoria de Terras e Colonização, providenciava a divisão dos lotes rurais, o traçado das vilas e dava todo o suporte para os novos proprietários das terras (Álbum da História de Erechim, 2007, pág.9).

Para isso, o governo possuía a Comissão de Terras e também contratou na época empresas colonizadoras que agilisassem o processo de organização, limpeza, compra e venda de terrenos.

A empresa Colonizadora Luce e Rosa & Cia Ltda, que colonizou áreas da Região do Alto Uruguai, foi criada em 1883, quando vários sócios adquiriram 3.164 colônias de terra. A sede central da empresa era Porto Alegre, mas havia uma em Barro (Gaurama) e escritórios de representação em Passo Fundo e em Santa Maria (Giaretta, 2008, p.22).

A participação da Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia, que atuava no “negócio da imigração e colonização”, foi facilitada pelos vínculos dessa empresa com o capital internacional e pelas boas relações mantidas entre os seus proprietários e o governo estadual (Ruckert, 2013, p.219).

No entanto, outras empresas também fizeram o trabalho, como a Companhia Colonizadora Rio-Grandense, a Sociedade Territorial Eberle, Mosele e Ahrons e também a Jewish Colonization Association (ICA) de origem judaica, instalando-se em Quatro Irmãos, esta que no caso, o próprio escritor Gladstone Osório Mársico trabalhou como um de seus advogados, levando-o a inspiração para escrever o livro “Cágada”.

A região do Alto Uruguai obteve terras públicas que logo após foram privatizadas para estas empresas que faziam o processo de colonização. Muitos dos imigrantes que vieram para a colônia Erechim também eram oriundo de regiões do estado que já acontecia este processo, como já citado anteriormente.

No entanto, vale destacar que, como já citado, neste distrito de colonização já havia habitantes caboclos e indígenas de origem Kaingang, que passaram realmente por um processo de expulsão e das terras futuramente ocupadas.

Os novos colonos tiveram que conviver com os povos que para cá vinham e, portanto, não podemos negar que houve a troca de saberes culturais entre os novos e os velhos habitantes das regiões. No entanto, isso não basta para definir o processo de ocupação, já que o governo se “preocupou” em resolver o problema indígena devido às expulsões violentas que

aconteciam na região. Surgiram assim, reservas como as de Cacique Doble, Carreteiro, Guarani, Inhacorá, Ligeiro, Nonoai, Serrinha, Ventarra e Votouro.

A redução das comunidades caingangues no Alto Uruguai iniciou quando o governo republicano necessitou de terras para a colonização, seguindo a doutrina indigenista positivista, que defendia a evolução cultural das populações nativas e a introdução dos índios no bojo da civilização (Giarretta, 2008, p. 21).

Nesse contexto e características citadas acima é que, portanto, o processo de colonização começa a se efetuar, com uma data de fundação determinada:

A Colônia Erechim⁵³ foi criada em 6 de outubro de 1908 e instalada em 1910, com 36 colonos. Dentre as colônias fundadas no Rio Grande do Sul, foi a mais nova e a que mais progrediu. Isto deveu-se a forma organizada como foi conduzida desde o início, à fertilidade das terras, ao potencial madeireiro e ervateiro, à ferrovia que garantia o transporte de produção agrícola e, principalmente à disposição para o trabalho dos imigrantes de várias etnias que a colonizaram (Álbum História de Erechim, 2007, p.12).

As primeiras famílias étnicas que adquiriram terras tinham origem alemã e portuguesa, porém logo vieram contingentes de diversas origens como predominantemente Italianos, Poloneses, Alemães, Judeus, e em minoria Russos, Tchecos, Lituanos, Franceses, Holandeses, Espanhóis, Austríacos, afrodescendentes e outros⁵⁴.

Boa Vista será o primeiro nome do município ao substituir o termo “Paiol Grande”, ou seja, Gladstone mantém o nome original da cidade para se referir a sua cidade fictícia. Como citado no capítulo anterior, colocamos um trecho de fundação da cidade no livro, porém neste caso, temos aqui o trecho real (para fins de comparação) da fundação do Município de Boa Vista (futuro Erechim):

Em 30 de abril de 1918 a Colônia Erechim é elevada a município, pelo decreto nº 2342, sancionado pelo Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros. O município tem por sede a Vila Boa Vista, outrora Paiol Grande. Tem 38.000 habitantes sendo 5.590 na vila e povoados e 32.936 na zona rural. A instalação da municipalidade ocorreu a 18 de junho de 1918, na sede da Comissão de Terras, tendo sido nomeado Intendente Provisório do Município o Sr. Aires Pires de Oliveira (Álbum da História de Erechim, 2007, p.44).

⁵³ Podemos colocar essa fase com o pré desenvolvimento da região que dará origem em 1918 a cidade de Erechim e outros municípios pequenos próximos;

⁵⁴A cada quatro anos, geralmente desde 1966, é realizada a FRINAPE, uma feira de indústria, comércio e agropecuária que se tornou tradicional na cidade de Erechim que, além de shows, competições e amostras, também é escolhido as princesas étnicas do município.

Nota-se que no trecho acima, que em questão de pouco tempo a Colônia Erechim ou Município de Boa Vista teve um expressivo aumento populacional, sendo a maior quantidade na área Rural, porém, podemos observar que a quantidade de 5.590 habitantes na área urbana para a época, em uma zona remota em desenvolvimento, também chama a atenção.

A explicação para isso é por ser uma nova colônia de características étnicas mistas, com colonos oriundos principalmente das colônias velhas como Caxias do Sul e São Leopoldo, como também por ser um ponto estratégico de rota ferroviária com divisa com Santa Catarina, dando ênfase à este crescimento.

O rápido desenvolvimento econômico e populacional das colônias do Alto Uruguai e, conseqüentemente, de Erechim é atribuído, em grande parte, à regularidade das migrações internas, provindas das Colônias Velhas buscando terras virgens em áreas mais longínquas, pois as florestas do Alto Jacuí e da região de Ijuí encontravam-se inteiramente ocupadas (Giaretta, 2008, p. 61).

Nesse sentido, podemos perceber que também a saturação das outras colônias no estado fez os “descendentes de imigrantes encontrarem dificuldades para residir junto com seus pais e passaram a desbravar o último espaço de floresta pioneira do Rio Grande do Sul, localizado nas colônias do Alto Uruguai” (Giaretta, 2008, p. 61).

Inicialmente, a extração de madeira para exportação em outros estados e até para fora do país como a Argentina foi de vital importância para o desenvolvimento de Erechim. Internamente a maioria das construções, principalmente casas, eram feitas a base desse material, ao mesmo tempo em que foram adquirindo cada vez mais qualidade. Segundo Giaretta:

As estradas de rodagens, os rios, as estradas de ferro foram importantes para escoar a matéria-prima originária das matas. A expansão da extração da madeira teve uma relação profunda com o desenvolvimento da agricultura, visto que se destruíam as florestas, expropriando caboclos e índios, enfim, transformando os espaços naturais, para promover a consolidação do mercantilismo (Giaretta, 2003, p.131).

Ao mesmo tempo, a economia agrária passa a ser monopolizada pela produção de trigo, além de outros produtos como a plantação e produção de uva e vinho. A família Pagnoncelli, liderada por Saule Pagnoncelli, foi pioneira no desenvolvimento de moinhos de trigo e comercialização do produto. Mais tarde a própria família teve um expressivo crescimento na área comercial da cidade, trabalhando com lojas de ferragens, instrumentos agrícolas, fazendas e secos e molhados.

Nesse ponto, é importante observar que Gladstone Osório Mársico, cria um personagem parecido na trama de *Cogumelos de Outono*, ou seja, Primo Salvatore Rampanella e seu filho Secondo Rampanella, com família expressiva e que também possuía vários empreendimentos na fictícia cidade de “Boa Vista”.

Como a família de Primo Salvatore Rampanella dominava quase todo o comércio da praça, mantendo casa de pasto, armazém de secos e molhados, moinhos de trigo (o forte, mesmo) e engenho de serrar madeira, ele enveredou por aquele ramo onde ninguém se arriscara ainda de meter o bico com medo das explosões (Mársico, 1986, p. 34).

As casas comerciais ou como chamavam “casas de pastos” se tornam algo de destaque no início da urbanização de Boa Vista. ligadas a área rural e ao abastecimento de tropeiros que passavam pelo município.

A necessidade de receber e comercializar os produtos agrícolas e ao mesmo tempo abastecer a área rural com todo o tipo de artigos industrializados resultou na criação de casas comerciais diversificadas, onde se encontrava de tudo, e que foram se consolidando, tornando-se prósperas empresas. Dois exemplos são as casas comerciais da família Pagnoncelli, localizada na Av. Maurício Cardoso, e da família Massignan, localizada na saída para o vale do Rio Dourado (Álbum da história de Erechim, 2007, p.55).

Portanto, podemos considerar que os primeiros anos da cidade de que se tornará Erechim foi caracterizada pelo processo de planejamento e alocação das famílias de imigrantes, ao mesmo tempo que serviu como ponto estratégico de ligação ferroviária que ligava a Santa Catarina e assim ao restante do país. Ao mesmo tempo, internamente desenvolverá um próspero comércio ligado à agropecuária e também à extração e comercialização da madeira.

4.2 ASPECTOS GEOGRÁFICO E URBANO NOS ANOS 30 E 40

É importante destacar que segundo o autor a cidade imaginada é fictícia, no entanto, "Boa vista", como já comentado foi um dos primeiros nomes dados à cidade de Erechim.

Outro detalhe é que quando você faz a leitura do livro, entra no imaginário da própria cidade, tanto em suas características geográficas quanto históricas⁵⁵.

Para ser mais específico, em 1922 surge o nome “Boa Vista do Erechim” juntando o nome da Colônia com a Vila Boa Vista. Este nome permanecerá até 1938, quando por um tempo a cidade se chamará “José Bonifácio” e por fim, a partir de 1944 finalmente passa a se intitular Erechim.

É durante estes períodos que Gladstone Osório Mársico paralelamente descreve a história da cidade fictícia no livro, desenvolvendo a trama ao mesmo tempo em que vai caracterizando a cidade geograficamente, como foi descrito no capítulo anterior.

Portanto, o objetivo aqui é detalhar a cidade de Erechim nos tempos históricos citados acima baseados nas características semelhantes desenvolvidas no livro de Mársico, já que a sensação de “andar” pela cidade de Boa Vista fictícia enquanto lemos o livro remete a cidade Boa Vista real, principalmente para quem já morou ou mora há algum tempo no Município.

A cidade de Erechim foi criada através da idealização e sugestão de Torres Gonçalves⁵⁶, que até então era o “Diretor de Terras e Colonização” do estado do Rio Grande do Sul. Além da criação e do loteamento de terras, houve uma importância por parte deste, de planejar e organizar a nova colônia aos moldes da ideologia positivista (já observado no capítulo anterior) , esta que estava no seu momento de maior influência, principalmente no estado e sua herança castilhistas.

É importante observar que a Corrente Positivista (séculos XIX e XX) foi determinante na maneira de planejar, executar e preparar a vinda de imigrantes. Tratava-se, pois, de colonização oficial, planejada segundo a legislação vigente, executada pelo organismo competente: a Inspeção de Terras. Vale ressaltar que os primeiros anos da gestão de Torres Gonçalves foram mais dedicados aos assuntos de terra, de planejamento e de divisão do que da colonização propriamente dita. Em um segundo momento, passou a implementar suas ideias em termos de colonização (Retratos do passado memórias do presente, 2012, p.40).

Entre as características do planejamento teve vital importância o “levantamento dos cursos de água, o cuidado com os povos autóctones, aproveitamento dos mananciais hídricos, imigração espontânea, miscigenação racial, plano de viação geral e cuidado e conservação dos cemitérios” (Retratos do passado memórias do presente, 2012, p.40).

⁵⁵ Nas primeiras páginas de apresentação do livro, Mársico faz a seguinte observação: “De igual forma, Boa Vista, no Vale do Rio Dourado, é uma vila que não existe. Há qualquer semelhança com Erechim, inspiradora dos cenários por onde se desenrola a narrativa. Mas o autor, propositadamente, mudou locais, datas e alguns fatos que realmente ocorreram, para evitar a possibilidade de qualquer coincidência”.

⁵⁶ Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) era Engenheiro e também adepto da ideologia positivista, trabalhando no governo de Borges de Medeiros.

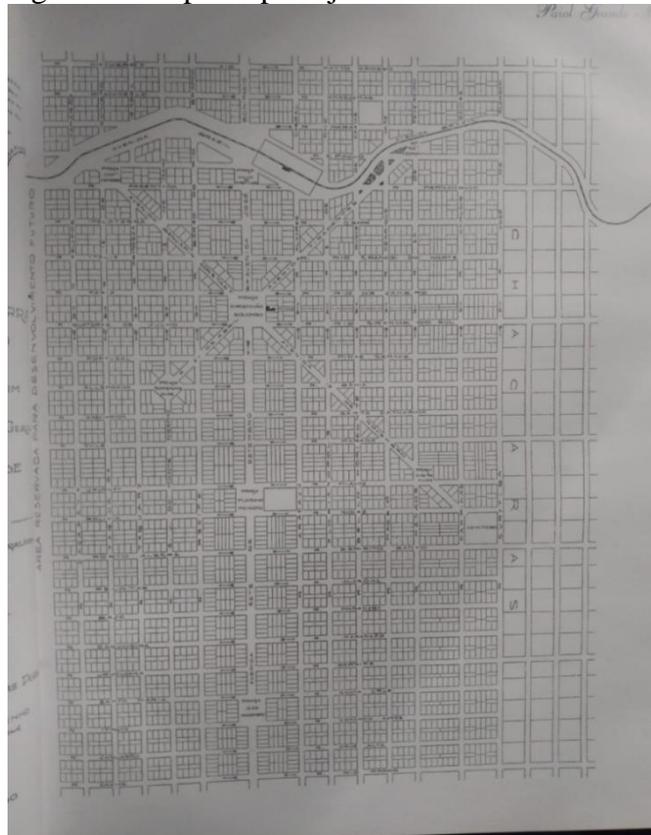
No entanto, o destaque será a delimitação organizada do meio urbano em formato de xadrez, aos moldes das cidades de Paris e Washington.

Um dos pais e um dos primeiros presidentes da república norte-americana, o arquiteto Thomas Jefferson, conceberam e iniciaram a implementação da nova cidade de Washington, projetada com o objetivo de se tornar a capital deste novo país. O traçado urbanístico do sistema viário escolhido foi o quadriculado em xadrez, com o acréscimo de avenidas diagonais e a inclusão de um ou mais eixos monumentais. Depois de Washington, a cidade de Paris experimentou uma ousada reforma urbana, em meados do século XVIII, à época de Napoleão III - O plano de Haussman. Esta proposta não foi um processo tão inovador como o norte-americano, que marcou a história do urbanismo pela ousadia do projeto da nova capital (Álbum da história de Erechim, 2007, p. 32).

No Brasil, temos o exemplo da capital de Minas Gerais, quando houve a mudança de Ouro Preto para Belo Horizonte, onde, “à semelhança de Washington, implantou um traçado xadrez, com avenidas diagonais e um ou mais eixos monumentais” (Álbum da história de Erechim, 2007, p. 32).

Erechim, no caso, foi um exemplo único dentro do Estado gaúcho e abaixo vemos um esboço de como foi planejada e organizada a cidade (Figura 1):

Figura 1 - Mapa de planejamento de Erechim



Fonte: Álbum da História de Erechim, 2007

No livro *Cogumelos de Outono*, várias vezes é citada a praça central de Boa Vista, que possui o mesmo nome da praça principal de Erechim, ou seja, a “Praça da Bandeira”. Na Figura 2 é possível observar a praça no ano de 1938 e nos dias atuais:

Figura 2 - Praça da bandeira nos anos de 1930 e tempos atuais

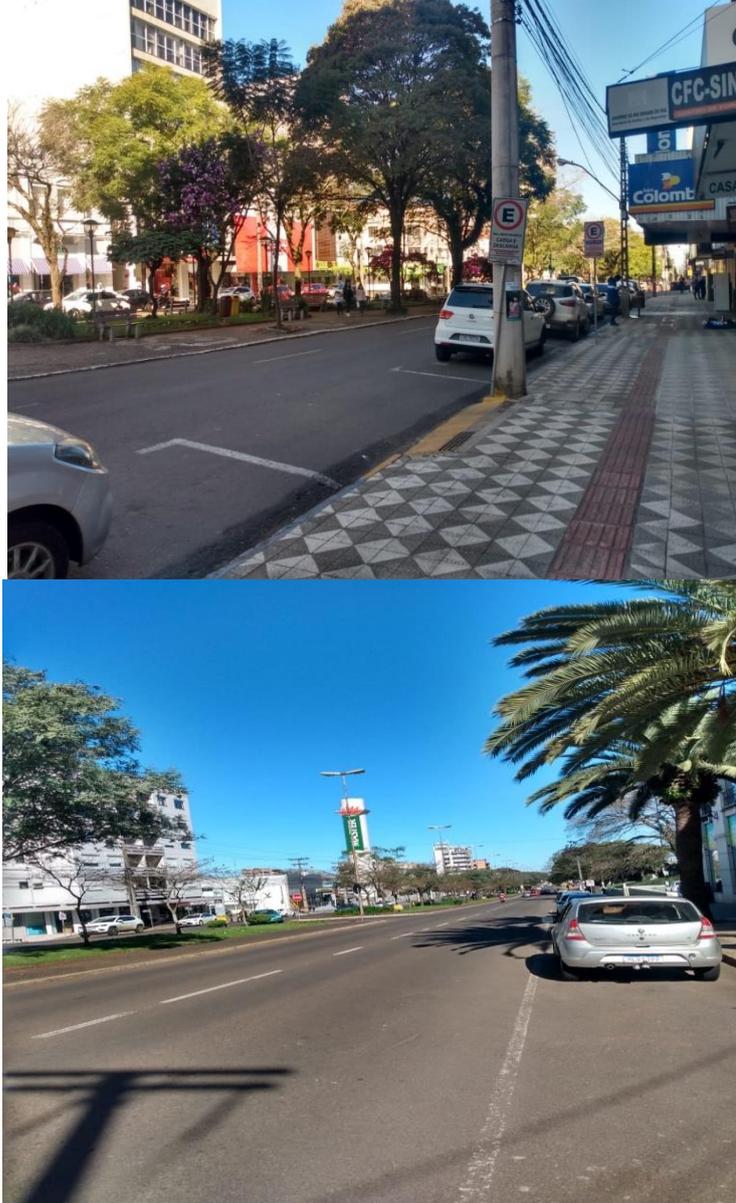


Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/> e acervo particular

Como vimos no molde do planejamento da cidade, esta praça está localizada exatamente no centro da cidade, e nela desemboca formando uma “estrela”, seis avenidas principais, quatro perpendicularmente e duas verticalmente que se encontram com a praça.

Estas últimas se denominam avenida Maurício Cardoso⁵⁷ e avenida Sete de Setembro, respectivamente (Figura 3):

Figura 3 - Avenidas Maurício Cardoso e Sete de setembro



Fonte: Acervo particular

As avenidas também são citadas frequentemente no livro por Gladstone, muitas vezes ele cita a que liga a Praça da Bandeira à estação Ferroviária. Acreditamos que ele faz menção simbólica a Av. Maurício Cardoso, que realmente faz ligação com a antiga Estação Ferroviária da cidade de Erechim (Figura 4):

⁵⁷ Antiga avenida José Bonifácio.

Figura 4 - Estação ferroviária de Erechim



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/>

Próximo à estação Ferroviária havia a praça do Quiosque, que hoje se chama Praça Júlio de Castilhos. No livro, a praça do Quiosque é citada por Mársico como o lugar onde a bandinha do Mestre Kraube ensaiava com seu grupo, acompanhados de cerveja e chopp (Figura 5).

Figura 5 - Antiga Praça do Quiosque e atual Júlio de Castilhos



Fonte: acervo particular

A Comissão de Terras que serviu para os escritórios da demarcação de terras é mencionada algumas vezes, e também a reserva florestal “Matinho da comissão” pertencente à mesma. Esse nome na realidade se refere ao Parque Longines Malinoski e está localizado ainda em uma área central da cidade. Do mesmo modo que o livro, ela é chamada de “Mato da comissão” e onde ficavam os escritórios hoje em dia é denominado de “Castelinho”, que se tornou ponto turístico da cidade de Erechim (Figura 6):

Figura 6 - Mato da Comissão e antiga sede da Comissão de Terras, atual Castelinho



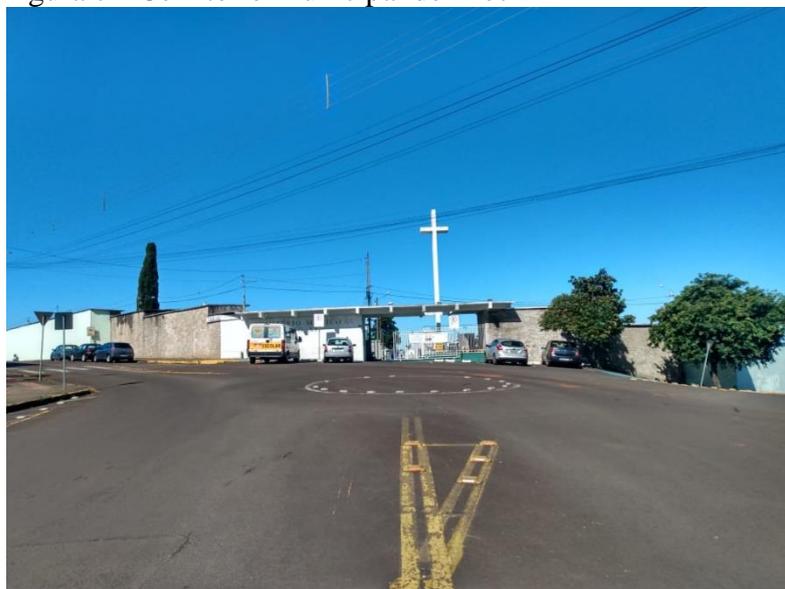
Fonte: Acervo particular

Gladstone se refere ao “Matinho da Comissão” no livro como o lugar em que os casais se encontravam escondidos, bandidos fugiam da polícia e a noite fantasmas habitavam o local.

O início do livro se inicia com uma passagem no cemitério municipal na qual é repetido muitas vezes, já que além do cachorro Epaminondas ter sido enterrado lá para espanto da sociedade de Boa Vista que via o fato como profanação religiosa, também é o local de encontro entre os amantes Gud (esposa de Bernardo) e Major Pandolfo (prefeito da cidade) prefeito da cidade.

Gladstone também localiza o cemitério relacionado a uma avenida perpendicular da cidade que se conecta à "Praça da bandeira". Na real Erechim essa avenida se chama Presidente Vargas e o cemitério municipal, denominado de Pio XII (Figura 7) realmente termina naquele destino:

Figura 7 - Cemitério Municipal de Erechim



Fonte: acervo particular

Em frente à praça da bandeira temos a prefeitura (Figura 8), que Mársico muitas vezes também denominava "Intendência municipal", na qual realmente era chamado no início da formação da cidade.

Figura 8 - Prefeitura municipal de Erechim



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/>

Um detalhe que torna semelhante a realidade com a ficção é que ele menciona que havia um presídio nos “porões da prefeitura”, e no caso, como já mencionado, foi lá que o personagem Maroca ficou detido para o julgamento do atentado contra o padre da cidade. A prefeitura de Erechim que foi construída nos anos 30 também durante muitos anos assim como no livro, serviu como local de cadeia provisória⁵⁸.

Os prédios religiosos da cidade fictícia de Boa Vista eram dois, a “Igreja São José”, localizada bem no centro, e também o famoso Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho, localizada mais distante da praça da bandeira.

Na realidade da cidade de Erechim, existiu a Igreja Matriz São José (Figura 9) construída em 1929 que mais tarde será demolida para a construção da Catedral São José na década de 60.

Já o Seminário que conhecemos se chama “Seminário Nossa Senhora de Fátima” e está localizado na avenida Sete de Setembro (Figura 10).

⁵⁸ Algo comum em cidades em tempos remotos, não só no Rio Grande do Sul e Brasil, como também em outros países, como por exemplo, os Estados Unidos.

Figura 9 - Igreja/Catedral São José antigamente e dias atuais



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/> e acervo particular

Figura 10 - Seminário Nossa Senhora de Fátima



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/> e acervo particular

O Jornal Boavistense, onde Mestre Faísca escrevia suas notícias sensacionalistas para vencer o concorrente Correio do Povo de Porto Alegre, também possuía o mesmo nome tanto no livro quanto na cidade de Erechim. Mais tarde este jornal vai mudar para “Voz da Serra”, tradicional jornal da cidade durante muitos anos. A Figura 11 mostra a primeira edição do jornal Boavistense de Erechim.

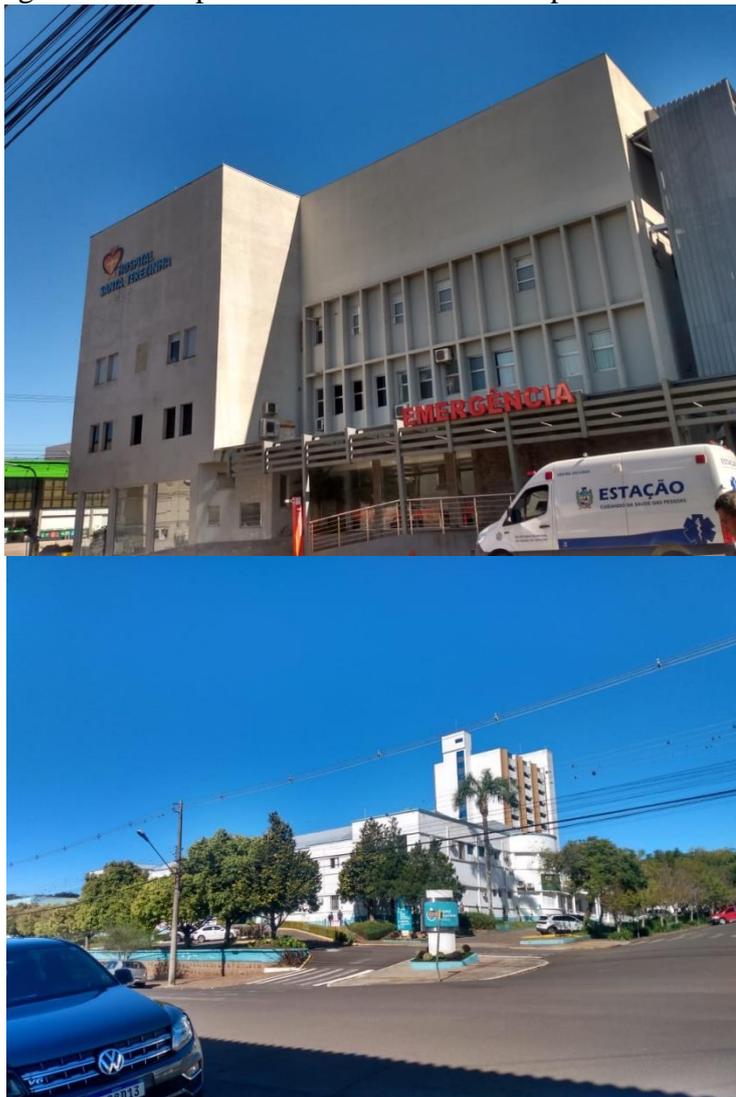
Figura 11 - Primeira edição do Jornal Boavistense



Fonte: Arquivo histórico

Quando o livro se refere a hospitais, ele cita o hospital Primo Salvatore Rampanella, onde o Doutor Mayer fazia suas cirurgias, inaugurado na cidade de Boa Vista nos anos 30. Quando pesquisamos a história de Erechim encontramos dois Hospitais fundados na mesma época que o período histórico do livro e que até hoje estão em funcionamento. São os hospitais Santa Terezinha e também o Hospital de Caridade (Figura 12).

Figura 12 - Hospital Santa Terezinha e Hospital de Caridade

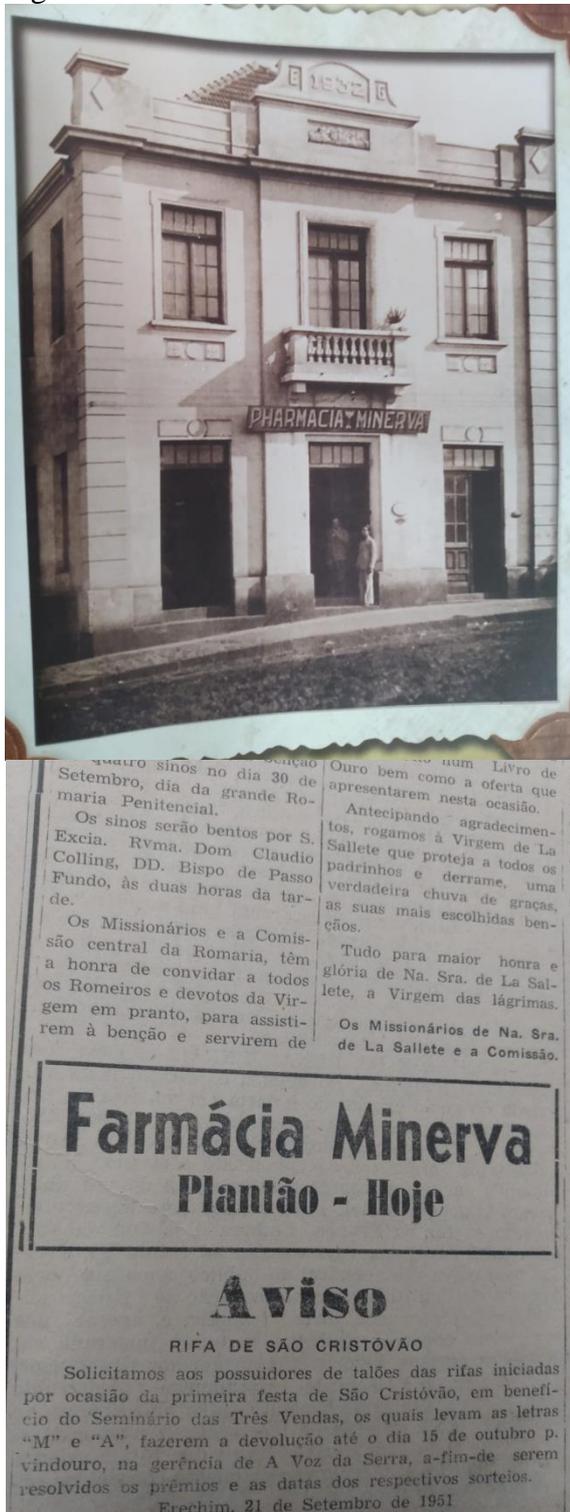


Fonte: acervo particular

Fazendo uma ligação com o hospital, havia a Farmácia Minerva do Personagem Boca Santa. Ela é citada muitas vezes durante quase todo o livro pelo personagem ser padrinho de Fabrício Najak.

Na cidade de Erechim, havia também uma farmácia denominada (Pharmácia Minerva), fundada em 1932 e que estava localizada na Rua J.B. Cabral. Assim como no livro, a farmácia estava localizada também próxima à estação ferroviária (Figura 13).

Figura 13 - Farmácia Minerva e anúncio em jornal/ 1951



Fonte: Erechim: Retratos do passado. Memórias do Presente, 2012

O Hotel Internacional do japonês Taka Mori era outro lugar citado por Gladstone em vários trechos do livro. Como concorrência havia a pensão “Recreio” da personagem “Frau Mika”, sogra de Bernardo Lutzman.

Erechim teve vários hotéis, pousadas e pensões durante as primeiras décadas de sua história. Segundo dados do Álbum da História de Erechim, havia na cidade em 1938 cerca de 14 destes empreendimentos.

A hotelaria, juntamente com as casas comerciais estabelecidas na cercania da estação, recebia os hóspedes, dando-lhes pouso e alimentação. Muitos imigrantes e migrantes que chegavam, hospedavam-se nos hotéis enquanto se desenvolvia o processo de busca e compra e lote. A análise de relatos e vivências demonstra que o hotel, foi, para a maioria, o ponto inicial de referência, de busca de informações, de contatos, de negócios e, mesmo, serviu como moradia (Retratos do passado, memória e presente, 2012, p.118).

E realmente existia um “Hotel Internacional” que assim como a do Japonês, estava localizado na avenida próximo à Estação ferroviária. A avenida se denominava José Bonifácio, sendo que atualmente se chama Av. Mauricio Cardoso (Figura 14).

Figura 14 - Hotel Internacional



Fonte: Erechim: Retratos do passado. Memórias do presente, 2012

O Cine Teatro Apollo foi um dos cinemas mais conhecidos de Erechim e inaugurado no início da década de 30.

O Cineteatro Apolo da empresa Triches e Cantergiani, foi inaugurado em 1º de novembro de 1930 e já projetava filmes sonoros. Posteriormente foi adquirido pela empresa Pagnoncelli, mais tarde pelos Irmãos Rossi e encerrou suas atividades em 1974, chamando-se então Cine Ideal. Estava localizado na Av. Mauricio Cardoso (Retratos do passado, memória e presente, 2012, p.183).

Em *Cogumelos de Outono*, o cinema também é citado (Figura 15):

A causa de tudo se deveu a inauguração do Cineteatro Apollo, sob os auspícios da municipalidade, e à nova empregada que Candinha arranhou, em boa hora, para ajudá-la na pesada tarefa. Trazer o cinema, embora mudo, para Boa Vista, foi mais uma decidida contribuição da família Rampanella ao desenvolvimento cultural do Vale do Rio Dourado e um meio prático de forçar uma boa parte das economias populares a saírem debaixo do colchão e retornarem a antiga caixa comum (Mársico, 1986, p.516).

Nota-se mais uma vez nas duas citações acima, que o nome da família Rampanella da cidade imaginária de Boa Vista se liga ao dos Pagnoncelli de Erechim, mais uma vez evidenciando as semelhanças que Mársico dava ao personagem ao empreendedor da cidade real.

Figura 15 - Antigo Cine teatro Apollo



Fonte: acervo particular

Outro detalhe que assemelha os dois nomes familiares, é que além de citar principalmente que ambos trabalham com empresas comerciais de secos e molhados, moinhos

e outros empreendimentos, é quando o autor cita no livro, em certo momento, os “Chalés da Usina”. Como neste trecho que mencionada a morte do pai de Fabrício:

- O que será que andou fazendo o velho? - indagou Fabrício. - Alguma briga?
- Escuta aqui...afilhado, sei lá! Estava numa casa dum senhora muito distinta... escuta aqui... muito amiga da finada - mentiu o Boca Santa.
- E esta menina? - Fabrício referia-se à Nega Dorvalina, que já ia meio distanciada.
- É irmã dela. Escuta aqui... aphilhado, muito boa, por sinal, não?
- Sabe onde é que fica a tal casa?
- Perto da Usina. Primeiro chalé... escuta aqui... à direita (Mársico, 1986, p.125).

Os referidos “chalés” eram na verdade uma série de casas parecidas feitas de madeiras próximas aos moinhos da empresa Pagnoncelli, e tinham como propósito servir de moradia para trabalhadores da mesma.

Deve ter existido uma quantidade considerável de casas assim que já foram destruídas, no entanto, ainda existe algumas delas próximo aos prédios da antiga empresa, que também continuam a existir, como podemos ver na imagem abaixo (Figura 16):

Figura 16 - Antiga sede das empresas Pagnoncelli e Chalés da Usina abaixo





Fonte: acervo particular

Outro empreendimento citado é a Hidráulica, onde a água era bombeada para a cidade de Boa Vista. A Hidráulica (Figura 17) na cidade de Erechim estava próximo ao matinho da Comissão e hoje pertence à Corsan⁵⁹.

Figura 17 - Antiga Hidráulica e atua sede da Corsan



⁵⁹Companhia Rio-Grandense de Saneamento fundada em 28 de março de 1966.



Fonte: Álbum da História de Erechim, 2007 e acervo particular

Em relação a bairros, o autor cita de maneira bem sutil o Bairro “Três Vendas” (Figura 18):

- A cidadezinha é boa?
- Japonês não tem queixa. No ano passado ainda plantava tomate nas Três Vendas. Hoje é dono disto aqui... (Mársico, 1986, p.133).

Figura 18 - Bairro Três Vendas



Fonte: acervo particular

Em relação ao esporte, como já citado, havia o “Campinho da Viação Férrea”. Em Cogumelos de Outono Boa Vista possuía um time de futebol denominado Sport Clube 25 de julho, e na escala do time havia Bernardo Lutzzman como goleiro e muitos de seus amigos de descendência alemã jogando no time.

Mársico faz um capítulo especial relatando os sacrifícios que o time fazia para melhorar seu desempenho e também os embates que aconteciam com o time rival de Passo Fundo 14 de Julho e treinavam no campinho citado acima.

Segundo a história de Erechim havia realmente um estádio próximo à estação férrea, onde jogavam os times do 14 de Julho⁶⁰, Atlântico e Ypiranga. Futuramente seria desativado em virtude da construção do Estádio Colosso da Lagoa⁶¹ (Figura 19), desta vez na avenida 07 de setembro.

Figura 19 - Antigo campinho da Viação Férrea e atual Estádio Colosso da Lagoa



⁶⁰ Não confundir com o de Passo Fundo, este sim era pertencente a Erechim.

⁶¹ Como já citado, Gladstone Osório Mársico foi um dos diretores que planejaram a construção do referido estádio.



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/>

E para finalizar este estudo sobre as relações geográficas entre os espaços citados no livro com a cidade de Erechim, observamos que Gladstone também recriou no livro expressões e eventos que aconteceram na cidade naquela metade do século XX.

Um detalhe é que durante muitas vezes no livro ele usa da expressão “Botas Amarelas” para se remeter aos habitantes de “Boa Vista”, como no trecho a seguir:

Na viagem, ficara sabendo que o apelido da cidade era “A capital dos Botas Amarelas”. Isso ele ouvira dizer em Passo Fundo, quando o Noturno parou.
 - Por quê? – Perguntara.
 - Já ouviu colono usar sapato? (Mársico, 1986, p. 213).

Na realidade o apelido surgiu pelo uso do calçado uniforme, usado pelos agricultores da região, que frequentavam Erechim por ser um o centro comercial forte e próspero, porém carente de acessos pavimentados.

Acontecimentos que marcaram a cidade de Erechim também foram introduzidos no livro, como por exemplo os incêndios que varreram várias casas da cidade:

Sim, porque o primeiro doido que se metera de pato a ganso no negócio, acabara voando com a casa e tudo ao fazer uma mistura de enxofre, aguarrás e ácido sulfúrico, queimando junto uma quadra inteira da vila (Mársico, 1986, p. 35).

Segundo o Álbum Fotográfico da História de Erechim (2012, p.62), esse evento aconteceu em 1931 (Figura 20) quando 12 prédios foram destruídos na Av. José Bonifácio (atual Maurício Cardoso) e teve início nas cabines cinematográficas do Cine Avenida.

Figura 20 - Incêndios do ano de 1931



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/>

Outro acontecimento marcante retratado no livro foi a neve intensa que caiu na cidade fictícia de Boa Vista:

Mas, numa sexta-feira de inverno, a neve caindo pela tarde, não resistiu ao desejo de surpreender Júnia, aproveitando aquela moldura inusitada. Fazia mais de nove anos que não se tinha notícia de semelhante fenômeno ali em Boa Vista, no Vale do Rio Dourado (Mársico, 1986, p. 188).

O evento realmente ocorreu no dia 04 de Julho de 1942, e “José Bonifácio (nome da cidade na época) amanheceu com um aspecto inusitado (Figura 21), que trouxe lembranças de infância aos imigrantes europeus: estava nevando” (Álbum da história de Erechim, 2007, p.134).

Figura 21 - Nevasca em Erechim em 1942



Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com/>

E, enfim, eventos políticos que aconteceram na cidade de Erechim também foram recriados no livro “Cogumelos de Outono”, como a já citada visita de Getúlio Vargas a cidade. A visita de Vargas no livro ocorre quando o presidente já empossado vem para Boa Vista após uma promessa de Flores da Cunha aos Boavistenses.

No entanto, na história de Erechim, as visitas aconteceram em dois momentos: a primeira quando Getúlio Vargas passa rapidamente pela cidade durante a Revolução de 30 e a segunda no ano de 1950 (Figura 22) , quando era candidato à presidência da República.

Figura 22 - Visita de Getúlio Vargas à Erechim em 1950.





Fonte: Álbum da história de Erechim, 2007

Uma observação interessante, é que muitas vezes Gladstone mudava os nomes, tempos e figuras históricas. No livro, um dos atos de Getúlio em sua visita foi a inauguração do Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho. No acontecimento real na cidade, o suposto acontecimento foi a inauguração do Seminário Nossa Senhora de Fátima que foi na verdade realizada pelo presidente Juscelino Kubitschek no ano de 1968 (Álbum da História de Erechim, 2007, p.158).

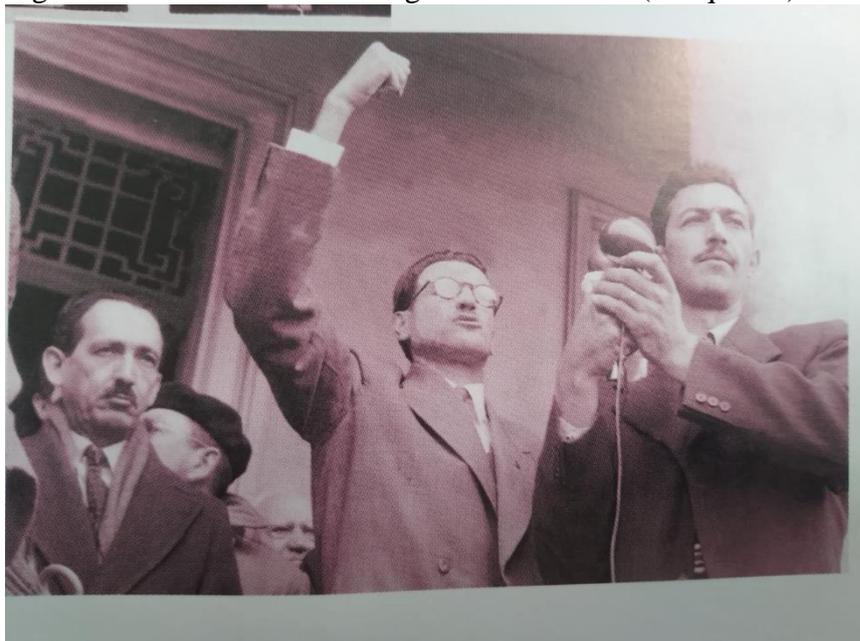
Outros políticos que visitaram a cidade, como Jânio Quadros, Adhemar de Barros e o próprio JK, não foram mencionados no livro, talvez pela incoerência de tempo em relação ao tempo histórico retratado na obra.

No entanto, o escritor fez questão de mencionar a visita de Plínio Salgado a Boa Vista⁶², já que era importante para a conexão com o movimento Integralista que acontecia dentro da trama.

Não encontramos a data de visita real do político na cidade de Erechim, ao invés disso há uma foto do mesmo em evento diante da prefeitura da cidade (Figura 23).

⁶² Ver página 53

Figura 23 - Visita de Plínio Salgado em Erechim (à esquerda)



Fonte: Álbum da história de Erechim

É para os seguidores desta doutrina e a história por trás dessa figura política que pretendemos agora adentrar, já que o escritor deu enfoque especial para este movimento como um dos elementos chaves da trama, que aconteceu tanto de maneira fictícia no livro tal como na história da cidade que o inspirou.

4.3 OS “BERNARDOS” DA REALIDADE: MOVIMENTOS INTEGRALISTA E NAZIFASCISTA NO RIO GRANDE DO SUL

Como observado, Gladstone estabelece como um dos elementos centrais da ficção um grupo de personagens autodeclarados nazistas, que seguem um movimento na cidade de Boa Vista liderado pelo personagem Bernardo Lutzmann.

Este grupo, além do nazismo, também possuía influências do fascismo de Mussolini, como também as tendências políticas de extrema direita nacional daquele período, principalmente o Integralismo representado pela figura líder de Plínio Salgado. O contexto histórico principal do livro tem, portanto, a Segunda Guerra Mundial e a admiração de certos grupos de descendentes de alemães e italianos que ovacionavam os avanços das Potências do Eixo durante a Guerra.

Do ponto de vista relacionado ao cenário político nacional, estava-se vivenciando o “Estado novo⁶³” sobre o governo de Getúlio Vargas, esse que em certo momento teve simpatia e quase ficou ao lado dos alemães, italianos e japoneses durante a guerra, tomando a decisão mais tarde de se juntar as potências aliadas.

Os Integralistas, ao contrário de outras tendências políticas extremas brasileiras daquele período, demonstravam algumas vezes, a simpatia pelos regimes do Duce e o Fuhrer, por se conectarem em certos aspectos ideológicos e em muitas de outras características. Sendo assim, desfiliavam por vários cantos do país, inclusive na região sul, lembrando muitas vezes os desfiles fascistas e nazistas que aconteciam no cenário europeu daquele período.

Portanto, para fazer uma ligação com *Cogumelos de Outono*, será analisado como tiveram origem e se desenvolveram esses movimentos no Brasil e no Rio Grande do Sul, para descrever como isso aconteceu de forma verdadeira na cidade de Erechim e região, onde segundo dados históricos, houve sim um movimento que defendia ideologias de extrema direita naquele período.

4.3.1 Germes ideológicos do fascismo e nazismo e a influência germânica

Segundo a história, a partir do final do século XVIII, seguindo o ideário dos pensamentos iluministas modernos⁶⁴, se desencadeia na Europa a Revolução Francesa de 1789, e assim sendo, o surgimento naquele continente, como consequência, a luta entre a velha aristocracia e as novas classes que deram origem progressivamente a novas Repúblicas.

Por outro lado, a Revolução Industrial iniciada no mesmo século, fez ascender finalmente do ponto de vista social, duas classes emergentes: a burguesia industrial e financeira, detentores do meio de produção, e o proletariado. Como dizia Marx, surge nesse contexto uma nova luta de classes, por aqueles serem os detentores do capital e os segundos dependentes daqueles meios de produção, estes recebendo salários geralmente insuficientes para a sua sobrevivência.

Essas duas Revoluções, tanto a Francesa como a Industrial, entre os séculos XVIII e XIX foram, portanto, determinantes para consolidar politicamente e economicamente as

⁶³Ver nota 35.

⁶⁴O movimento Iluminista ou Ilustração foi um movimento filosófico que deu as características a sociedade moderna através do impulso ao método científico, ao mesmo tempo criticando o absolutismo e o antigo regime, como também a igreja e o mercantilismo, dando ênfase no liberalismo, seu auge foi o século XVIII, denominado “Século das luzes”.

características chaves influentes para as nações dominantes. Para o historiador Eric Hobsbawm:

Se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideologia foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa. A Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas socioeconômicas tradicionais do mundo não europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas ideias, a ponto de bandeiras tricolores de um tipo ou de outro terem se tornado o emblema de praticamente todas as nações emergentes (HOBSBAWM, 2016).

Esse período é o germe das ideologias que surgem para contrapor ao capitalismo, e assim vemos surgir os movimentos operários que lutam contra o jugo de exploração desse sistema, em suas variadas formas: O anarquismo, o sindicalismo, a socialdemocracia, os socialismos utópicos e enfim o socialismo científico.

Entre meados do século XIX e ao adentrar do século XX, as nações europeias se tornam protagonistas na disputa mundial por capital⁶⁵ e determinam cada vez mais as formas de exploração dos países além-continente, tanto os independentes como os ainda colonizados.

Mais do que isso, essas nações poderosas passam a competir entre si por espaço geopolítico e econômico. Como consequência disso ocorre a I Guerra Mundial (1914-1918) e a Alemanha, que tinha evoluído economicamente como grande potência industrial de forma gradual após sua unificação durante o século XIX se torna protagonista dessa guerra, sendo que sua derrota determina uma modificação substancial na geografia do território Europeu e internamente por determinações do Tratado de Versalhes (1919), se vê humilhada politicamente e economicamente.

Com a crise de 1929⁶⁶, vemos surgir no período que os historiadores denominam como “entreguerras” os regimes totalitários. Destacando a Itália e a Alemanha, é a época que partidos extremos determinaram o surgimento respectivamente do fascismo e do nazismo, ou seja, novas ideologias de extrema direita que se desenvolveram através das mutações doutrinárias e políticas das outras ideologias citadas acima.

O fascismo e o nazismo possuíam um discurso que mesclava desenvolvimento econômico baseado num estado forte, como também um forte corporativismo ligado ao capital nacional. Também possuíam características xenófobas, classicistas e racistas.

⁶⁵ Além de incluirmos os Estados Unidos e o Japão.

⁶⁶ A Crise de 1929, também conhecida como Grande Depressão, foi uma forte recessão econômica que atingiu o capitalismo internacional no final da década de 1920.

Portanto ficou claro que em seu meio, o pensamento eurocêntrico de superioridade se configura em todo seu potencial, além de que enfatizava muitos valores tradicionais conservadores:

Os fascistas denunciavam a emancipação liberal, as mulheres deviam ficar em casa e ter muitos filhos e desconfiavam da corrosiva influência cultural da cultura moderna, sobretudo das artes modernistas, que os nacional-socialistas alemães descreviam como “bolchevismo cultural” e degeneradas (HOBSBAWN, 2016).

Durante a unificação da Alemanha⁶⁷, além da formação geopolítica do território, desenvolveu-se paralelamente filosofias e teorias relacionadas a identidade cultural daquela nascente nação, ou seja, “Durante a primeira metade do século XIX, cristalizaram-se na Alemanha ideais românticos que buscavam reforçar o nacionalismo, descobrindo a verdadeira essência da nação germânica” (Luvizzoto 2009, p. 76).

Antes de Hitler e muitos dos seus correligionários tomarem o poder, um dos temas mais discutidos e difundidos dentro da Alemanha em formação e também em outras partes da Europa, foi a ideia muitas vezes obcecada, da classificação de raças no ser humano. No século XIX já era polêmico o pensamento de Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882)⁶⁸, de que a mistura de raças (miscigenação) era inevitável e levaria a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual.

Muitas dessas ideias se encontram nos escritos de Hitler no seu famoso livro chamado “*Mein Kampf*”. Usando uma mescla de mitologia e filosofia com teses do tipo social darwinista dizia-se que havia uma escala de genética de superioridade entre as raças humanas. No plano inferior, os judeus eram vistos como a raça inferior, em oposição à etnia germânica que ele dizia ser a raça superior ariana.

Nesse contexto, pregava-se que os germânicos deveriam permanecer como uma raça pura e forte e com intenções futuras de dominação. As demais raças ditas “inferiores” dependendo do contexto deveriam servir para relações econômicas e sociais, segregação, dominação e como no caso dos judeus, eliminação.

Nos anos 30, com a ascensão do partido nazista no poder, esses ideais, através de um poderoso meio de comunicação e propaganda, passaram a se tornar concretas. Os discursos

⁶⁷ A unificação alemã foi o processo de unificação territorial que levou ao surgimento da Alemanha como Estado-nação, durante a segunda metade do século XIX. Esse processo foi conduzido pelo Reino da Prússia que, nessa época, era liderado pelo rei Guilherme I e pelo primeiro-ministro Otto von Bismarck.

⁶⁸Diplomata, escritor e filósofo francês.

racistas, xenófobos passaram a se tornar comum na Alemanha nazista, ao mesmo tempo em que o processo de segregação e eliminação dos judeus acontecia de forma velada.

Lo que en el discurso de la «guerra de razas» aparece como «etnias» horizontalmente enfrentadas en lucha, en el discurso racista se transforma en «razas» vertical y jerárquicamente relacionadas, donde una es la parte superior y la otra la parte inferior. Así «el discurso de la guerra de razas —que en la época en que apareció y comenzó a funcionar (siglo XVII) constituía esencialmente un instrumento de lucha para campos descentrados— será re-centrado y se convertirá en el discurso del poder, de un poder centrado, centralizado y centralizador (Grosfoguel, 2012).⁶⁹

Não demorou muito para que alguns alemães oriundos e descendentes daquela nação que vivam no Brasil, salientando, que muitos possuíam, mas não todos, uma falta de informação do que havia de realidade concreta daquele regime, se sentissem identificados etnicamente e ideologicamente seduzidos pelo discurso hitlerista.

As colônias alemãs no sul do Brasil eram predominantemente agrícolas, e formou-se na Alemanha uma “forte corrente para apoiar seu desenvolvimento, para que, mais tarde, essas colônias pudessem fornecer à pátria-mãe produtos primários de alimentação”. (Luvizzoto, 2009 p.77).

No entanto, também fazia parte do processo de desenvolvimento naquele período, a ideia de “branqueamento” da nação brasileira para que ela pudesse entrar nos moldes dos países considerados na lógica eurocêntrica, desenvolvidos e civilizados.

A história da imigração e colonização alemã aconteceu em duas fases: a primeira, que precede a unificação alemã (1824-1830); e a segunda, já com o processo de consolidação do Estado (1844-1889). Esse processo fora importante para a transformação étnica e socioeconômica do país, especialmente na região Sul, porque além de povoar áreas nevrálgicas para o império brasileiro, remodelaram-se as relações de trabalho e promoveram a difusão de práticas culturais tanto no campo quanto na cidade. Todavia, boa parte do foco deste trabalho é a imigração do período do pós-Primeira Guerra Mundial, isto é, nos idos de 1920. Estes imigrantes alemães viam nos trópicos uma opção à realidade em que se encontravam, ou seja, uma Alemanha derrotada, com sua política desacreditada e sua economia devastada. Paralelo a isto, os ideais nazifascistas começam a erigir-se em solo europeu (Constante e Godinho 2018, p.1).

⁶⁹ O que no discurso da “guerra racial” aparece como “etnias” horizontalmente opostas em luta, no discurso racista se transforma em “raças” verticais e hierarquicamente relacionadas, onde uma é a parte superior e a outra a inferior. Assim, o discurso da guerra de raças —que na época em que surgiu e começou a funcionar (século XVII) era essencialmente um instrumento de luta pelos campos descentralizados— será recentralizado e se tornará o discurso do poder centralizado e centralizador.

Assim, a partir da consolidação das comunidades teuto brasileiras nos anos 30, o discurso nazista que começava a se popularizar na Europa e passa também aos poucos a atravessar o atlântico e seduzir essas mesmas comunidades que viam “o nacional socialismo” como uma ideologia política sedutora.

Segundo Gertz (2012, p. 9-10), “No Brasil, podemos encontrar, além das comunidades teuto-brasileiras, um número elevado de imigrantes alemães e uma política de governo de forte aproximação com a Alemanha de Hitler encabeçada por Flores da Cunha.” Particularizando para o caso gaúcho, “a fundação efetiva do primeiro núcleo do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no Rio Grande do Sul ocorreu em 1931 na cidade de Porto Alegre”.

Vale destacar que o Partido Integralista também possuía uma força e influência nas regiões sulinas de imigrantes alemães e também italianos e, portanto, segundo Trindade:

Podem-se perceber diversas similaridades entre o nazismo alemão e o integralismo brasileiro, e acreditamos que isso se deva principalmente em função dessas duas ideologias terem debruçando-se sobre o fascismo italiano de Mussolini em diversas de suas concepções iniciais. A principal e mais óbvia delas era a presença de um líder autoritário com muita força, poderíamos, de alguma forma, equiparar a figura do Führer alemão com o Chefe Nacional integralista, cujos estatutos do partido “lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder centralizado, total e permanente” (Trindade, 1974, p. 172).

Neste sentido, o movimento Integralista de Plínio Salgado (AIB), apesar de ser muito vinculado ao fascismo, possuía dentro de si também a simpatia pelas características nazistas. Muitos de seus membros se seduziam pelo discurso de Hitler além do sempre lembrado Mussolini.

4.3.2 Características eurocêntricas no nazismo e integralismo brasileiro

Uma das características do movimento nazista era a necessidade de determinar que apenas alemães ou descendentes destes fossem considerados no partido. Já no movimento mais geral havia a simpatia de outras raças de descendência europeia que viam nos discursos de Hitler como algo que ia de acordo com os pensamentos e aspirações ideológicas.

Era claro, principalmente nas regiões sulinas que havia por aqui, apesar das relações de convívio, de que os descendentes de Europeus, com destaque para os italianos e alemães eram vistos como superiores e racionais, com potencialidades para trabalhar e desenvolver, ao

contrário dos negros, índios e até outras descendências europeias, como os poloneses (esses também sofriam preconceitos) que eram vistos como preguiçosos, sem aptidão para o trabalho, estudo e de certo modo irracionais. Giaretta comenta sobre este detalhe:

Em todos os principais núcleos de colonização polonesa os imigrantes enfrentaram dificuldades de acesso e comunicação, além de serem discriminados pelos administradores das colônias por serem vistos como pouco dados ao trabalho. Nas correspondências dos diretores coloniais ao secretário de Estado das Obras Públicas Terras e Colonização, chama a atenção o comportamento unânime de afirmação da inferioridade do imigrante polonês (Giaretta, 2008, p. 59).

No Rio Grande do Sul, as regiões em que a AIB⁷⁰ teve mais relevância e seguidores foram as de colonização alemã e italiana. Podemos compreender esse crescimento da AIB e sua força nas regiões de colonização alemã como um dos principais efeitos da adaptação do nazismo à realidade brasileira, a qual Dietrich (2016, p. 287- 288) nomeia como “Tropicalização do nazismo”.

A partir dessa análise observa-se a maciça participação das comunidades teuto-brasileiras nas fileiras integralistas justamente por terem sido rejeitadas pelo Partido Nazista alemão, em virtude disto, o integralismo de Salgado parece surgir quase como uma alternativa óbvia para uma luta de extrema direita em território brasileiro.

Os representantes nazistas instalaram-se nas colônias alemãs em várias cidades onde residiam os teutos e, a partir de atividades partidárias, interferiram nas decisões políticas e culturais de suas cidades ou comunidades. O grande objetivo dos partidários nazistas no sul do Brasil era a preservação da identidade étnica dos teutos longe de sua pátria de origem (Luvizzoto 2009, p.80).

Não podendo esquecer do antissemitismo, que apesar de não parecer ser tão relevante como acontecia nos países europeus (como já comentado no capítulo anterior), era propagado pelos líderes destes partidos como forma de replicar o discurso Hitlerista.

Trindade (1974 p. 172) comenta que certas semelhanças com o discurso “nacional socialismo alemão” era muito evidente, a principal e mais óbvia delas era a presença de um líder autoritário com muita força, poderia, de alguma forma, equiparar a figura do "Führer" alemão com o Chefe Nacional integralista, cujos estatutos do partido “lhe atribuem a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder centralizado, total e permanente”.

⁷⁰Ação Integralista Brasileira.

Podemos citar como por exemplo Gustavo Barroso (1888-1959)⁷¹, que foi um dos mais importantes dirigentes da AIB, tinha ascendência germânica e propagava o antissemitismo com mais força do que qualquer outro grande autor integralista. Sobre esse personagem histórico, Natalia da Cruz faz o seguinte comentário:

Este projeto de “melhoria da raça aludido por Barroso fazia parte do processo de branqueamento, que eliminaria a “mestiçagem inferior”, de acordo com suas palavras. Trata-se de um vocabulário próximo ao nazismo, que também tinha projetos de “melhoramento da raça ariana”. À primeira vista, parece que Barroso não se coadunava com o discurso moral e étnico dos demais integralistas. No entanto, a análise de seu pensamento nos revela que seu discurso é pautado por ambiguidades profundas, combinando de um lado propostas claramente racistas, com a defesa de um “espiritualismo cristão” calcado na integração de todas as raças. Nesse sentido, ele também adotava o discurso moral e ético como suporte para a teoria do branqueamento (Cruz, 2004, p. 82).

Observando o trecho acima, percebe-se que a “nazificação” do Integralismo se deu parcialmente em certos detalhes e contextos geográficos, pois, é fato que o movimento em sua abrangência, pregava a valorização de aspectos que representavam o Brasil e suas etnicidades. Louvavam a figura da matriz Tupi e defendiam de maneira contrária aos nazistas a mestiçagem que desenvolveria o brasileiro.

No entanto, algumas características estéticas e políticas vão de encontro com o nazifascismo, como o conservadorismo de direita, o anticomunismo e o antiliberalismo. O grupo liderado por Barroso possui essa tendência ideológica dentro do movimento e que neste caso específico, atrai os grupos étnicos alemães e italianos do sul do país.

Um detalhe interessante era que os alemães de nascimento não eram o principal alvo dos integralistas nas regiões de colonização alemã, e sim os descendentes de alemães que se mostraram muito interessados pelo integralismo, o que instigou o mesmo a preocupar-se bastante em adaptar-se à realidade da região para angariar mais participantes (Dietrich, 2016, p. 289).

Houve assim um processo de “nazificação do integralismo” nas regiões de colonização alemã, pois entendemos que nesse processo de mudança e adaptação ideológica a uma nova realidade política, cultural e social, o principal protagonista foi o integralismo brasileiro que incorporou os elementos próprios do germanismo e compreendeu a situação em que se viam os colonos interessados em lutar por ideais de extrema direita e defender sua identidade cultural, mas se viram excluídos do nazismo propriamente dito.

⁷¹ Além de membro do partido era professor, museólogo, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista.

Segundo Ribas (1943, p. 137), fica bastante claro o apelo ao nacional-socialismo para atrair a atenção e a simpatia dos teuto-brasileiros, mas ao mesmo tempo, não se abandona o nacionalismo e a identidade brasileira, pelo contrário, frisa-se isso, já que “És brasileiro”, venha fazer parte de nosso “nazismo à brasileira” e honre tanto seu passado germânico quanto seu presente tupiniquim (Ribas, 1943, p. 137).

Numa propaganda da AIB aos colonos alemães da região de Santa Catarina convocando estes para integrar as fileiras nazistas ficava evidente apelos com frases chauvinistas como: “Si tu fosses alemão, certamente serias nacional-socialista [...] És brasileiro, inscreve-te, portanto, nas Legiões Integralistas e vem vestir a camisa-verde dos que se batem pelo bem do Brasil” (Ribas, 1943, p. 137).

Algo importante a salientar era que no período chamado Estado Novo (1937-45), como já observado, houve a simpatia de Getúlio Vargas pelo nacional-socialismo. Segundo Luvizzoto:

O governo Vargas demonstrava uma simpatia crescente pelo regime nacional-socialista alemão, despertando interesse e colaboração até mesmo da polícia brasileira que, além de colaborar com a Gestapo, enviou seus homens para serem treinados pela polícia alemã. Durante esse período, foram criados institutos germano-brasileiros de preservação da língua e cultura alemã no País – como em São Paulo e no Rio de Janeiro –, o que demonstrava uma influência dos teutos na vida econômica, social e política nacional (Luvizzoto 2009, p. 80).

Essa harmonia entre teutos e brasileiros, Alemanha e Brasil, não durou muito tempo: a partir de 1938, os ingleses e norte-americanos extremamente preocupados com essa relação abalaram a aliança, chamando atenção dos brasileiros para o “perigo alemão”⁷². Segundo essa hipótese os alemães pretendiam apoderar-se do território brasileiro partindo do Rio Grande do Sul, pois era a região que havia sofrido maior influência dos povos germânicos:

O interesse do Estado alemão em constituir uma pátria-filha no Hemisfério Sul era muito grande. A partir de 1889, a perspectiva da derrubada da monarquia no Brasil levantou a hipótese de que o Brasil poderia se dividir em duas ou mais repúblicas e que essa separação ocorreria a partir dos estados do sul do Brasil. O governo alemão entusiasmou-se com a ideia de que um Estado alemão se organizasse na região do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, ou, pelo menos, que uma nova república formada por esses estados recebesse forte influência do governo alemão (Luvizzoto, 2009, p.77).

O caráter de preservação étnica alemã dos nazistas era a grande arma dos partidários no sul do Brasil. Em nome da perpetuação dos vínculos culturais com a pátria de origem e

⁷² Era o que o grupo nazista de Bernardo imaginava acontecer na cidade de “Boa Vista”.

com o propósito de fortalecer sua identidade étnica, os grupos nazistas no sul do Brasil realizavam encontros, reuniões e exigiam a publicação de seus artigos em jornais e boletins dirigidos aos teuto-brasileiros. Isso acontecia praticamente em todas as localidades onde residiam alemães.

Com a virada política de Getúlio Vargas aos Aliados na II Guerra Mundial o movimento nazista foi diminuindo aos poucos. No entanto, a admiração e apologia ao nazismo e fascismo por muitos imigrantes europeus permaneceram nas terras sulistas.

4.3.3 O movimento Integralista na região norte do Alto Uruguai

No Brasil, durante os anos 20 do século XX, quando a fase da primeira república estava configurada naquele contexto que denominamos de “República Velha” ou “República Café com Leite”, surge um movimento denominado “Tenentismo”, com características militares de baixa patente que possuía insatisfação contra o “*status quo*” político daquele período. Outra característica era de serem de origem de camadas sociais médias com influente contato com a população civil e urbana do país.

Segundo Héglio Trindade (p.7, 1974) naquele período, principalmente no ano chave de 1922, ocorreram acontecimentos que modificaram substancialmente a sociedade brasileira, como a Semana da Arte Moderna, que desencadeia a revolução estética e a fundação do Partido Comunista Brasileiro, levando a uma nova etapa da organização política da classe operária e assim também a primeira etapa da revolução política tenentista, com a rebelião na Fortaleza de Copacabana⁷³.

Nos anos seguintes, esse movimento permanece através de uma série de rebeliões e contestações contra as oligarquias agrárias com o objetivo de desenvolver um novo modelo político. Em uma mescla de liberalismo com autoritarismo, desejavam a modernização baseada na industrialização da nação e, neste sentido, compreendiam que essa base econômica alavancaria também a melhoria social da população.

Após a derrota no levante, o movimento se desmembrou no final em várias tendências ideológicas que influenciaram de maneira determinante os movimentos políticos, como também a formação de partidos e a práxis política nos anos subsequentes. Inicialmente, houve a formação da Coluna Prestes que segundo Cleber de Barros:

⁷³Também chamada de “Revolta dos 18 do Forte”, ocorreu no dia 05 de julho de 1922 e tinha por finalidade derrubar o governo de Artur Bernardes.

O único que teve sucesso foi o levante no Rio Grande do Sul, que aconteceu em outubro de 1924, que foi chefiado pelo Capitão Luís Carlos Prestes. O insucesso em 1924 na cidade de São Paulo, resultou no mais famoso ato do tenentismo – A Coluna Prestes. Os rebeldes de São Paulo derrotados põem-se em retirada militar e vão dirigindo-se para o Oeste do Paraná, onde pretendem sitiar-se e esperar a chegada dos rebeldes do Rio Grande do Sul. Esse encontro acontece em abril de 1925 e após debates dos líderes revolucionários, nasce a Coluna. Esta durará cerca de dois anos e percorrerá aproximadamente 25 mil quilômetros, sem ser derrotada e mantendo viva a chama da revolução. Em 1927, a Coluna se exila na Bolívia e termina a primeira fase do tenentismo (Barros, 2005, p. 3).

Essa fase do tenentismo não mantinha vínculos partidários, atuava de forma independente e procurava ao mesmo tempo conseguir o apoio popular, principalmente das camadas pobres e interioranas da população. Mesmo que Luiz Carlos Prestes futuramente seria um dos grandes líderes comunistas no que toca ao PCdoB e depois ao PCB, naquela fase antes mencionada “sua ideologia não é bem clara e essa é uma característica do movimento tenentista, uma ideologia difusa, elitista e com ideias vagamente liberais” (Barros, 2005, p. 4).

A segunda fase do tenentismo vai de encontro ao movimento que levaria a Revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas e logo após outro desmembramento quando haveria oposição àqueles através da Revolta constitucionalista de 1932⁷⁴.

No entanto, houve uma terceira tendência, na qual serve de importância para o presente estudo. Estes eram os integrantes do movimento tenentista que desenvolveram características político ideológicas mais próximas ao conservadorismo e se aproximando de um viés mais autoritário, que neste caso, levaria muitos deles a apoiarem o integralismo de Plínio Salgado.

Plínio Salgado não participou do movimento tenentista, pelo contrário, durante muito tempo seguiu influenciado pelos setores oligárquicos e era ligado ao PRP (Partido Republicano Paulista), porém, com o tempo houve um distanciamento e sofreu também influências dos movimentos políticos e culturais que surgiram nos anos 20. É o que destaca Trindade:

A formação intelectual e a aprendizagem política de Plínio Salgado se elaboram no contexto da sociedade em transição dos anos 20. Vinculado por tradição política paterna a Velha República, a qual seu pai servira como chefe político local, permanecerá ligado ao Partido Republicano Paulista até 1930. Quando a vitória do movimento revolucionário rompe com o sistema político dominante, Plínio opta por um novo engajamento ideológico sob o impacto da experiência modernista. Sua

⁷⁴ Verta nota 34.

ação até 1930 envolve uma contradição básica: embora engajado num partido político tradicional, participa da vanguarda da revolução estética modernista. O peso do seu passado político leva-o a integrar-se nos grupos oligárquicos tradicionais, embora sua atividade literária o estimule a romper com os padrões vigentes na sociedade. A última tendência predominará quando Salgado, após ter participado de uma tentativa frustrada de renovação do Partido Republicano Paulista, decide tentar uma nova experiência política (Trindade, 1974, p.35).

Assim o Integralismo passa a tomar forma com essas características mais ligadas à extrema direita durante os primeiros anos da década de 30. Inspirando-se no fascismo europeu, portanto, pregava que o poder deveria ser centralizado nas mãos de um governo forte e conservador, o chamado “Estado Integral”, e seria o “Chefe” o responsável pela integração de todas as classes sociais do Brasil (Filho, 2006, p.25).

Era evidente que a figura do “Chefe” estaria centrado em Plínio Salgado do que entre outros idealizadores integralistas como Gustavo Barroso e Miguel Reale (1910-2006)⁷⁵, aquele então , seria o mais reverenciado a assumir o comando do movimento e também um possível governo. Principalmente porque, além de mais ativo, pragmático e com um bom dom de oratória, “a la Mussolini”, foi também Salgado que idealizou, escreveu e lançou o famoso “Manifesto de Outubro” em 27 de outubro de 1932, oficializando a AIB (Ação Integralista Brasileira):

Pretendemos levantar as populações brasileiras, numa união sem precedentes, numa força jamais atingida, numa esperança jamais imaginada. Pretendemos lançar as bases de um sistema educacional para garantia da subsistência da Nação no futuro. Pretendemos insuflar energia aos moços, arrancá-los da descrença, da apatia, do ceticismo, da tristeza em que vivem; ensinar-lhes a lição da coragem, inculcando-lhes a certeza do valor que cada um tem dentro de si, como filho do Brasil e da América. Movimentar as massas populares numa grande afirmação de rejuvenescimento. Sacudir as fibras da Pátria. Erguê-la da sua depressão, do seu desalento, da sua amargura, para que ela caminhe, dando começo à Nova Civilização, que, pela nossa força, pela nossa audácia, pela nossa fé faremos partir do Brasil, incendiar o nosso continente, e influir mesmo no Mundo. Para isso, combateremos os irônicos, os “blasés”, os desiludidos, os descrentes, porque nesta hora juramos não descansar um instante, enquanto não morrermos ou vencermos, porque conosco morrerá ou vencerá uma Pátria (Manifesto de Outubro, 1932)⁷⁶ .

Nota-se neste trecho que características ufanistas, patrióticas e de exaltação às massas são determinantes como imagens do movimento. Além disso, ficará muito claro, semelhante ao fascismo e ao nazismo, que símbolos como o uniforme verde caqui e principalmente o

⁷⁵ Além de integrante do AIB, foi reitor da universidade de São Paulo e Secretário da Justiça no governo de Ademar de Barros. É conhecido principalmente por sua longa atuação na advocacia e na academia, sendo um autor de relevo no campo da filosofia do direito.

⁷⁶ Disponível em: <https://integralismo.org.br/manifesto-de-7-de-outubro-de-1932/>.

símbolo "Anauê" nas bandeiras e no braço direito serão determinantes para que o movimento faça lembrar àqueles já supracitados.

Na questão ideológica, de modo parecido, o discurso anticomunista e antiliberal passa a ser determinante para caracterizar o movimento, como também a famosa frase “Deus, pátria e família”⁷⁷.

Já na metade dos anos 30, os integralistas demonstraram muitas vezes simpatia com Getúlio, negociavam apoio político, principalmente pelo contexto que remetia a perseguição aos comunistas e talvez um possível apoio ao um golpe que os fariam fazer parte importante do poder, devido às semelhanças ideológicas daquele momento. No entanto, no plano democrático, Plínio Salgado era o oficial candidato integralista nas eleições que deveriam ocorrer em 1938

Com o golpe do Estado Novo, Getúlio extinguiu os partidos e agremiações políticas, inclusive a AIB, deixando descontentes os camisas verdes. Pode-se dizer que o auge e o começo do fim do movimento aconteceram com a famosa “Intentona integralista” de 1938 (nome que faz semelhança a oposta Intentona comunista de 1935):

Entre janeiro e março de 1938 vários atos foram desencadeados contra Vargas, mas foi em 11 de maio de 1938, que um grupo de integralistas mais radicais, liderados por Belmiro Valverde, atacaram o Palácio da Guanabara. A revolta foi totalmente reprimida por Vargas. Muitos envolvidos acabaram sendo fuzilados pela polícia. A partir deste momento desencadeou-se ostensiva campanha contra os camisas-verdes, resultando na prisão e exílio das principais lideranças da já extinta AIB (Filho, 2006, p.30).

O que cabe ressaltar é que do ponto de vista geográfico, a AIB, neste intervalo de sua origem até o seu processo de extinção, se espalhou por várias partes do país, e encontrou na Região Sul espaço considerável para espalhar seus inúmeros núcleos. A aproximação ideológica com o nazismo e fascismo, fez com que nas regiões de colonização alemã e italiana acontecesse esse processo de forma próspera.

Ao mesmo tempo, a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o sucesso inicial das "Blitzkriegs" (guerra relâmpago), fez com que muitos apoiadores de Hitler que integravam as fileiras integralistas, se permitissem discutir e exaltar os feitos das potências de eixo lideradas pelos alemães. Na cidade fictícia de Boa Vista, Mársico reduz esses apoiadores em grupo de no máximo algumas pessoas que participam dos diálogos, enquanto nos momentos de exaltação através de comícios e desfiles, subentende-se que o grupo era maior. A bandinha do

⁷⁷Que voltará em moda outras vezes futuramente, como no Golpe de 64 e nos dias atuais.

“Mestre Kraube”, é um exemplo disso. Esses que ensaiavam todos os fins de semana regados a “cerveja e chucrutes”, apoiavam o grupo de Bernardo e ajudavam a aglomerar e aumentar o entusiasmo das manifestações em espaço público.

Já o pequeno seletivo grupo referido sempre estava a se encontrar e discutir política e falar sobre Hitler e Mussolini, e como citado no capítulo anterior, chegavam a discutir quem destes dois era o melhor líder.

A verdade era que os seguidores do personagem Bernardo Lutzman, exaltavam também o movimento da AIB citando referências a Plínio Salgado e os camisas verdes ao mesmo tempo que faziam discursos nazistas, no trecho a seguir o núcleo integralista da cidade estava criado:

O Doutor tanto insistiu que Bernardo acabou fundando o primeiro Núcleo de Ação Integralista ali em Boa Vista, no Vale do Rio Dourado, composto por vários simpatizantes da causa que já empolgava uma grande parte do Brasil e que só não fizera o Presidente Getúlio aderir a saída e oficializá-la porque não era homem de correr atrás da máquina. Ou ia na frente, ou ficava (Mársico, 1986, p.365).

O que pode-se constatar foi que, apesar de Gladstone ter focado muito a ufanía nazista nos personagens de seu livro através de um movimento político em Boa Vista, ele usa como base para esses discursos a formação do núcleo integralista, dando a entender que afinidades ideológicas e políticas aconteciam.

A realidade que observamos quando analisamos a história da cidade de Erechim foi, no entanto, a assimilação mais preponderante dos discursos integralistas de maneira mais explícita do que os discursos nazistas, que no caso eram mais velados e menos abertos.

Deve-se aqui analisar como se desenvolveu realmente o movimento integralista na cidade de Erechim e se houve algum indício mais explícito de um discurso nazista no meio do movimento.

O Integralismo adentra o Norte do Estado primeiramente através de Passo Fundo, não demorando muito para que a cidade de Erechim também começasse a ter seus integrantes, relativamente cedo em relação ao desenvolvimento do movimento no país, ou seja, isso já no início dos anos 30. Segundo Irschlinger:

O verde integralista, que visava projetar estrategicamente sua expansão pelo Rio Grande do Sul, “rastejava” sinuosamente pelos rincões gaúchos e também preparava seu “ninho” no norte do estado. Como podemos observar no que tange à região em estudo, o município de Erechim foi um dos precursores na “descascação” do Sigma no estado, por volta do primeiro semestre de 1933, seguido, em 1934, por Passo Fundo e Carazinho e, posteriormente, por Getúlio Vargas e Lagoa Vermelha (Irschlinger, 2001, p. 71).

Segundo o mesmo, o movimento chegou na região já com grande atividade, infiltrando-se nas disputas eleitorais e, mesmo sem sucesso, nas eleições de deputados estaduais, seguia numa crescente expansão pelo interior do estado, como foi o caso com grande preponderância no norte do estado.

Uma característica dessa invasão é que “a AIB não chegou a preocupar as forças políticas situacionistas tradicionais, contudo deixou-as de sobreaviso, o que iria se intensificar à medida que o Sigma rastejava e “descascava” com maior intensidade no estado, provocando jogos de poder e demonstração de força de seus opositores” (Irschilinger, 2001, p. 62).

Pode-se refletir, que essa era outra característica integralista que imitava a práxis política nazifascista europeu, ou seja, era de praxe em qualquer região onde os núcleos surgiam, uma intensidade e militância política forte e atuante que, apesar de compactuar politicamente em algumas e até muitas ideias com partidos e grupos conservadores regionais tradicionais nos locais onde eram estabelecidos, como exemplo o PRR⁷⁸, e levando muitas vezes as simpatias daqueles, na verdade criavam com o tempo uma “cisão” gradual, através de desfiles, símbolos, uso expressivo de imagens e seus discursos violentos, enfatizando que apesar de ser um novo movimento, eram os verdadeiros detentores e protetores das tradições culturais baseado no tripé “Deus, Pátria e Família”, constantemente segundo eles, atacada pelos partidos e grupos de esquerda.

Porém no caso, do norte gaúcho, o movimento, gerou bastante simpatia pelos grupos conservadores, perdurando por bastante tempo, principalmente em Erechim, por esta cidade ter sido fundada com características positivistas ao molde ideológico de Augusto Comte:

Como vemos, o integralismo passou a ser mais uma opção ao lado das correntes políticas tradicionais no norte gaúcho, tendo sido implantado nos municípios da região em momentos “diferentes” e passando de um movimento “tímido” e inexpressivo em 1934 a um movimento mais organizado em crescente desenvolvimento em 1937. E, mesmo que sua trajetória na região tivesse mostrado turbulências e altos e baixos, manteve-se firme até os primeiros meses do Estado Novo (Irschilinger, 2001, p. 70).

A partir de 1933 e 1934, começaram a se estruturar os núcleos da AIB no norte do Rio Grande do Sul, com destaque para a organização do verde em Erechim e Passo Fundo. Aliás,

⁷⁸ Partido Republicano Riograndense

Erechim pode ser considerado o primeiro dos municípios gaúchos a abrigar o Sigma⁷⁹, havendo até quem diga que esta cidade ostenta o título de “primeira cidade verde” do Rio Grande do Sul. (Irschilinger, 2001, p. 55)

Um exemplo disto, ou seja, dessa força do movimento na cidade de Erechim, foi a saudação de Gustavo Barroso, um dos ideólogos do movimento, quando visitava Porto Alegre e conferia os núcleos existentes no estado. Para Irschilinger, a cidade teria ainda sido condecorada pela AIB nacional com o título de “Cidade Integralista” (2001. p.86).

Em *Cogumelos de Outono*, vemos que o grupo do personagem Bernardo também agia do mesmo modo comentado acima, ou seja, violentos, intransigentes, provocadores, incomodavam constantemente o Delegado Tropeiro de Lesma com suas badernas, som alto com falas do Fuehrer, Duce e Plínio Salgado através de alto falantes ligado ao rádio “Telefunken” mesclados discursos exaltados e brigas em frente ao núcleo fundando bem no centro da cidade, próximo a Igreja Matriz. Aliás nesse último detalhe, se torna evidente quando analisamos a história do movimento na cidade real:

Salientamos ainda que foi esse primeiro núcleo do integralismo no Rio Grande do Sul que estruturou sua sede central no centro da cidade de Erechim, atrás da Igreja Matriz, numa localização estratégica, com o que poderia demonstrar para a população sua presença e desenvoltura (Irschilinger, 2001, p. 88).

Segundo Orlando Miranda Filho (2006, p. 35), que também fez um estudo sobre o movimento na cidade de Erechim chamado “Por Cristo e pela Pátria!”: O integralismo e o PRP no Grande Erechim (1932 -1964)” mais detalhes da sede são mencionados através de uma entrevista encontrada no Centro de Ação Integralista de Porto Alegre com um ex integrante Erechinense denominado Osmar Pedrollo, segundo este “a sede regional da AIB sempre se localizou em Erechim, primeiramente ao lado da Igreja Matriz São José; posteriormente transferiu-se para o clube polonês depois chamado de Rui Barbosa”.

O mesmo entrevistado conta que “na sede eram feitas reuniões a respeito de objetivos políticos ou a reunião doutrinária semanal, bem como outros tipos de eventos prescritos nos estatutos, como a educação cívica e moral que envolvia, homens, mulheres e crianças” (Filho, 2006, p.35).

O uso de um espaço em jornais também era muito usado pelos Integralistas em todo território nacional, principalmente em periódicos que de um jeito direto e indireto sentiam

⁷⁹ O símbolo do sigma possuía uma ideia integral que conecta ciência, tradição religiosa e as próprias estrelas do firmamento e era usado no braço direito pelos membros da AIB da mesma forma que o símbolo nazista era usado pelos membros deste.

simpatia pelo movimento. Os integralistas da fictícia Boa Vista usavam o jornal sensacionalista “O Boavistense” do personagem Mestre Faísca, este que aliás era um dos simpatizantes indiretos do movimento, principalmente quando se encontravam para jogar xadrez e discutir sobre política.

Sabemos já que na cidade de Erechim também existia um jornal com o mesmo nome, e assim, segundo Irschilinger:

Constatamos que, em Erechim, mesmo que em menor frequência em relação à Passo Fundo, os verdes também publicaram notas e artigos na imprensa (representada pelo jornal local e regional O Boavistense, que, mais tarde, passou a se chamar A voz da Serra). (Irschilinger, 2001, p. 87).

Outra semelhança, do mesmo modo que os personagens de Mársico, em Erechim, assim como em outros núcleos pelos país, também havia uma sincronia de manifestações nos momentos em que aconteciam manifestações religiosas católicas pela cidade:

Percebemos também que algumas das bandeiras de propaganda integralista se utilizaram das cerimônias religiosas locais para divulgar a doutrina do movimento. Num exemplo clássico, ao final das missas, promovia-se a distribuição de prospectos da propaganda integralista. Provavelmente, os camisas-verdes participavam das celebrações e, com o consentimento de líderes religiosos, prosseguiram com sua doutrinação (Irschilinger, 2001, 83).

Ao mesmo tempo, após estas cerimônias religiosas, acontecia o momento auge para um integralista, ou seja, quando acontece o famoso desfile pela cidade, com direito a farda verde aqui, a insígnia Sigma no braço direito, bandeiras com o mesmo, tudo em ritmo militar a gritos uníssonos de "Anauê". Do mesmo modo no jornal o Boavistense de Erechim, é estampado em uma das suas páginas o seguinte anúncio:

Passeata Integralista - Realizou-se domingo último, nesta vila, uma passeata dos elementos do Partido Integralista existentes neste município na qual tomaram parte cerca de 150 partidários daquela agremiação nacional. Regular massa de povo assistiu ao desfile dos Integralistas, que se compunham de elementos desta vila e do interior do município, vindos especialmente para aquele fim (Jornal o Boavistense apud Irschilinger, 2001, 87).

Como citado no capítulo anterior, o desfile integralista em *Cogumelos de Outono* acontece também do mesmo jeito, porém, apimentado com a comicidade picaresca de Gladstone. Naquele trecho, descendo a avenida de Boa Vista, foi evidente o conflito com o

Padre Ventura e suas beatas, que durante a procissão, passam mal ao ver o grupo de Bernardo desfilando e a se “estancar na primeira curva da Praça da Bandeira”:

De fato, a melhor oportunidade para isso não poderia ser escolhida do que a procissão de Corpus Christi, embora se matando Frei Ventura de susto e deixando as senhoras do Apostolado da Oração mortas com a profanação ao Santíssimo. Por muito tempo Frei Ventura não soube explicar o que lhe deu tanta calma, tinha que ser a proteção divina! Naquela hora trágica, ele ficou só, firme, agarrado ao Santíssimo, enquanto que Frei Beto e Frei Cândido, julgando-se atingidos por uma saraivada de lanças imaginárias, se atiraram de costas com pálio e tudo, as senhoras do Apostolado da Oração caíram de joelhos em agonia, e o resto da procissão se debandou pela praça (Mársico, 1986, p. 368).

Já o desfile real com maior número de participantes que aconteceu na cidade de Erechim, pelo o que foi pesquisado por Irschilinger realizou-se em 1935 com muita seriedade, ufanismo, organização, juramentos de fidelidade, discursos calcados em Barroso e Salgado e cantos patrióticos, tudo isso na praça central, também assim como no livro de Gladstone, ou seja, a “Praça da Bandeira”:

As marchas e concentrações integralistas demonstravam um aspecto relevante tanto no tocante à propaganda como na utilização do aparato simbólico e ritualístico. Um expressivo exemplo, calcado na demonstração de força, na manutenção dos seus integrantes e na arregimentação de adeptos, foi a concentração dos verdes no município de Erechim, onde, segundo notícias produzidas pelo próprio O Boavistense, desfilaram pelas principais ruas da cidade mais de mil integralista em novembro de 1935 (Irschilinger, 2001, p.113).

Como mencionado anteriormente em Boa Vista, Bernardo e seu grupo não deixavam de comemorar os desfiles e movimento com almoços, jantares e noitadas com muita cerveja.

Segundo o mesmo jornal pesquisado Irschilinger , após o desfile na cidade de Erechim naquele ano, os integrantes do desfile também “não perderam a oportunidade de participar de um churrasco regado a vinho e cerveja numa propriedade próxima a cidade” (O Boavistense apud Irschilinger, 2001, 113).

Outra característica preponderante, assim como o grupo de Bernardo, os integralistas na realidade e em sua maioria, seriam originários das “classes médias”, mais especificamente, do grupo da pequena burguesia (dos pequenos proprietários urbanos, rurais e burocratas do setor público/privado) e das classes populares, havendo um número reduzido pertencente a média burguesia (Irschilinger, 2001, p.75).

Segundo o mesmo autor, etnicamente a população era predominantemente de alemães com também um número considerável de italianos.

E nesse ponto, que se questiona, se houve entre os desfiles de integralistas na região do alto Uruguai, pelo menos algo que manifestasse a simpatia ao nazismo de forma mais sutil ou até mesmo mais explícita, assim como acontecia com os personagens de Mársico no livro.

Encontramos algo novamente através da entrevista que Orlando Miranda Filho reproduz do Senhor Pedrollo encontrada no Centro de Documentação Integralista em Porto Alegre, quando aquele menciona que:

“Os alemães lá eram nazistas mesmo [...] Desfilavam com a cruz suástica, com cornetas [...] Mas eu lembro, era difícil você ir para uma matine que não tivesse um discurso de Hitler, Mussolini ou uma apresentação de alguma parada militar deles.” (Filho, 2006, p. 42),

Orlando ressalta que evidentemente não foram todos os imigrantes alemães que se envolveram com entidades de caráter político, mas consegue provar a coerência do discurso com uma foto encontrada no livro “Aratiba: seu povo, sua saga, sua história” em que aparece uma foto de um desfile com a suástica nazista, no caso, em um povoado pertencente a cidade de Erechim: Na Figura 24 abaixo, é possível observar o desfile de imigrantes alemães portando bandeira nazistas.

Figura 24 - Desfiles de imigrantes alemães portando bandeiras nazistas, Rio Novo, Grande Erechim, ano de 1938.



Fonte: Filho, 2006, p. 42

Ao mesmo tempo, encontramos uma foto (Figura 25) no arquivo histórico de Erechim em que mostra a bandeira da Alemanha nazista colocada em frente ao prédio onde existia o vice-consulado alemão, localizado na avenida Maurício Cardoso nos anos de 1930.

Figura 25 - Prédio do vice-consulado alemão na Av. Maurício Cardoso, década de 30.



Fonte: Arquivo histórico de Erechim

Podemos especular que, como mostra a Figura 25, a bandeira colocada representava a bandeira da Alemanha na época, e talvez não possuísse um sentido ideológico evidente, mas sim a representação daquela nação. No entanto, não deixa de causar impressão do uso da mesma pelos correligionários daquele vice-consulado.

O autor acima acredita que muitos dos arquivos que continham discursos e outras manifestações nazistas foram eliminados após os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, e possui “a consciência da grande dificuldade de obter acesso a esse tipo de material” (Filho 2006, p. 43). Nos deparamos com a mesma problemática, quando percebemos a impossibilidade de encontrar mais algum arquivo que mostre na região do Alto Uruguai uma outra manifestação nazista aberta igual ao que foi citada acima por Orlando⁸⁰.

Neste caso, portanto, dar-se-á enfoque em alguns estudos que demonstraram a simpatia e assimilação de discursos nazistas e fascistas que foram de encontro com os movimentos integralistas que aconteciam pelo Brasil e Rio Grande do Sul, caracterizando nesse sentido o movimento desencadeado pelos personagens no livro de Mársico. Foram encontradas informações nas pesquisas de Natalia dos Reis Cruz na sua tese denominada “O Integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio” pela Universidade Federal Fluminense.

⁸⁰Inicialmente sabia da dificuldade de levantar dados que demonstrassem simpatia pelo nazismo em grupos Erechinenses e da região, porém sempre especulando que houvesse sempre o flerte com a doutrina e, por conta disso, resolvi analisar os grupos de extrema direita em geral.

No entanto, também foi procurado dar um contraponto, ou seja, de analisar este senso comum de que as colônias alemãs e italianas terem sido propícias a movimentos com características nazifascistas é realmente verdadeiro ou existe um certo exagero, tanto pelos discursos populares ou até acadêmicos, como talvez até pelo próprio Gladstone ao criar um grupo que ao mesmo tempo discursava a favor pelo integralismo, fascismo e nazismo. Para isso usamos o texto “Integralismo, nazifascismo e neonazismo no sul do Brasil” de Rene Gertz denominado apresentando a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Segundo Cruz, na década de 30 do século passado, houve um foco intencional na questão racial através de pensadores e teóricos daquele período. Isso se configurou com uma “problemática nacional”. Precisava-se definir se deveríamos valorizar a nossa mestiçagem, ou evidenciar o processo de branqueamento da população.

Na doutrina Integralista, a proposta de reconstrução nacional passa pela resolução do problema das raças, aspecto este pouco focado nos estudos sobre o movimento. É importante analisar de que forma o racismo integralista é construído, os princípios que defende, a relação destes princípios com o projeto de nação em perspectiva e os fatores que condicionam a construção deste racismo específico (Cruz, 2004, p.96).

Como comentado anteriormente, a maioria dos Integralistas, em suas concepções originais, defendiam a ideia de que a “miscigenação racial seria a grande tábua de salvação nacional”. No entanto, segundo a autora:

A forma como o integralismo constrói o seu discurso sobre o problema racial revela uma especificidade do movimento em relação aos demais pensadores do período. Vimos que tais pensadores inserem as suas propostas em uma perspectiva “cientificista” e “racional”, identificando-se com a visão europeia de que o problema racial deve ser pensado do ponto de vista estritamente científico. Assim, definir determinadas raças como inferiores e outras como superiores seria o resultado da análise dos genes e de suas influências sobre o comportamento humano e de grupos (Cruz, 2004, p.97).

Nesse sentido, assim como aconteceu com os movimentos europeus de extrema direita, uma ênfase em pressupostos social-darwinistas⁸¹ foi relevante também para alguns seguidores do movimento aqui no Brasil. Esse encontro complicado e antagônico que mesclava ao mesmo tempo a valorização da mestiçagem brasileira ao mesmo tempo que defendia os aspectos de hierarquização das raças, foi um fator problemático para os integrantes do movimento, gerando divisões.

⁸¹O Darwinismo Social prega uma ideia de hierarquia entre as sociedades. Desse modo, seria possível falar que determinada sociedade é superior a outra. Essa hierarquização estaria associada a uma dinâmica competitiva existente entre os indivíduos.

O integralismo retirou a discussão sobre a questão racial do campo das ciências e da razão, e a transportou para o campo da moral e dos valores, dando-lhe um aspecto humanista. Essa operação ideológica possibilitou ao movimento combinar a defesa de princípios racistas e excludentes com a negação do racismo enquanto parte integrante de seu ideário (Cruz, 2004, p.97).

Portanto, o grupo liderado por Gustavo Barroso, é o que levou mais a sério dentro do movimento, segundo a pesquisadora, “um caso à parte, que se aproximou bastante do discurso dos teóricos racistas brasileiros que tinham uma linguagem abertamente racista”.

Este projeto de “melhoria de raça”, aludido por Barroso fazia parte do processo de branqueamento, que eliminaria a “mestiçagem inferior”, de acordo com suas palavras. Trata-se de um vocabulário próximo ao nazismo, que também tinha projetos de “melhoramento da raça ariana”. À primeira vista, parece que Barroso não se coadunava com o discurso moral e ético dos integralistas. No entanto, a análise de seu pensamento nos revela que seu discurso é pautado em ambiguidades profundas, combinando de um lado por propostas claramente racistas, como citada anteriormente, com a defesa de um “espiritualismo cristão” calcado na integração de todas as raças. Nesse sentido, ele também adotava o discurso moral e ético como suporte para a teoria do branqueamento (Cruz, 2004, p.98).

Talvez seja por isso que Gustavo Barroso, tenha tido na época, uma ótima articulação do movimento dentro dos estados sulinos, principalmente no estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde houve o desenvolvimento de colônias de etnia alemã e italiana. O fato já citado aqui anteriormente de ter saudado e chamado Erechim como “Cidade Integralista” torna evidente esta observação.

Nesse sentido, percebemos que, no caso dos alemães das colônias fundadas, houve uma aproximação da ideologia integralista com germanismo encontrado no Sul do país, criando identificações que relacionavam algumas vezes, o conservadorismo de direita, identidade nacional e nazismo. Segundo Cruz:

Embora o germanismo não fosse necessariamente sinônimo de nazismo, pois nem todos os nazistas os germanistas defendiam o regime nazista e a adesão incondicional ao Estado Alemão, a defesa da germanidade os aproximava do ideal nazista de considerar como parte do povo alemão todos os alemães residentes no estrangeiro (Cruz, 2004, p.134).

Portanto, conclui-se através dos estudos de Natalia dos Santos Cruz, que houve uma certa problemática em que “as relações entre nazistas e integralistas revela-nos que a intolerância e o racismo foram simultaneamente fatores de atração e divisão entre as duas doutrinas” .

Enquanto se identificavam compartilhando inimigos comuns e princípios de exclusão, entravam em conflito por que a intolerância racial/cultural operava de forma distinta em cada uma. Estava em jogo uma questão crucial para as ideologias de direita que advogam a intolerância como princípio norteador em suas relações para com o “outro”: a construção e/ou a preservação da identidade nacional (Cruz, 2004, p.134).

Já René Gertz trabalhou essa problemática inicialmente com Héglio Trindade partindo do senso comum vigente, ou seja, do pressuposto de que havia sim uma ampla relação entre nazistas e integralistas nas colônias alemãs no sul do país:

Tanto ele quanto eu, na época, prevíamos que a variável étnico-cultural seria fundamental para estudar o tema. Em acordo com o senso comum, nossos pressupostos eram mais ou menos os seguintes: as assim chamadas “colônias” seriam habitadas por uma população não assimilada, totalmente “marginal” à sociedade brasileira, em especial do ponto de vista político-cultural, ferrenhamente apegada ao país de origem de muitos deles, ou então de seus antepassados. Por consequência, para o caso das assim chamadas “colônias alemãs”, as populações seriam constituídas de fervorosos adeptos e militantes do nazismo. Uma pressuposta não só influência do nazismo no integralismo, mas até uma provável colaboração e uma possível manipulação direta do primeiro sobre o segundo explicaria uma adesão maciça dos descendentes de alemães, porque, na verdade, para eles não haveria qualquer diferença entre ambos (Gertz, 2012, p.2).

Com o tempo, ele constatou que a AIB teve sem dúvida “uma expansão maior em muitos dos municípios assim chamados “coloniais” (tanto de “alemães” quanto de “italianos”), numa comparação com os demais municípios gaúchos e catarinenses.

Porém, no decorrer do seu estudo, ele percebe que a variante étnica cultural não era um fator confiável para afirmar as relações entre alemães e integralistas, pelo contrário, percebeu várias divergências entre as duas ideologias quando consideramos outras variantes, como por exemplo, aspectos sociais, políticos e religiosos:

Ainda que, obviamente, o nazismo enxergava o integralismo como um irmão, havia várias razões para não dar-lhe apoio expresso e generalizado. Cito apenas duas: 1º) a Alemanha nazista tinha grande interesse em incrementar suas relações econômicas e políticas com o Brasil, e quem o governava, naquele momento, era Getúlio Vargas – não Plínio Salgado –, de forma que era temerário comprometer-se demais com este último; 2º) apesar das cambalhotas retóricas sobre tolerância em relação a todas as etnias e a todas as confissões religiosas, a doutrina e a prática integralistas não conseguiam esconder o fato de que a matriz, o modelo de Estado Integral que seria implantado com uma eventual vitória integralista teria um cunho claramente lusitano e católico – e isso gerava medo tanto entre nazistas “sinceros” quanto entre as tradicionais lideranças étnicas das “colônias alemãs”, os 4 assim chamados “germanistas”. Em resumo: mesmo que não haja registros de graves confrontos expressos entre nazistas e integralistas, e até existam alguns casos inegáveis de colaboração, a cúpula nazista nunca fomentou, de forma clara e incisiva, a

aproximação ao integralismo – a recomendação oficial foi que se mantivessem as aparências, para a eventualidade de a AIB, um dia, chegar ao poder (Gertz, 2012, p.13).

O autor desperta uma certa curiosidade colocando a evidência de que deixando de lado as questões culturais e étnicas, poderíamos observar sim as questões sociais e econômicas dos integrantes da AIB. Nesse sentido ele percebe que por todo o Brasil, integrantes do movimento possuíam um aspecto comum, independentemente de sua origem étnica:

Quando eu deixava de considerar o fator “etnia alemã” ou “cultura alemã”, concentrando-me unicamente em variáveis universais, como, por exemplo, estrutura social local e regional, e tentava vincular determinados estratos sociais à AIB, a coisa funcionava perfeitamente – nem os camponeses de origem alemã mais pobres e pouco “assimilados” das picadas mais distantes nem as elites econômicas e intelectuais urbanas, muitas vezes claramente “germanistas”, aderiam, mas sim estratos médios, em geral bastante indiferentes em relação a sua identidade “alemã”, ávidos por ascender social e politicamente, dentro de seu país, o Brasil. Sim, a massa deles tinha sobrenomes alemães (como a massa do conjunto da população), mas eles eram, de fato, subjetivamente “alemães” em graus muito variados e relativos. Uma dinâmica socioeconômica peculiar nas assim chamadas regiões de colonização, que originara esse tipo de setores médios em proporções maiores que nas regiões tradicionais, explicava, de forma muito satisfatória, a maior densidade da presença integralista (Gertz, 2012, p. 4).

Pela observação dada por ele, conclui-se que as camadas médias urbanas em ascensão econômica e social em cidades pequenas, médias e grandes por todo o país eram mais afeitas em apoiar as tendências políticas dos integralistas, ao mesmo tempo, que estes, procuravam se adaptar e a cooptar a essas camadas médias, que no caso possuíam grande força para voto e manifestação pública.

No caso do sul do país, especificamente, nas camadas médias em ascensão de origem italiana e alemã, era evidente que a AIB soube aproveitar disso flertando sua ideologia com a germanização e conseqüentemente com alemães e italianos que louvavam os regimes nazistas e fascistas e repudiavam ao mesmo tempo o socialismo e o liberalismo. Mesmo que isso causasse conflitos ideológicos às vezes e os discursos fugissem de sua originalidade, valeria a pena que se mantivesse a influência do integralismo para o sucesso do movimento dentro dos estratos médios, ou seja, “o fim justificaria os meios”.

Portanto, baseado nesta hipótese, conclui-se que o movimento integralista teve forte expansão no sul do país, e conseguiu sim cooptar integrantes na região norte do Rio Grande do Sul, criando até um movimento de certa relevância. Para isso, a assimilação da cultura

italiana e germânica, e alguma simpatia pelos regimes fascista e nazista foram usados como fatores de ligação com características políticas parecidas ligadas a alguns aspectos estéticos e discursivos.

No entanto, outro fator, de suma importância foi a condição social dos integrantes do movimento, que pela maioria serem de origem de estratos médios, também se ligaram a AIB, como geralmente acontecia no resto do país, já que as camadas mais pobres estavam influenciadas pelos movimentos operários de esquerda e outras matrizes políticas ideológicas como o trabalhismo Getulista, enquanto as camadas mais abastadas e ligadas ao capital internacional preferiam a política Udenista⁸².

Enfim, quando os personagens nazistas liderados por Bernardo em *Cogumelos de Outono* se manifestam na cidade de Boa Vista, vemos essas mesmas camadas médias em ascensão. Doutor Mayer, Mestre Faísca, o grupo musical do Maestro Kraube, e o próprio Bernardo eram descendentes de alemães mas ao mesmo tempo possuíam a ânsia de se ascenderem socialmente⁸³, se legitimarem e terem destaque na multidão, mesmo que para isso, fizessem alarde, violência, gritos e vexames contra inimigos comuns que, assim como em muitas manifestações da AIB pelo Brasil, se identificavam com Plínio Salgado e Gustavo Barroso ao mesmo tempo que admiravam o Führer e o Duce, usando fardas caquis e bandeiras, estas que no caso, pouco importava, se às vezes estavam sobre o símbolo do Sigma ou a Suástica.

Podemos refletir, portanto, que Gladstone Osório Mársico por fim teve um profundo conhecimento e senso histórico dos grupos étnicos, suas relações sociais e políticas que deram embasamento para escrever *Cogumelos de Outono* como constatamos através deste estudo político-social.

Mas, há também uma curiosidade sobre a obra em si. Qual a realidade que o escritor passou nos momentos que escreveu o livro? Com quem ele conversou? Quais foram suas expectativas de lançamento? E por fim, qual o veredicto dado pela Imprensa e leitores após a obra estar nas livrarias? É a busca destas respostas que buscaremos no último capítulo deste trabalho, dando um ponto final ao estudo.

⁸² Seguidores da UDN (União democrática nacional) possuidora de uma política que mesclava conservadorismo com liberalismo e um dos grandes opositores do trabalhismo varguista.

⁸³ Como o personagem Bernardo, que queria subir na carreira e ter destaque na sociedade de qualquer forma ou meio que pudesse.

5 OUTRAS CONEXÕES: BASTIDORES E IMPACTOS REAIS NA IMPRENSA POR COGUMELOS DE OUTONO

“Olhou pela última vez aquele Vale que ele tanto amava e disse adeus”. G.O.M

Chega um momento em que um artista ou escritor, como nesse caso, se depara com suas próprias realidades. Anos depois, nos encontramos com aquelas realidades e nos imaginamos dentro delas.

Através das pesquisas no arquivo histórico municipal Juarez Miguel Illa Font da cidade de Erechim como também na biblioteca municipal Gladstone Osório Mársico, foi possível coletar informações sobre a vida e obra desse autor, através de um acervo desenvolvido a alguns anos atrás, , pela escritora professora Vera Beatriz Sass.

O acervo possui desde exposição de objetos do escritor, como sua mesa, cadeira, máquina de escrever, telefone entre outros objetos, como também riquíssimos documentos biográficos, suas profissões e ações na sociedade e no cotidiano, como também cartas particulares e publicações em jornais e revistas noticiando e comentando os lançamentos de seus livros⁸⁴.

Estes dois últimos itens mencionados se tornaram objeto de estudo deste trabalho para detalhar como Mársico se envolveu no processo de escrita, através de suas expectativas sobre o livro com pessoas no qual ele possuía contato, como também as reações na imprensa da época em relação ao lançamento e natureza da obra.

O objetivo deste capítulo é mostrar um lado paralelo ao objeto de estudo, ou seja, um enfoque não mais ao seu conteúdo, mas sim a sua externalidade, como também as relações que o autor de *Cogumelos de Outono* teve com seu meio através de espaços temporais de passado, presente e futuro⁸⁵.

⁸⁴ Ver anexos.

⁸⁵ Por isso o uso do termo “bastidores”, como se quiséssemos entrar na preparação, ensaio, assistir ao show e após a apresentação entrar no camarim, conversar com o autor e no dia seguinte ler os jornais para observar o impacto de sua arte na mídia.

5.1 IMPRENSA

No dia 06 de janeiro de 1972, em umas das páginas relacionadas a cultura e arte, em um trecho do jornal titulado como “novidades”, o Correio do Povo de Porto Alegre noticiava a seguinte notícia:

A editora Movimento que marcou sua presença de maneira altamente expressiva no movimento editorial de 1971 - vários de seus lançamentos estão sendo apontados, no Rio de Janeiro, entre os mais significativos nos últimos doze meses - começa o novo ano lançando seu primeiro romance. Trata-se de “Cogumelos de Outono”, de Gladstone O. Mársico, incluindo na coleção “Rio Grande”, volume 8 (Correio do povo, 06/01//1972).

Era, portanto, a primeira menção ao livro naquele ano de 1972. Junto do trecho, havia detalhes gerais do livro, como quantidade de páginas, características literárias e também uma foto do exemplar. A notícia, além de mencionar obras já escritas até então pelo autor, como “Minha morte e outras vidas” e “Gatos à paisana”, seguia dizendo, de forma positiva, a aceitação do livro por parte da crítica especializada, como também um comentário sobre sua temática original:

O romance, sobretudo, teve boa aceitação, principalmente de parte de setores da crítica especializada, que a ele se referiu de maneira elogiosa, apontando o autor como uma autêntica vocação de romancista. Decorridos dez anos, Gladstone O. Mársico volta com um romance cuja temática ainda não foi explorada em profundidade por outros escritores: a influência do nazi-fascismo no interior do Rio Grande do Sul. “Cogumelos de Outono” pretende, portanto, ser o primeiro estudo sociológico, ao nível da ficção, a considerar aquela influência alienígena nas zonas coloniais de nosso Estado (Correio do povo, 06/01/1972).

O texto era finalizado colocando detalhes sobre a trama do livro e de seus personagens, como também a característica de ser um livro recheado de fatos históricos e figuras públicas reconhecidas como Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. No final anunciava sua venda nas livrarias de Porto Alegre e outras cidades do Estado.

No Jornal “Folha da Manhã”, também de propriedade do grupo Caldas Junior, mais enxuta e com uma forma de escrita mais popular com a intenção de atingir camadas mais jovens da população, também noticiava naquele mesmo dia o lançamento da obra, com características parecidas de texto, no entanto, com o detalhe de mencionar que o autor da obra ajudou a financiar o lançamento daquele livro caro de mais de 700 páginas.

Já os primeiros comentários mais aprofundados sobre o livro, no *Correio do Povo*, são citados através de uma crônica literária de um jornalista chamado Aldo Albino em 25 de janeiro de 1972.

Na mesma crônica, o colunista comenta principalmente sobre as novas gerações de escritores da época e compara “Cogumelos de Outono” com obras de escritores célebres como “Vidas Secas” de Graciliano Ramos e também “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna. O motivo de comparação é de todas estas obras usarem animais como personagens, assim como a obra de Mársico usa o personagem canino “Epaminondas”.

Outra justificativa pela comparação com essas obras é o fato de o autor ter usado do regionalismo como também menções étnicas brasileiras. Ele faz isso mencionando também “O tempo e o Vento” de Érico Veríssimo:

Mais que um estudo sociológico no sentido próprio e literal é um quadro social e literário da vida contemporânea no ciclo de ontem numa prismagem crítica e de humorismo cáustico do viver no interior rio-grandense na área da imigração fluindo sobre pessoas, usos e costumes no embate religioso, político e do sexo através da coexistência entre o ítalo, o teuto, o luso outras incidências (Albino, *Correio do Povo*, 25/01/1972).

Em fevereiro daquele mesmo ano, o *Correio do Povo* voltou a mencionar *Cogumelos de Outono* em uma coluna central, com o título “Humor por atacado”. Neste texto, comenta-se sobre a ligação da obra com a terra onde vivia o escritor, ao mesmo tempo que fazia-se o seguinte comentário sobre a região: “beneficiando-se de imigração variada e intensa, e da abertura da ligação ferroviária com São Paulo, a jovem colônia explodiu, atingindo em 50 anos, um alto padrão de desenvolvimento” (*Correio do Povo*, 04/02/1972).

Essa ligação sobre o desenvolvimento da colônia com suas etnias é a justificativa do trecho para citar a obra em questão, como também, as virtudes do escritor:

Pois foi o passado ainda borbulhante de sua terra natal que inspirou a extraordinária veia humorística de Gladstone Osório Mársico ao escrever seu romance “Cogumelos de Outono”, um verdadeiro tijolo de 733 páginas, que assegura leitura recreativa para um veraneio completo. Em humor por atacado (*Correio do Povo*, 04/02/1972).

Em março do mesmo ano, através do colunista Sergio Tochetto, da *Folha da Tarde*, mencionava-se a popularidade da obra, noticiando já havia uma expressiva quantidade de livros vendidos, com o detalhe de comentar mais uma vez o financiamento da obra pelo autor como também o preço do exemplar:

“Cogumelos de Outono” de Gladstone Osório Mársico está em primeiro lugar entre os dez livros mais vendidos da semana. A edição praticamente esgotada, foi inteiramente financiada pelo autor (vinte e três mil cruzeiros). O preço é “brabo” Cr\$30,00, mas mesmo assim, só no interior do Estado o volume vendeu mais de mil exemplares. (Tochetto, Folha da Tarde, 18/03/1972).

Começa a se perceber a partir de então, uma série de artigos nos jornais do grupo Caldas Júnior, detalhando e comentando mais profundamente a obra, muitos desses comentários eram colocados no famoso “Caderno de Sábado” do Correio do Povo, parte do jornal voltado para a cultura, arte e literatura.

Destaca-se um artigo deste caderno, escrito pelo colunista Mário Araz Peres, com o título “Um cão chamado Epaminondas”, uma página inteira com enormes quatro colunas com direito a uma citação de Augusto dos Anjos em negrito após o título: “Cão! Alma de inferior, rapsodo errante resigna-a, ampara-a, arrima-a, afaga-a, acode-a a escola dos latidos ancestrais...”

Um romance em que o autor faz da ficção veículo de recriação do real para perpetuar a crônica dos dias tumultuados do nosso passado, quando na zona colonial do RGS se produziu o confronto de duas situações políticas extremamente divergentes, no antagonismo do totalitarismo nazifascista com a nossa incipiente democracia, numa tentativa de realização de ensaio histórico.

Registro, na remanipulação das circunstâncias, das ocorrências reais, reproduzindo cenários e situações possíveis, em uma época em que os acontecimentos perturbadores da Europa aqui projetavam os ecos do grande conflito ideológico do século. Nossa população nativa, acostumada apenas aos moldes de uma política tradicional, comandada por caudilhos, por baixo de cujas atitudes não se distinguia melhor conteúdo ideológico, salvo aqueles ressaibos positivistas da cúpula governista, que de longe em longe tingiam de sangue as coxilhas rio-grandenses nas suas tropelias, era colhida pela surpresa das adesões ideológicas dos emigrantes ao conflito em evolução do outro lado do Atlântico. (Peres, Correio do Povo 13/05/1972).

Percebe-se que o artigo dá importância a análise política da trama, e foi desenvolvido de uma maneira mais detalhada do que as outras menções anteriores, possuindo também uma crítica positiva e negativa sobre o livro, ao mesmo tempo que traça o perfil psicológico do escritor comparando com a realidade daquele período.

Este relativo sucesso e maior importância dos jornalistas de Porto Alegre em comentar o livro, talvez possa ter explicação em uma publicação ainda mais relevante que aconteceu entre esse meio tempo, no caso, uma revista de circulação nacional.

Isso aconteceu na revista *Veja*⁸⁶ de 05 de Abril de 1972. A edição tinha como capa uma imagem do busto do ex-presidente Castelo Branco e junto com seu nome a frase: “As revelações dos arquivos de um revolucionário”.

No entanto é na página 88, na seção “literatura”, que aparece uma crônica literária de uma página com o título “À espera do Führer”, junto com a foto de Gladstone e informações sobre a edição, editora e preço.

O texto inicia-se falando o motivo real do escritor ter decidido escrever o livro. O propósito seria uma espécie de terapia após aconselhamento de seu psicanalista que para nossa surpresa, era irmão do Ministro da Agricultura da época:

Na fossa, o advogado mais importante da cidade gaúcha de Erechim, Gladstone Osório Mársico, estava, nas suas próprias palavras, “com a bússola desgovernada”. Meia hora de papo com o irmão do ministro da Agricultura, Carlos Roberto de Cirne de Lima (ex-jesuíta, psicólogo e professor de filosofia cassado na Universidade do Rio Grande do Sul), bastou para tirá-lo do divã de Freud para a escrivania atulhada de autos e processo. “Você não tem nada”, acalmou-o o Cirne Lima, “seu mal é orgânico, vá tratar dessa insuficiência renal com um médico comum”. Gladstone foi então escrever. Pelo visto o médico excedeu-se na dose de hormônios aplicados no candidato a escritor e frustrado pela vida intelectual acanhada de Erechim (30.000 habitantes). Seu último livro, “Cogumelos de Outono”, poderia ser bem mais curto que ainda teria adrenalina literária suficiente para classificá-lo como melhor talento satírico da nova literatura brasileira. (Veja, 05 de Abril de 1972, p.88).

Depois dessa introdução o artigo divide-se em três subtítulos, o primeiro “Eixo no Sul”, no qual comenta-se sobre a trama histórica e dá destaque sobre a obviedade da obra ser inspirada na cidade de “Boa Vista do Erechim”, como também a citação do Epitáfio que dá início a ficção: “Aqui jaz o meu cachorro Epaminondas, assassinado pelo nazista “Bernardo Lutzmann”. Descreve a originalidade de discutir as etnias no norte do Rio Grande do Sul mesclado com o destaque de dar importância à política e à história.

Já o segundo subtítulo “Verbosidade”, entra numa severa crítica contra a obra, destacando seu excesso de páginas e a afirmação de que o autor “ainda não tem um estilo próprio e talvez ignore que seu talento verdadeiro é para a comédia ou que o seu livro precisa de um emagrecimento radical”.

No entanto, o cronista da revista “relewa” as críticas no subtítulo “Advertências”, em que explica que esses erros “são falhas desculpáveis num escritor que escreve longe dos

⁸⁶*Veja* é uma revista de distribuição semanal brasileira publicada pela Editora Abril. Criada em 1968 pelo jornalista Roberto Civita, a revista trata de temas variados de abrangência nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas, e culturais.

grandes centros urbanos, entre uma presença no júri e um processo cível elaborado longamente”.

O final do artigo, apesar de alguns elogios, ainda termina pesado, criticando a falta de profissionalismo do autor e além disso aconselhando Mársico a desenvolver uma melhor escrita, devendo-se para isso inspirar-se em outro escritor citado pela revista:

Mas se Gladstone Mársico, atualmente com 44 anos, quiser escrever além da necessidade que confessa “de reagir contra a estagnação do ambiente” é indispensável que seu imenso talento humorístico leve em conta a advertência de um escritor não incluído entre os seus favoritos: “a alma da graça é a brevidade”, dizia ao príncipe Hamlet o sagaz Polonius, quando Shakespeare punha um pouco de método em tanta loucura (Veja, 05 de Abril de 1972, p. 88).

Pode-se dizer que esta edição da revista *Veja* gerou efeitos contrários ao sucesso de “Cogumelos de Outono”, pois ao mesmo tempo que possibilitou um destaque numa revista de circulação nacional, tendo mais visualizações, ao mesmo tempo criticou a obra gerando certo desânimo.

Portanto, percebe-se que a obra teve um certo sucesso de vendas inicialmente, graças ao entusiasmo do grupo jornalístico porto-alegrense detentores do *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*, que insistiram em comentar sobre o livro, destacando principalmente suas qualidades, de modo diferente da revista *Veja*, que preferiu focar mais seus defeitos.

Já no segundo semestre daquele ano, apesar de ter vendido até uma boa quantidade de exemplares, a obra começa a entrar em uma espécie de “Limbo literário”, e Gladstone volta a ser oculto nos veículos da imprensa gaúcha e nacional, voltando a ter destaque somente dois anos depois em 1974, quando do lançamento de seu próximo livro “Cágada” (este sim mais curto e segundo as críticas, melhor desenvolvido).

5.2 CARTAS

O segundo objeto de análise, referente ao aspecto documental de estudo sobre o livro, foram as correspondências pessoais que Gladstone teve com inúmeras pessoas onde se mencionava sobre “Cogumelos de Outono”. Suas expectativas, ansiedades, comemorações como também frustrações e conformações são percebidas nestas cartas que eram escritas todas no mesmo padrão, ou seja, através da máquina de escrever, com assinatura e número do telefone do emissor abaixo.

Salienta-se que foram obtidas apenas as cartas emitidas e não foram encontradas nos arquivos cartas de respostas recebidas pelo escritor, portanto, as análises serão feitas somente através das correspondências enviadas.

Neste contexto, serão demonstrados trechos desses documentos em três momentos, ou seja, antes, durante e depois do lançamento da obra.

No dia 15 de outubro de 1969, a obra estava em pleno processo de desenvolvimento. Dentro do livro, como já mencionado, havia um personagem japonês, chamado Takamori, que era dono do Hotel Internacional e além disso cultivava Cogumelos pelo Vale do Rio Dourado.

Este personagem se torna excêntrico e diferencial em relação aos outros da obra, já que não há indícios oficiais de imigração japonesa na cidade em que o livro foi inspirado, muito menos uma plantação de cogumelos na região.

No entanto, chama a atenção, a carta que o escritor escreve para o Cônsul Japonês residente em Porto Alegre, pedindo conselhos e esclarecimentos para criar o personagem:

Senhor Consul:

Estando a escrever um livro sobre a minha região (Erechim), e aparecendo no mesmo um personagem japonês, cultivador de cogumelos, solicito a especial gentileza de V. Exa. de me informar como se chamaria ou se escreveria na linguagem japonesa as seguintes palavras: “manjar dos deuses” e “cogumelos”. O referido personagem japonês, pretendendo civilizar o ocidente, cria um prato com cogumelos a que dá o nome de “manjar dos deuses”. Assim, na história, precisaria encontrar o nome desse prato em japonês, aportuguesando-o (Carta de Mársico, 15/10/69).

Não se sabe ao certo se Mársico obteve a resposta desejada, porém, especula-se que não teve sucesso, pois o referido “prato”, que ele dará o nome de “Takamelo” não foi encontrado em nenhuma fonte de pesquisa atual, sendo assim, o autor teve que usar da criatividade.

Naquele momento deveria estar usando essa mesma imaginação para criar os personagens do livro, ao mesmo tempo que fazia observação da cidade em que vivia, algo que é mencionado no início da carta, “Estando a escrever um livro sobre a minha região”.

Os outros personagens são caricaturas mais próximas da realidade da cidade de Erechim, pois são figuras étnicas que lembram Alemães, Italianos, “bugres” e “mulatos”, como é o caso da figura do Tropeiros de Lesma e também de Maroca. O japonês Takamori dá uma quebra nessa linha de pensamento e cria uma polarização, já que os personagens que convivem com ele se negam a experimentar o prato tão propagandeado pelo mesmo, inclusive o próprio Getúlio Vargas ao visitar a cidade.

No dia 08 de Novembro de 1971, faltava pouco para o lançamento da obra pela Editora Movimento⁸⁷.

Em uma carta endereçada a um tal de Dr. Ajadil, o escritor remete e procura informações sobre questões jurídicas comuns envolvendo empresas da região, lembrando que ao mesmo tempo que escrevia e tinha outras funções, seu ofício principal era de advogado.

No final da carta há uma observação sobre o lançamento do livro, preços e valores:

p.s: vá economizando uns Cr\$ 30,00 para comprar os “Cogumelos”. Avisarei a data da “largada”. Dra. Zélia, idem. Preciso vender o livro para salvar o custo da edição que atingirá a casa dos Cr\$ 25.000, 00!. Minha esperança é que tenho bons pacientes amigos... (Carta de Mársico, 08/11/1971).

Neste trecho percebe-se sua ansiedade com o lançamento da obra, ao mesmo tempo em que sentia angústia em relação ao valor gasto por ele próprio para financiar o livro. É evidente como os escritores da época, assim como hoje, tinham dificuldades para publicar suas obras, principalmente os que ainda não tinham nenhuma fama.

Esse dilema é reforçado pelo escritor em uma carta endereçada para o mesmo Dr. Ajadil, dias antes do lançamento da obra, em 04 de janeiro de 1972:

Cogumelos de Outono: será lançado o livro dia 07/01 em todas as livrarias da cidade. Não lhe envio um exemplar porquê a edição não é minha e, sim, da Movimento. Eles me farão uma lista de pessoas que deverão receber o livro, grátis (jornalistas, críticos etc. e eu darei autógrafos. Os demais, terão de adquiri-lo.... É um bom golpe não? O autor receberá apenas seis exemplares para a sua coleção e arquivo. Mas o que preciso mesmo é que os amigos adquiram a obra para ver se consigo desencalhar a edição. É uma forma coativa de conseguir público.... Portanto, ao passar pela livraria da Globo (onde certamente será exposto), não se esqueça de fazer a propaganda do Autor.... Depois, acertaremos as contas... (Carta de Mársico 04/01/1972).

O desejo de ver a obra ser vendida a ponto de pensar em uma segunda edição é o que gerava expectativa no escritor.

Finalmente a obra seria lançada, um dia antes do que ele mesmo esperava, e ao mesmo tempo sai o anúncio no Jornal Correio do Povo e Folha da Tarde, como mencionado acima. Satisfeito felicidade alegre, Gladstone remeteria um telegrama a um dos diretores do Grupo Caldas Júnior:

⁸⁷A Editora Movimento é uma editora brasileira, fundada em 1972 por Carlos Jorge Appel, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Dr. Breno Caldas
 Correio do Povo
 Porto Alegre

Momento Correio do Povo publica reportagem minha modesta pessoa lançamento novo livro tamanho destaque gentileza brilhante jornalista Ivo Egon Stigger **vg** sinto inclinável dever extensão meus agradecimentos sua admirável e respeitável pessoa qualidade diretor prestigioso órgão **vg** símbolo cultura **vg** independência e liberdade expressão nosso querido Rio Grande **PT** saudações **vg** Gladstone Mársico **PT** (Mársico, sem data encontrada).

Após as comemorações pelo lançamento, partir de então o escritor começaria a querer perceber qual a reação dos leitores pelo livro e suas cartas passariam a ter um ar de indagação, como está direcionada mais uma vez ao Dr. Ajadil:

Estou ansioso para saber sua opinião. Recomendo, apenas, um pouco de compaixão com o escriba. Não foi fácil escrever o livro no meio dessa balburdia profissional (Carta de Mársico, 14/01/72).

Nesta outra, endereçada a Santa Maria para um Coronel chamado Getúlio M. Zanchi ele comenta sobre a venda dos livros além da região de Porto Alegre:

Com referência ao meu livro Cogumelos de Outono, já me comuniquei com a editora em P. Alegre, e vão (ela e o distribuidor) tomar as necessárias providências para que ele chegue em Santa Maria o mais breve possível. E que a Globo, como livraria, recebeu diversos exemplares e os vendeu todos em P. Alegre. Agora, vai abastecer as suas filiais no interior. Espero que o amigo leia o livro e depois me de sua impressão. (Carta de Mársico, 10/02/72).

Em Erechim, dias depois o escritor responde para a senhora Ana Einseberg, moradora da cidade:

Recebi sua carta de 6 de fevereiro e somente agora a respondo por estar ausente de Erechim, em férias. Fiquei muito sensibilizado com a sua lembrança e o interesse de conhecer o livro Cogumelos de Outono. Como não possuo exemplares em estoque e, sim, nas livrarias, solicitei ao meu amigo Enaudy Troglia - dono da livraria ABC - para que lhe faturasse um exemplar que vai devidamente autografado. Assim, deverá a senhora fazer-lhe a remessa de Cr\$ 30,00 , que é o preço da venda do livro. A edição foi vendida à Editora Movimento, que é a titular dos exemplares. Fazendo votos que a senhora goste do livro e que, depois, me envie as suas valiosas impressões, aqui fico, como sempre, amigo e admirador (Carta de Mársico, 02/03/72).

Em 13 de Março, para um amigo chamado de Jorge Moreira que segundo a carta, também tinha o hábito da escrita, Gladstone usa de seu próprio humor satírico ao presenteá-lo com um dos exemplares:

E a literatura? Algum livro preparado? Vai em anexo um “livraço” que andei escrevinhando nas horas vagas... Não precisa ler. Envio o volume apenas para que você o use como arma de defesa. É um livro de peso (Mársico 13/03/72).

Nota-se que a crítica comentada nos jornais e na revista *Veja* mencionando o tamanho “desproporcional” do livro é assimilada por Gladstone, no entanto ele serve da mesma crítica, de um jeito bem-humorado, como forma de resposta.

Nesse sentido, percebe-se que o escritor, após alguns meses de euforia, começa a sentir um certo desânimo e conformação de que seu livro, apesar de ter tido inicialmente uma boa venda, acaba não tendo uma popularidade que talvez ele imaginasse.

O que se encontra depois, já dois anos após o lançamento, foi primeiramente uma preocupação com os valores recebidos pela editora Movimento, já que o autor financiou do próprio bolso a produção da edição.

Tendo em vista que uns 500 exemplares foram distribuídos, o que multiplicado pelo preço de capa vai dar Cr\$ 17.500, 00!, creio melhor dividir o assunto. Recebe os 10% dos direitos autorais e mais dez por cento das vendas (393 exemplares de janeiro a dezembro de 73 e 83 exemplares de janeiro a junho 1974). Receberás, portanto 20%. Isto dá um total de Cr\$ 2.856, 00 (Editora Movimento, 22/07/1974).

Este trecho é uma carta remetida pela própria editora, do ano de 1974, em que o escritor é informado de valores que deveria receber referente a vendas posteriores. Nota-se, portanto, que Gladstone não teve muitos lucros em relação aos livros vendidos, limitando-se apenas ao abatimento do que teria gastado na época do seu desenvolvimento e lançamento.

5.3 AUTOCRÍTICAS, APRENDIZAGEM E, ENFIM, UM NOVO LIVRO

Já se passaram dois anos da euforia meteórica de *Cogumelos de Outono* para as relações de Gladstone Osório Mársico e seu meio. Nesse meio tempo, o autor passou por vários momentos de expectativas, entusiasmos, comemorações, desânimos e resignações em

relação a sua obra prima. Já seria o momento, como qualquer escritor, de criar o desapego de seu livro e deixar que ele se perpetuasse para a história como deveras teria que ser.

No entanto, estava para nascer uma nova obra, que assim como “Cogumelos de Outono”, teria uma certa popularidade no ambiente regional gaúcho. Não vem ao caso comentar mais detalhadamente sobre essa nova obra em questão, mas “Cágada” foi lançada no ano de 1974 e tem como síntese da história um viés parecido. Dessa vez a trama, também de estilo picaresco satírico, se idealiza através da história do município de Quatro Irmãos, e tem como assunto principal o processo de colonização judaica que acontece na localidade. Já quando lançada a obra, em sua primeira orelha, o autor alerta ao leitor:

Quando escrevi Cogumelos de Outono, livro imenso, mais de setecentas páginas, quase me desmontei. Foram cinco anos de fins de semana, feriados e férias a construir o que pode ser considerado um livro de peso. Resolvi, então, fazer um relax. E surgiu Cágada - livro diferente, mais descontraído, escrito praticamente ao correr da pena ou ao bater da máquina (Mársico, Cágada, 2006).

É nesse momento de “relax”, que se encontra nas cartas de Gladstone, o entusiasmo com o seu novo livro, ao mesmo tempo que se percebe um paralelo comparativo das duas obras, como se os erros de uma servissem para construir acertos na outra.

Ao Jornalista Aldo Albino, Correio do Povo, Porto Alegre:
Surpreso rapidez leitura e critério altamente significativo para mim sua crítica vg venho expressar meus agradecimentos inserção sua prestigiosa coluna pt Livro anterior tive privilégio receber prezado amigo primeira crítica incentivadora que fez Cogumelos florescer rapidamente pt. Agora fato se repete transmitindo esperança Cágada sumirá velozmente contrariando simbolismo título pt Grande abraço vg Gladstone Mársico pt. (Carta de Mársico, 1974).

Em uma carta à Hélio Pólvora, do Jornal do Brasil do Distrito Federal, naqueles mesmo ano, ele promete o envio de “Cágada” enquanto agradece as críticas feitas em certo momento ao “tijolo” que foi “Cogumelos”, prometendo que sua mais nova obra possui características mais modestas:

Daí, porque, com a maior cara de pau do mundo, tive a ousadia de enviar-lhe, antes, aquele tijolo de Cogumelos de Outono e, agora, Cágada, bem menor, mais sucinto. Vibrei e ainda estou igual a uma jibóia, lendo e relendo o que foi escrito. Será que sou eu mesmo? Pergunto. Puxa, então agradei ao mestre (Carta de Mársico, 1974).

Nota-se que ao mesmo tempo em que se entusiasma com o lançamento de “Cágada”, o autor ainda possui certo conflito passado com “Cogumelos”, como um antigo relacionamento, que ainda se mantém na memória e precisa ser resolvido.

Supondo que esse conflito e mal estar com o livro teria solução com uma nova edição, onde algumas correções seriam feitas. Muitas de suas correspondências mencionam essa expectativa, como esta carta à Ernani:

Na 2ª edição de Cogumelos, revista e prevista para o próximo ano, a Appel vai querer publicar como apresentação aquele teu trabalho que o Jornal (Caderno de Sábado) não pôde acolher por “falta de espaço”. Avisarei com antecedência razoável. O livro terá a ilustração do Marcus Vinícius. Estou chuteando que tal aconteça, pois houve muitos erros de revisão no Cogumelos e alguns cortes poderei ajeitar (Carta de Mársico, 05/12/74).

No entanto, é em uma carta para o jornalista do Correio do Povo Antônio Hohlfeldt, já em meados de 1975 que Gladstone se aprofunda na análise e comparação entre os dois livros, porém, no detalhe, ele comenta e afirma que “Cogumelos de Outono” foi superior a “Cágada”:

O objetivo é agradecer-te a crítica no Caderno de Sábado. Acho que tens uma boa dose de razão e que me salvaste pelo congo. Tentei em Cágada corrigir o defeito de Cogumelos. O defeito - afora outros, segundo a crítica - seria o tamanho, a narrativa extensa, etc. Disseram-me que havia esbanjado papel.... Reduzi, então, o que deu. Saiu um livro mais enxuto. Usei, também, de certo simbolismo. Ignoro se consegui o objetivo da mensagem. Hélio Pólvora achou o livro coerente, menos mal.... Mas reconheço que o livro é inferior ao Cogumelos. Naquele dei tudo. E foram quase seis anos de sábados, domingos, feriados e férias. Foi angustiante escrever a prestações (Carta de Mársico, 05/08/75).

Nesta carta “desabafo”, percebe-se o quanto o escritor tinha uma admiração e carinho pela obra “Cogumelos”. “Cágada” seria mais aceita pelo público jornalístico e literário e teria, talvez pelo seu tamanho, um sucesso de vendas maior. As duas obras seriam o auge do lado artístico de Gladstone.

A partir de então, o escritor começaria a trabalhar em sua última obra, "Forúnculo", que tem como pano de fundo histórias fictícias relacionadas aos anos de convívio no meio jurídico, ou seja, mais uma vez fazendo paralelos entre a ficção e a realidade.

No entanto, esta última obra ficaria inacabada, devido ao falecimento do escritor em 1976. A Editora Movimento, revisou a obra que foi lançada no ano de 1994, como cita Carlos Jorge Appel em seu prefácio:

Sábados pela manhã, entre 10 e 12 horas. Mársico vinha à Editora Movimento para mostrar novos capítulos do que estava escrevendo ou falar dos seus projetos literários. Mostrava-se cético, por vezes desiludido, com seu trabalho.... Preocupava-se com a estrutura, com detalhes que indicavam um escritor consciente do seu ofício, perfeccionista, era capaz de reescrever várias vezes um capítulo. Em meio à feitura do romance, morreu. Deixou Forúnculo incompleto que, por insistências dos filhos e dos amigos, toma forma de livro (Appel prefácio em Mársico, 1994, p.10).

Uma nova edição de Cogumelos de Outono enfim seria lançada no ano de 1976, e uma segunda edição revista em 1986⁸⁸.

5.4 O MESTRE

Enfim, o trabalho de pesquisa documental proporcionou uma visão paralela sobre a obra “Cogumelos de Outono”. É como se adentrássemos aos bastidores de uma novela, um teatro ou um filme, em que conversamos com o diretor, os personagens, as sensações e expectativas que se espera antes, durante e depois de um ato ou apresentação.

Entre todas essas cartas e notícias de jornais, chamou a atenção uma carta de 1975 enviada especialmente a Caldas Júnior, proprietário do Correio do Povo, relatando um contato de Gladstone Osório Mársico com nada menos que o escritor Érico Veríssimo.

Analisando as obras de Mársico, é notável em certos momentos que sua maneira de escrever tem influência de Verissimo, e ao mesmo tempo percebe-se como era fã incondicional do escritor celebre.

Na carta, ele relata a tentativa de contato via correspondência (com um exemplar de “Cogumelos de outono” como anexo), e a atenção respondida pelo autor de “O tempo e o vento”:

Meu primeiro contato com Érico Veríssimo, afora a leitura de seus livros, foi há uns quatro anos quando lhe mandei uma carta. Afinal, precisava me apresentar ao nosso maior escritor no momento em que me aventurava no lançamento daquele tijolo chamado Cogumelos de Outono (Mársico carta a Caldas Junior, 10/12/ 1975).

Para surpresa de Mársico, que não tinha esperanças na resposta, o escritor responde a primeira carta seguida de outras. A troca de correspondências foi tão influente naquele ano,

⁸⁸ Será sim produzida uma segunda edição em 1986, cuja edição possuo como objeto de estudo.

que ficaram amigos mais íntimos ao ponto de Érico Veríssimo convidá-lo e recebê-lo como visita em dado momento:

Passada uma boa temporada, resolvi visitá-lo com minha esposa. E foi aí mesmo que fiquei de quatro, embasbacado com grandeza de sua humildade. Nos recebeu de pé, com sua inseparável companheira Mafalda, e nos fez sala como se ali estivesse a visitá-lo um “colega de letras”, devidamente escoltado, tão ou mais afamado do que ele (Mársico carta a Caldas Junior, 10/12/1975).

Gladstone descreve a figura de Érico e demonstra a admiração que sentia pelo mesmo:

Jamais esquecerei aquele rosto, o ar de misticismo daquela casa, o universo de “toca”, a bondade que fugia de seus olhos, olhos de gato que já foi preto, agora cinza, em campos sem neve, acolhedores, profundos, livres... (Mársico carta a Caldas Junior, 10/12/1975).

No entanto, o que chama a atenção na carta foi a frase poética dada por Érico Veríssimo como resposta a leitura de “Cogumelos de Outono”:

Sete dias depois, veio a resposta: uma carta, agradecendo a minha, em que pedia exclusas por respondê-la de forma tão sucinta (dizia estar metido “nessa bolha iridescente para dentro do qual a gente entra quando está escrevendo um livro”) e tecia algumas considerações sobre o meu livro, que havia lido em Washington “quando o outono estava transformando as folhas das *mapples* e dos sicômoros em ouro, vermelho, amarelo...” (Mársico carta a Caldas Junior, 10/12/ 1975).

Mársico relata que “Caiu duro”. Surpreendeu o fato de o grande escritor gaúcho ter tido tempo de ler a obra que lhe deu tanto trabalho para ser desenvolvida e que lhe gerava inúmeras emoções, expectativas e anseios intensos.

Talvez fosse esse o verdadeiro objetivo de Gladstone, como também de outros escritores mundo afora, os conhecidos e que estão no anonimato, ou talvez aqueles que “bateram na trave”, como foi seu caso. O que mais consagra um autor de livros, ou podemos ampliar para outra arte qualquer, não é apenas a exaltação de sua obra ou de si próprio como escritor, mas enfim, o reconhecimento dos seus pares, das pessoas que passaram também pelo mesmo percurso, não importando as dificuldades, facilidades ou até que ponto chegou a sua arte.

E nada mais brilhante e fantástico que, desses pares que o reconheceu como escritor, ter sido o seu próprio “mestre” da arte de escrever, Érico Veríssimo. Entendemos, pois o próprio Caldas Junior precisava saber disso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se lembrarmos de um aspecto curioso, relacionado ao sentido estético de um livro, além de perceber a capa, contra capa e sinopse da obra, é quando observamos o seu número de páginas. Muitas pessoas que possuem o hábito de leitura ou mesmo outras que mais esporadicamente costumam ter esse sutil prazer, costumam olhar para essa característica já de antemão quando se deparam com um exemplar em suas mãos.

Se for um livro com muitas páginas, muitos costumam manifestar certo lamento, já pensando no sacrifício e demora para concluir a leitura (muitos deixam pela metade). Já outros, sentem um repentino entusiasmo e dão importância à quantidade de caracteres da obra, se propondo a fazer leitura como uma espécie de desafio para que possa posteriormente sentir um prazer em tê-la concluído.

Existem livros clássicos que possuem essa característica. Segundo o Guinness Book, um dos maiores livros do mundo foi escrito e lançado durante as três primeiras décadas do século XX pelo Francês Marcel Proust chamado “Em busca do tempo perdido”, possuindo mais de 3.000 páginas.

Já o clássico japonês “Musashi” escrito por Eiji Yoshikawa nos anos 30 do século passado, que é um dos livros mais vendidos no Japão até os dias atuais possui mais de 1700 páginas, divididos geralmente em dois volumes.

E novamente mencionando “Dom Quixote de La Mancha” de Miguel de Cervantes, este possuía em sua versão original mais de 1000 páginas, ultrapassando para além disso quando traduzido para o português.

Eram realmente “tijolos” de leitura. E foi esse sugestivo apelido, “O tijolo”, que Gladstone Osório Mársico e as pessoas envolvidas no processo de lançamento da obra apelidaram “carinhosamente” o livro. Segundo o diretor da Editora Movimento que lançou a obra na época, José Carlos Appel, quando Mársico aparece com a versão original de *Cogumelos de Outono*, havia nada mais nada menos que mais de 1400 páginas de manuscritos, que com insistência e muito manejo se reduziu para as então 733.

Não conheci pessoalmente o escritor, mas talvez o senso de minha imaginação fez com que acreditasse que ele não foi apenas satírico em seus textos e livros, mas desenvolvia o mesmo tipo de humor em seu comportamento, como vemos no exemplo dado acima. Em sua alma de artista que como muitos escolheu o dom da escrita, apesar de seu fim trágico (quem

diz que todos artistas de humor não podem sê-lo?), ele em sua vida teve a possibilidade de analisar e representar a sociedade em que vivia de maneira magnífica, pintando com cores os dramas do cotidiano sem sentido que muitas vezes levamos tanto a sério.

Foi essa característica de Mársico surpreendente que me fez estudar e trabalhar sobre sua obra magna, e tentar desvendar o mistério do seu estilo ao mesmo tempo detalhando o que tinha de realidade dentro de sua notória ficção.

Dentro de Cogumelos de Outono encontramos além do grande humor popular, muita história, conhecimento, política, como também o luxo detalhe de fazer nos sentirmos dentro de uma cidade completa, com suas ruas traçadas, imaginadas, onde caminhamos junto com os personagens engraçados e caricaturais, que na verdade, como os humanos da realidade, possuíam o dom de enfrentar seus problemas existenciais ao mesmo tempo que procuravam uma solução metafísica ou política para os problemas da humanidade.

Desde o começo, sabia da dificuldade de analisar a obra, não pela falta de elementos, mas pelo excesso de informações que o livro me trazia. Muitas vezes, me senti perdido em poder definir quais os caracteres que eu deveria me ater. Até então, sabia que o paralelo da ficção que continha muito do que havia na realidade de Gladstone e a cidade de Erechim era o objetivo principal a ser desvendado, no entanto, não tinha noção quais destes caracteres eram os melhores e mais evidentes para serem refletidos.

Cheguei à conclusão definitivamente que o que mais dava ênfase à obra eram os conhecimentos históricos colocados nele através de seus personagens, ou seja, passagens de tempo riquíssimas que foram usados com todos os detalhes. A grande jogada foi Gladstone ter usado Getúlio Vargas como um dos seus personagens em certo momento. Getúlio visitou a cidade de Erechim em algum momento da história, e também passou a visitar a fictícia Boa Vista de Bernardo e Fabrício. Portanto, era aí que tínhamos a ligação que me faria perceber onde se encontrava a realidade escondida dentro da ficção.

A partir daí fui encontrando outras ligações, outros personagens, outras histórias reais que adentravam as páginas do livro ao mesmo tempo que assimilava os aspectos urbanos. Muitas vezes, ao caminhar pelas ruas de Erechim, me deparava com certos lugares que, na minha memória, remetia ao livro. Isso era fantástico para mim, e assim, fiz a análise do livro por si só, evidenciando todos os seus aspectos contidos dentro da trama, os personagens fictícios e históricos, as ruas de Boa Vista, os movimentos políticos que aconteciam dentro da mesma, como também temores e amores pela Segunda Guerra Mundial. Aspectos ideológicos, como o movimento nazista e o deboche ao preconceito racial satirizados por Mársico também tinham que ser esboçados e analisados.

Eram os anos 30 e 40, e assim como os anos 20 do século passado, me direcionei ao estudo desta realidade, e desvendar o que havia de possibilidade enxergar Erechim dentro de Boa Vista. Tive que me remeter a origem, a história da cidade, assimilar as características originais do crescimento de uma cidade até chegar ao período em que se desenrola a ficção, e assim refletir sobre as semelhanças que se encontravam tanto no livro como no mundo real. Os locais até então lembrados através de meus passeios pela cidade eram então fotografados, perpetuados através de imagens, que junto com fotos antigas de arquivos me fizeram exemplificar e legitimar a possibilidade de que sim, havia semelhanças entre as cidades.

O mundo político daqueles anos imaginados no livro eram fervorosos, um mal-estar acontecia no mundo, era o fascismo e o nazismo do Duce e do Fuehrer. Para muitos, não parecia gerar tão mal-estar assim, ao contrário, era ponte de salvação da humanidade e talvez de suas existências. No Brasil o Integralismo de Plínio Salgado se seduz por aquilo que era dito ou não dito claramente, e confunde-se em distorções que não deixam de ter adeptos em todos cantos do país, inclusive na cidade de Erechim.

Assim como Gladstone usa de seu humor para satirizar esse movimento dentro do livro, com minha seriedade, procurei na história o que realmente aconteceu, quem eram e onde se situavam os “camisas verdes” na região do Alto Uruguai, quais eram os verdadeiros Bernardos e como se comportavam. Me questionei: A germanização e a italianização étnica tinham algum sentido para adeptos do movimento nesta pacífica cidade? Apesar de estar convicto que isso fazia sentido, aprendi nas pesquisas que o fator social e de classe era talvez muito mais preponderante do que apenas a origem dos seus descendentes.

Em certo momento, me propus a pesquisar no arquivo histórico e na Biblioteca de Erechim, para encontrar vestígios mais particulares em relação ao escritor e sua obra e que desse para esse trabalho um detalhe mais interessante.

A ideia era saber o que tinha por trás do desenvolvimento da obra e para minha surpresa, encontrei um acervo enorme com muitos escritos (agradeço minha antiga professora Ana Beatriz Sass por ter feito isto no passado), pois havia cartas, notícias de jornais e muitos manuscritos originais de Cogumelos de Outono (talvez o que sobrou do tijolo). Foi em uma tarde fria de outono aliás, que passei lá selecionando os trechos originais daquilo que poderia se tornar algo que poderia conter um outro ponto de vista.

Isso se tornou a cereja do bolo desta dissertação. E para isso, entusiasmado resolvi adicionar um capítulo a mais, o que denominei de “bastidores”. Em um texto mais curto, relembrei os momentos em que Gladstone cria sua obra, as expectativas e o lançamento da

mesma, as exposições na imprensa regional e nacional ao mesmo tempo que descrevi as cartas em tempos passados, presentes e futuros relacionados à construção da obra.

Neste momento foi quando percebi que a figura de Gladstone Osório Mársico estava definitivamente construída em minha mente. Percebi finalmente todo seu jeito satírico e picaresco, o modo como escrevia, e talvez assim como eu, lembrei de seus passeios pelos locais da cidade de Erechim para observar e recriar em fantasia as histórias e os personagens que humanizaram Boa Vista.

E por fim, Gladstone Osório Mársico se tornou mestre em escrever, ao ponto de em certo momento ter contato com outro mestre admirado por ele.

Com uma carta direcionada ao Caldas Júnior, um dos proprietários do Jornal Correio do Povo, ele relata de forma emocionada e muitas vezes melancólica, seu contato, trechos de conversas e um encontro que teve com o escritor Érico Veríssimo.

Esta última correspondência encontrada se tornou especial, e, portanto, não tinha como faltar no ponto final deste trabalho, me fazendo chegar à conclusão de que valeu a pena todo esse esforço em tentar e definitivamente desvendar nas minhas possibilidades, os excessos de elementos que continham “O tijolo Cogumelos de Outono”.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos

Álbum Fotográfico da História de Erechim. Editora Edelbra. Erechim, 2007.

BARBOSA, Adilson. **Comicidade e riso em Cágada, de Gladstone Osório Mársico.** Arquivo Maaravi. Revista digital de estudos judaicos da UFMG, 2011.

BARROS, Cleber de. **A ideologia do movimento tenentista.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

BIFFI, Luciana Angelice. **As complexas camadas do tempo histórico de Koselleck.** Fênix – Revista de História e Estudos Culturais, Janeiro - Junho de 2017 Vol.14 Ano XIV nº 1. Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

BORGES, Valdecir Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações.** Goiás: Revista de Teoria da História, Ano 1, n. 3, junho/ 2010.

BRIGHENTI, Clovis Antônio. **Povos indígenas em Santa Catarina.** Etno história, História Indígena e Educação: contribuições ao debate. Porto Alegre: Pallotti, 2012.

CHARTIER, R. **A verdade entre a ficção e a História.** In: SALOMON, M. (Org.). História, verdade e tempo. Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. **Debate: Literatura e História.** Topoi. Rio de Janeiro, 1999, nº1. p. 197-216.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Trad. Cleonice Paes e Consuelo Fortes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CONSTANTE, E. Bruno; GODINHO D. Raul. **Integralismo e nazismo no rio grande do Sul – a questão da imigração alemã na formação da extrema direita gaúcha.** UFRGS, 2018.

CRUZ, Natália dos Reis. **O Integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio.** Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

DIETRICH, Ana Maria. **Entre sigmas e suásticas: nazistas e integralistas no sul do Brasil.** In: SILVA, Giselda Brito. Estudos do Integralismo no Brasil. 2a ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

DILL, João Francisco Campello. **100 razões para viver sem medo de morrer: Uma breve história sobre os 100 anos de Erechim.** Erechim: Sem editora, 2019.

ESTIMA, Vinícius Marques. **A história da literatura do rio grande do sul, de Guilhermino César: O inventário do período de formação da literatura sul-riograndense.** FURG – Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

FEDRIGO, Camila Paese. Anauê! **O brado tupi-fascista do desdém aos direitos humanos.** XI Seminário de estudos históricos. Universidade FEEVALE, 2013.

FILHO, Orlando de Miranda. **“Por Cristo e pela Pátria!”: O integralismo e o PRP no Grande Erechim (1932 -1964).** Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URICER. Erechim, 2006.

FROSI, V. M. **A blasfêmia: suas interfaces em contexto bilíngue.** Domínios de Linguagem, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 76–109, 2012.

Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14279>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GERTZ, René. **Imigração, história, literatura: A segunda guerra mundial no Rio Grande do Sul.** RIHGRGS, Porto Alegre, n. 152, p. 97-113, julho de 2017.

_____. **O neonazismo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. **Integralismo, nazifascismo e “neonazismo” no sul do Brasil. Ciclo de Conferências e Seminários sobre o Fascismo e seus Impactos no Brasil e no Mundo, 90 anos após a Marcha sobre Roma.** Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), agosto/setembro de 2012.

GIARETTA, Jane G. Seminotti. **O grande e velho Erechim: Ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908 -1960).** Livro sem editora. Passo Fundo, 2008.

GOMES, Mariana De-Lazzari. **O olhar presente de Homero: a Ilíada e a Odisseia, de Aristóteles à contemporaneidade.** Darandina Revista Eletrônica. Universidade Federal de Viçosa, 2011.

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, 2014.

GROSGOUEL, Ramón. **Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde aimé césaire hasta loszapatistas.** Serie Encuentros: El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. BIBLIOTECA UNIVERSITARIA, 2012.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos.** São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

IRSCHILINGER, Fausto Alencar. **Perigo verde: O integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932 -1938).** UPF Editora. Passo Fundo. 2001.

LUVIZOTTO, CK. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MÁRSICO, Gladstone Osório. **Cogumelos de Outono**. Porto Alegre: Movimento, 2º Ed. 1986.

_____. **Cágada (ou a história de um município ao passo de)**. Porto Alegre: Movimento, 4º Ed. 2006.

_____. **Forúnculo**. Porto Alegre: Movimento, 1º Ed. 1994

MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **O uso da literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. VII Congresso Internacional de História. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2015.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Ensino de História, Diálogo intercultural e Relações Étnico-Raciais**. Educação & Realidade, vol. 42, núm. 1, pp. 59-77. UFRGS, 2017.

MURARI, Luciana. **A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-rio-grandense**. Anos 90. Revista do programa de graduação de história, UFRGS, 2010.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Reflexões em torno da relação entre História e Literatura**. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, p. 793-805, 2016.

PERIN, Jairo. **O tempo e o vento adaptado: A literatura que se vê**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

PESAVENTO, S. J **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Erechim: Retratos do Passado, Memórias do Presente. Editora Graffoluz. Erechim, 2012.

QUEIRÒS, César Augusto Bulboz. **A questão social no Rio Grande do Sul: Positivismo, Borgismo e a incorporação do proletariado à sociedade moderna**. Revista Mundos do Trabalho, v. 1, janeiro-junho de 2009.

RIBAS, Antonio de Lara. **O punhal nazista no coração do Brasil**. 2.^a ed. Florianópolis – Imprensa Oficial, 1944.

RODRIGUES. Gláucia E. Zinani. **Cágada: ficção e realidade na colônia judaica de quatro irmãos**. Revista Historiador Número 10. Ano 10, 2018.

RUCKERT, Fabiano Quadros. **A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul: uma abordagem na perspectiva da História Comparada**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Vol. 5 Nº 10, Dezembro de 2013.

SANTOS, Miriam de Oliveira; ZANINI Maria Catarina. **Especificidades da identidade de descendentes de italianos no sul do Brasil: Breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria**. Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia, 2010.

SANTOS, Maycon Vieira dos. **Os sentidos do trabalho no Brasil Vargasista: História, discurso e atualidade**. Revista Humanidade e Inovação v.8, nº 36, São Paulo, 2021.

SASS, Vera Beatriz. **O Satírico e o Picaresco em Gladstone Osório Mársico**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

SORJ, Bernardo. **Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 90-109.

SOUZA, Isaias Martins; PEREIRA, Ariovaldo Lopes. **Literatura, história e memória: Aproximações pertinentes**. in: comunicações e humanidades. nº5, 2016.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo (o fascismo brasileiro da década de 30)**. Difusão Editorial S.A; São Paulo, 1979.

VASCONCELOS, Sandra G. T. **O romance como gênero planetário: a cultura do romance. Crítica: novos estudos CEBRAP**. São Paulo, 2010.

Jornais

AUTOR “Novidades: Cogumelos de Outono”. **Correio do Povo**. Rio Grande do Sul. 06 de Janeiro de 1972. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

“**Livros: Cogumelos de Outono**”. Jornal Folha da Manhã. Rio Grande do Sul. 06 de Janeiro de 1972. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

Albino, Aldo. “**Cogumelos de Outono**”. **Correio do Povo**. Rio Grande do Sul. 25 de Janeiro de 1972. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

“**Humor por atacado**”. **Correio do Povo**. **Correio do Povo**. Rio Grande do Sul. 04 de Janeiro de 1972. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

Tochetto, Sergio W. “**Livros: Cogumelo de Outono**”. Jornal Folha da Tarde. Rio Grande do Sul. 14 de Março de 1972. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

Perez, Mario Araz. “**Um cão chamado Epaminondas**”. **Correio do Povo**. Rio Grande do Sul. 13 de Maio de 1972. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

Literatura: “**A espera do Fuherer**”. Revista Veja. nº 187. Editora Abril. 05 de Abril de 1972 p.88. Disponível na Biblioteca Municipal de Erechim.

Cartas

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Cônsul Japonês. Erechim, 15 de Outubro de 1969. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Dr. Ajadil. Erechim. 08 de Novembro de 1971. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Dr. Ajadil. Erechim, 04 de Janeiro de 1972. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Telegrama]. Destinatário: Breno Caldas. Erechim, sem data encontrada. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Dr. Ajadil. Erechim, 14 de Janeiro de 1972. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Coronel Getúlio Zanchi. Erechim, 10 de Fevereiro de 1972. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Ana Einseberg Erechim, 02 de Março de 1972. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Jorge Moreira. Erechim, 13 de Março de 1972. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Editora Movimento. Erechim, 22 de Julho de 1974. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Telegrama]. Destinatário: Aldo Albino. Erechim, 1974. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Dr. Ajadil. Erechim, 04 de Janeiro de 1972. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Hélio Pólvora. Erechim, 1974. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Ernani. Erechim, 05 de Dezembro de 1974. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Antônio Hohlfeldt. Erechim, 05 de Agosto de 1975. Autografado.

MÁRSICO, Gladstone O. [Correspondência]. Destinatário: Dr. Caldas Junior. Erechim, 10 de Dezembro de 1975. Autografado.

ANEXOS

Edição de 1986 de Cogumelos de Outono



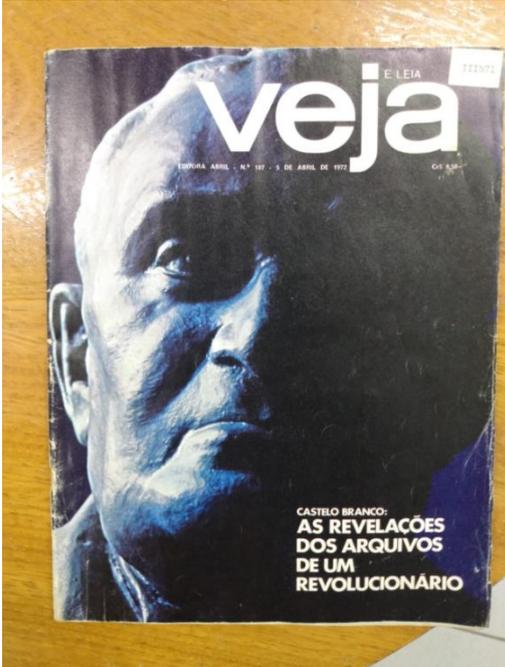
Fonte: Acervo particular

Objetos de uso profissional de Gladstone Osório Mársico



Fonte: Acervo na Biblioteca Municipal de Erechim

Edição revista veja com crônica literária ao livro: “À espera do Fuehrer”

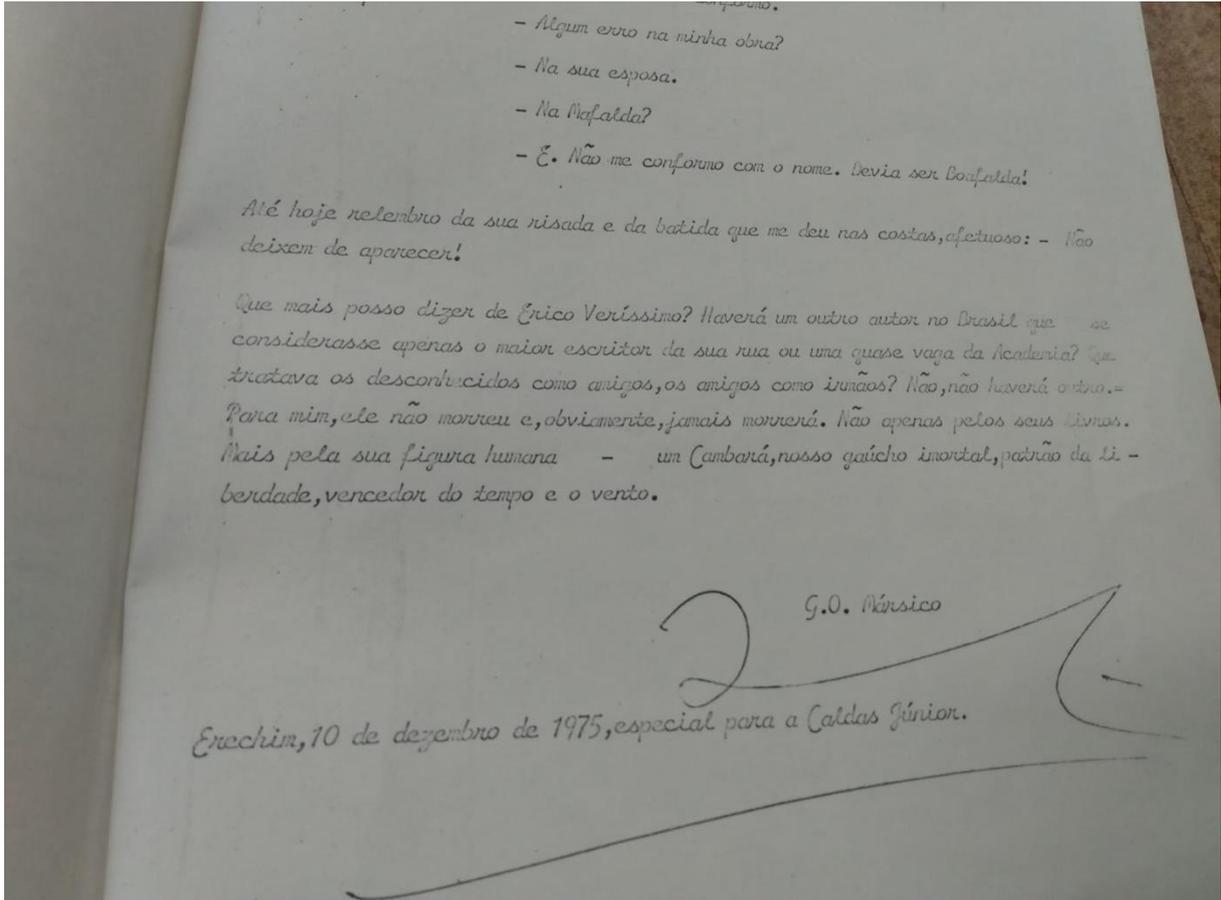


na Biblioteca Municipal de Erechim

Fonte: Acervo

Anúncio literário no jornal Folha da Tarde e Correio do Povo

Trecho da carta a Caldas Júnior relatando encontro com Érico Veríssimo



Fonte: Acervo na Biblioteca Municipal de Erechim